

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ECONOMIA

DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E URBANIZAÇÃO  
NAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DE  
SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E  
DE ARAÇATUBA

Luiz Antonio Teixeira Vasconcelos

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Instituto de  
Economia da UNICAMP sob a  
orientação do Prof. Dr. Wilson  
Canot

Campinas

Fevereiro - 1992

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

*Este exemplar  
corresponde ao  
original da tese  
defendida pelo aluno  
Luiz Antonio Teixeira  
Vasconcelos em 28.02.92 e  
orientada pelo Prof. Dr.  
Wilson Canot.*

*WPS  
m  
J. Vasconcelos*

Para Lucinha e André.

À memória de meu pai, o velho Luiz.

Para D. Martha, minha mãe; e a mãe dela, Vó Líbera.

Trocar o Logos da posteridade,  
Pelo logo da prosperidade.  
Eis o papel da grande cidade,  
Eis a função da modernidade.

Gilberto Gil, Logos versus logo (1985)

## AGRADECIMENTOS

A elaboração desta dissertação dependeu de ajuda de diversas naturezas. Várias pessoas participaram, direta ou indiretamente, em distintas partes do trabalho e é justo citá-las e tornar público o agradecimento do autor, mesmo correndo o risco de esquecer alguém.

Aos professores Ulysses Cidade Semeghini e Wilson Cano. Ao velho amigo e companheiro Ulysses pelo convite solidário, num momento difícil, para participar de pesquisa do Núcleo de Economia Social, Regional e Urbana, o que abriria o caminho para esta dissertação; depois, principalmente nos momentos finais da redação, pela paciência na leitura e releitura críticas do texto.

Ao caro professor, orientador e amigo Wilson, pela idéia do trabalho e a certeza de que, com sua ajuda, eu conseguiria executá-lo; a demora em fazê-lo, apesar dos seus diversos "empurrõezinhos", e, as incorreções na estrutura e conteúdo que tenham resistido às observações do orientador, devem ser atribuídas, exclusivamente, às minhas inúmeras limitações.

Aos professores José Newton Cabral Carpintéro, José Walter Martinez e Miguel Juan Bacic. Aos caros amigos, Zé Newton e Miguel, antigos parceiros em muitos trabalhos, pelo despreendimento solidário em assumir encargos

adicionais nas nossas atividades conjuntas, possibilitando minha dedicação mais concentrada ao término da dissertação.

Ao velho amigo e companheiro de muitas lutas, Zé Walter, além da parceria solidária em inúmeros trabalhos, pela satisfação da estimulante convivência profissional e política e pelo incentivo sempre presente.

Aos professores e pesquisadores do Núcleo de Economia Social, Regional e Urbana do Instituto de Economia, os velhos amigos, Gustavo e Pacheco; os novos, Flora, Áurea, Rovená, Fátima, Marli, Heládio e Laura, pelas estimulantes discussões em torno da temática social e urbana.

À professora Elisabeth Silveiras Pompeu de Camargo, a querida Beth, pelo exemplo de força e competência e pelo convívio intelectual estimulante.

Aos funcionários, Susete, Ana Diva, Pedro, Roseli e Rosângela, pela paciente e competente ajuda na utilização dos diversos programas redatores de textos. À Susete, em especial, pelo "bordado" do texto final.

Nas cidades onde foram realizadas as pesquisas de campo, muitas pessoas prestaram ajuda preciosa.

Em São José do Rio Preto, Sr. Laerte Teixeira da Costa, secretário municipal do Planejamento (Semplan); arquiteto Milton Faria de Assis Jr., diretor do Departamento de Trânsito; engenheiro José Américo Colombo Jr., coordenador de projetos da Semplan; Prof. Dimas Fernandes, diretor de Finanças da Semplan e sua assistente Sra. Emilia M.M. de Toledo Leme; Prof. Clóvis Sanfelice, da Divisão

Regional de Ensino; Profa. Nilce A. Lodi diretora do Comdephact e ao arquiteto Luiz Carlos de Lima Bueno.

Em Araçatuba ao arquiteto Sr. Oldemar Pazian, diretor da divisão de aprovação de projetos da Assessoria de Planejamento Municipal; Profa. Heda Vilma Henning Fracat, secretária municipal de Cultura; senhores Edélcio Ferreira Araújo, presidente e Luiz Carlos Dini, relator do Conselho Deliberativo da Associação Comercial e Industrial de Araçatuba.

Tais pessoas estão isentas, evidentemente, de qualquer responsabilidade sobre as análises originadas das informações e entrevistas por elas fornecidas, que pesa exclusivamente sobre o autor.

## ÍNDICE

|                                                                                                                                                                                                   |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| APRESENTAÇÃO                                                                                                                                                                                      | i  |
| CAPÍTULO 1 : CAFÉ, ALGODÃO E URBANIZAÇÃO NAS REGIÕES DO OESTE DE SÃO PAULO ENTRE 1880 E 1940.                                                                                                     | 1  |
| 1.1. As regiões do oeste paulista entre 1880 e 1919-20: a chegada do café e das ferrovias.                                                                                                        | 7  |
| 1.2. Evolução econômica das regiões do oeste entre 1921 e 1940: liderança cafeeira no segundo ciclo longo do café, crise cafeeira, expansão algodoeira e recuperação econômica na década de 1930. | 15 |
| 1.3. O início do processo de urbanização da porção oeste de São Paulo                                                                                                                             | 29 |
| a) Área de influência de São José do Rio Preto.                                                                                                                                                   | 31 |
| b) Área de influência de Araçatuba.                                                                                                                                                               | 37 |
| c) Área de influência de Marília.                                                                                                                                                                 | 42 |
| d) Área de influência de Presidente Prudente.                                                                                                                                                     | 48 |
| CAPÍTULO 2 : CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO OESTE PAULISTA: EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE E NOVAS FUNÇÕES URBANAS (1940-1990).                                                   | 57 |
| 2.1. Industrialização e urbanização das Regiões Administrativas do oeste do estado: consolidação da rede de cidades, "estabilização" demográfica.                                                 |    |

|                                                                                                                                                                 |         |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| modernização agrícola, "esvaziamento" do campo e<br>concentração urbana.                                                                                        | 65      |
| Tabelas                                                                                                                                                         | 79      |
| 2.2. Região Administrativa de São José do Rio Preto.                                                                                                            | 87      |
| 2.3. Região Administrativa de Araçatuba.                                                                                                                        | 105     |
| <br>CAPÍTULO 3 : IMPACTOS DA DINÂMICA ECONÔMICA E DA URBANI-<br>ZAÇÃO REGIONAIS SOBRES AS CIDADES DE SÃO<br>JOSÉ DO RIO PRETO E ARAÇATUBA ENTRE 1970 E<br>1990. | <br>125 |
| 3.1. São José do Rio Preto: avanço do processo de<br>urbanização na maior cidade do Oeste paulista.                                                             | 126     |
| 3.1.1. Processo recente de urbanização.                                                                                                                         | 130     |
| a) Evolução econômica e rebatimentos urbanos                                                                                                                    | 130     |
| b) Evolução físico-territorial e do uso e<br>ocupação do solo                                                                                                   | 133     |
| - Principais indutores da ocupação e do<br>crescimento da área urbana.                                                                                          | 140     |
| - Tendências do crescimento da área<br>urbana.                                                                                                                  | 143     |
| c) Evolução do setor Terciário.                                                                                                                                 | 145     |
| 3.2. Araçatuba: um centro regional dinâmico com ritmo<br>moderado de urbanização.                                                                               | 151     |
| 3.2.1. Processo recente de urbanização                                                                                                                          | 153     |
| a) Evolução econômica e rebatimentos urbanos.                                                                                                                   | 153     |
| b) Evolução físico-territorial e do uso e<br>ocupação do solo.                                                                                                  | 155     |

|                                                                     |         |
|---------------------------------------------------------------------|---------|
| - Principais indutores do crescimento e da ocupação da área urbana. | 165     |
| - Tendências de crescimento da área urbana.                         | 171     |
| c) Evolução do setor Terciário.                                     | 174     |
| <br>CONSIDERAÇÕES FINAIS.                                           | <br>185 |
| <br>ANEXO DE MAPAS E REGIONALIZAÇÃO DO OESTE                        | <br>191 |
| <br>BIBLIOGRAFIA                                                    | <br>197 |

## APRESENTAÇÃO

O trabalho aqui apresentado caracteriza-se, em termos do seu conteúdo e estrutura, como um estudo de história econômica.

Seus objetivos gerais estão relacionados com a investigação do desenvolvimento econômico e do processo de urbanização de duas regiões vizinhas (São José do Rio Preto e Araçatuba) localizadas na porção oeste do estado de São Paulo, que até cerca de trinta e cinco ou quarenta anos atrás era a fronteira de ocupação do estado e, por isso, então denominada de "Oeste Pioneiro".

O problema mais importante a ser examinado consiste na explicação das formas particulares pelas quais se desenrolou o processo de urbanização dessas regiões, especialmente no período recente, entre 1970 e 1990, quando se alteraram a natureza e a dinâmica da urbanização interiorana, no bojo do processo de desenvolvimento econômico do estado de São Paulo.

Em outras palavras, o principal problema do trabalho envolveu a resposta às seguintes questões: - Quais fenômenos ou que aspectos do movimento econômico mais geral responderam pelas transformações que deram origem ao processo econômico e à urbanização na porção oeste do estado (o "Oeste Pioneiro") especialmente nas regiões de São José do Rio Preto e de Araçatuba ? - A partir de que base

econômica, social e urbana avançou o processo de integração econômica de tais regiões à dinâmica das transformações mais gerais em curso no país e no estado de São Paulo ? - Quais as especificidades que marcaram essas transformações nas várias regiões que compõem o chamado "Oeste Pioneiro", particularmente nas Regiões Administrativas de São José do Rio Preto e de Araçatuba ? Finalmente, - Quais os principais impactos do desenvolvimento econômico regional sobre seus principais centros urbanos nos últimos vinte anos ou, especificamente, como as cidades de São José do Rio Preto e Araçatuba enfrentaram as demandas criadas pelo dinamismo das suas respectivas economias regionais ?

O exame dessas questões envolveu ampla análise retrospectiva abrangendo um período histórico que inicia-se no final do século XIX indo até 1990. Desde 1880 até 1970, tratou-se de analisar o processo de ocupação originário, a consolidação e a diferenciação regional do desenvolvimento econômico e da urbanização no oeste paulista. A partir de 1970, dentro do processo de avanço modernizante do capitalismo no sentido do interior paulista, o chamado processo de "interiorização do desenvolvimento econômico", procurou-se examinar a evolução do movimento de diferenciação regional do oeste do estado diante das novas condições colocadas pelo processo econômico brasileiro.

As bases sobre as quais assentou-se este processo constituíram-se, de um lado, no movimento de modernização da agricultura e da pecuária do estado e, de outro, articulado

ao primeiro, na intensa integração agro-industrial da produção interiorizada, especialmente dos produtos energéticos e de exportação como são os casos, respectivamente, para citar apenas dois exemplos, da cana-de-açúcar para a produção de álcool carburante e da laranja para a produção de concentrados citrícos para a exportação.

Esse processo de desenvolvimento econômico atingiu todo o interior paulista embora seus efeitos (ou suas manifestações concretas) tenham sido diferenciados para as várias regiões interioranas. Para algumas, significou a consolidação da hegemonia no exercício de funções urbanas complexas que já vinham sendo desenvolvidas desde, pelo menos, o início dos anos cinquenta. Exemplos de regiões com estas características são as de Campinas e de Ribeirão Preto.

Para outras regiões, esse processo implicou uma verdadeira "revolução urbana" e envolveu a ocorrência de fenômenos demográficos de profundo significado social, cujos efeitos alteraram, em pouco mais de duas décadas, as relações sociais rurais, urbanas e rurais-urbanas, intra e inter-regionais e transformaram os principais centros urbanos, especialmente os municípios sedes das Regiões Administrativas em "polos" de concentração populacional desproporcionais ao ritmo de crescimento da oferta de empregos e das demais condições materiais de existência social urbana, tais como, Saúde, Habitação, Educação, Transportes, etc. Isso acarretou consequências deletérias

sobre o antigo "pacato e saudável" padrão de vida usufruído pelos habitantes destas cidades, introduzindo nelas uma nova realidade social, cuja dramaticidade era sentida, até então, apenas nas maiores cidades do país. São exemplos deste segundo caso as regiões que serão objeto deste estudo, São José do Rio Preto e Araçatuba, entre outras, situadas na faixa compreendida entre os eixos noroeste e sudoeste do estado.

A escolha das Regiões Administrativas de São José do Rio Preto e de Araçatuba para o estudo proposto deu-se pelas seguintes razões.

Em primeiro lugar, por tratar-se, ao longo do período estudado, de regiões onde a intensidade do avanço modernizante do capitalismo se fez sentir de maneira particularmente forte, embora com diferenciações ao nível do processo econômico e da urbanização resultante: cada uma delas vai apresentar características específicas em vários aspectos do processo de urbanização em função dessas diferenciações.

Além disso, foram escolhidas "Regiões Administrativas" como referência para o estudo porque correspondem a unidades político-administrativas para as quais se dispõem de séries estatísticas de diversas naturezas (por exemplo: demográficas, agrícolas, pecuárias, industriais, etc.) que ao lado dos levantamentos efetuados por pesquisa direta puderam compor um quadro empírico básico para a investigação que se pretendia.

Finalmente, e muito importante, a escolha deveu-se ao fato de que o autor foi responsável pelos relatórios finais, bem como pelos levantamentos de campo, de duas pesquisas que envolveram a região de São José do Rio Preto e de uma relativa a região de Aracatuba, todas desenvolvidas junto ao Núcleo de Estudos de Economia Social, Urbana e Regional do Instituto de Economia da Unicamp, nos anos de 1989 e 1990.<sup>41</sup>

Em termos metodológicos o trabalho aqui apresentado procura situar-se ao lado de vários estudos regionais<sup>42</sup> realizados com o objetivo de apreender as características do processo de interiorização do desenvolvimento econômico de São Paulo, o dinamismo econômico regional diferenciado e o padrão de urbanização resultante.

A começar pelas regiões de desenvolvimento econômico mais antigo (Campinas, p.ex.) até regiões de ocupação relativamente mais recente (Marília, p. ex.) vários centros urbanos regionais do interior já foram investigados no sentido de apreender as especificidades do desenvolvimento urbano interiorizado e mostrar as principais consequências e resultados do processo de urbanização dessas áreas.

<sup>41</sup> Ver Vasconcelos, Luiz A.T.(1989, 1990a e 1990b), textos que compõem respectivamente os relatórios finais das pesquisas: Estado e Capital Mercantil Urbano (1989) e São Paulo no Limiar do século XXI (1990).

<sup>42</sup> Entre eles: Gonçalves, M. Flora(1982); Semeghini, Ulysses C.(1988); Pacheco, C.A(1988); Zimmermann, Gustavo(1988).

As especificidades ficam por conta do intenso dinamismo econômico e urbano que pode ser verificado em várias regiões do interior paulista em momentos nos quais a atividade econômica do conjunto do estado e do país encontravam-se praticamente estagnadas; as consequências e os resultados estão fartamente demonstrados pela repetição dramática, nas maiores cidades do interior, dos problemas sociais e urbanos da metrópole, ou seja, as carências nas áreas de Habitação, Saneamento Básico, Transportes, Saúde Pública, Educação, etc.

Cabe ressaltar que a escolha de unidades político-administrativas tais como as chamadas "Regiões Administrativas" para objetos de análise, se, de um lado, como foi dito acima, coloca à disposição uma importante gama de informações estatísticas, de outro, impõe uma "divisão" ou um "recorte" regional que esconde relações entre cidades ou municípios de regiões distintas ou ainda uma certa unidade econômica e de infraestrutura entre duas regiões vizinhas. Assim, há cidades de uma região que mantêm fortes relações com centros urbanos de outras, pela proximidade geográfica ou mesmo pela evolução histórica; há conjuntos de cidades ou "partes" de uma região que "absorvem" características econômicas de outras e assim por diante.

Em inúmeras passagens do trabalho será necessário mostrar concretamente estas relações inter-regionais de forma a garantir a consistência da análise, em que pese o

fato de que o trabalho esteja referido a regiões estritamente determinadas.

A região de São José do Rio Preto caracterizou-se, nos últimos vinte ou vinte e cinco anos como um região de intenso dinamismo populacional, econômico e urbano o que acarretou a transformação do município-sede num "polo" de forte crescimento demográfico e atração migratória intra e inter-regional. Por seu turno, a região de Araçatuba apresentou uma dinâmica urbana menos intensa que a de S. J. do Rio Preto mas ostentou um notável desempenho econômico, especialmente das atividades agropecuárias que concentraram na região importantes segmentos produtores e comerciais da pecuária, cujas características, em termos da sua base técnico-produtiva, impôs um ritmo menos intenso de urbanização regional e resultou numa rede urbana relativamente menos polarizada que a de Rio Preto, além de um município-sede menos populoso.

Ambas as regiões estudadas foram incorporadas ao movimento econômico do estado de São Paulo de forma semelhante, ou seja, via a economia cafeeira do início do século XX - o segundo grande ciclo cafeeiro - e o avanço da cotonicultura na década de 30, desenvolvendo-se em ritmo semelhante até por volta dos anos sessenta.

As hipóteses utilizadas no presente trabalho, de forma semelhante à de vários trabalhos citados, tratam de explicar os processos particulares da urbanização de regiões do interior paulista, através da análise integrada -

histórica, econômica, política, geográfica, demográfica e em vários "cortes" e "intersecções" dessas disciplinas- das manifestações concretas do padrão de acumulação capitalista (ou do avanço da divisão social e territorial do trabalho) nas regiões examinadas, partindo, de início, da periodização já utilizada em diversos trabalhos tencionando assim chegar a uma síntese conclusiva que, no interior dessa periodização mais geral, explicita os períodos históricos relevantes para as regiões estudadas<sup>(a)</sup>.

Além dessas hipóteses de caráter mais geral foram utilizadas outras mais específicas, que explicam o desenvolvimento econômico do interior paulista no período recente -os últimos vinte anos. Estas hipóteses estão relacionadas ao papel desempenhado pelo Estado no desenrolar destes processos de urbanização interiorizados, não só quanto às políticas diretamente direcionadas para certas regiões (consubstanciadas em planos, programas, incentivos ou subsídios específicos) como também quanto aos reflexos regionais de políticas econômicas mais amplas.

Ilustram essas políticas, por exemplo, os planos de incentivos às exportações, os programas de substituição de fontes energéticas (o Próálcool), os programas de aparelhamento ou modernização de serviços públicos urbanos (o programa de Cidades Médias), os programas municipais ou

<sup>(a)</sup> Sobre as propostas metodológicas ver Cano, Wilson (1985b) e Gonçalves, M. Flora (1986). Sobre a sua aplicação em análises concretas ver os trabalhos do Núcleo de Economia Social, Regional e Urbana do IE/UNICAMP, particularmente os três volumes publicados em 1988 e 1989 pelo SEADE, Coleção Economia Paulista, "A interiorização do desenvolvimento econômico no estado de São Paulo (1920-1980)".

estaduais de incentivos e subsídios à localização ou realocação de plantas industriais em determinados municípios do interior paulista (os Distritos Industriais), entre outros.

Ainda no plano das hipóteses que contemplam o papel do estado e da política econômica há que considerar-se a intencionalidade<sup>4</sup> do deslocamento para o interior de um número crescente de atividades econômicas, a chamada "descentralização industrial".

Embora formulado e explicitado com pretensas intenções de cunho "desenvolvimentista", o objetivo da política econômica estadual quando incentivou este processo foi o de eliminar, aliviar ou atenuar o "caos urbano" vigente na metrópole paulista e que no final da década de sessenta assumiu um potencial explosivo crescente.

É sabido que o problema da metrópole não foi resolvido e, dessa forma, a explicação que essa hipótese propiciaria seria a de que a partir de meados dos anos setenta também no interior paulista (nos seus maiores centros urbanos) podem ser encontradas manifestações do fenômeno do "caos urbano", cuja expressão mais visível está na proliferação dos problemas sociais nas maiores cidades, num ritmo intenso e crescente.

Essa hipótese pode ser facilmente verificada nos principais centros urbanos do oeste de São Paulo, bastando para isso anotar nos últimos quinze ou vinte anos a

<sup>4</sup> Cano, Wilson (1988a).

crescente presença do Estado, principalmente do Poder Público Municipal na tentativa (muitas vezes através de iniciativas contraditórias ou demagógicas) do equacionamento dos problemas sociais dessas cidades, em especial as questões da habitação popular - ao lado ou na ausência dos governos federal e estadual- e na definição - ao lado do interesse urbano privado - das condições gerais da ocupação das periferias dessas cidades.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro foi dedicado à tentativa de breve revisão histórica do processo de ocupação e integração econômica originários das regiões do oeste paulista, no período que estendeu-se de 1880 a 1940 e assentou-se inicialmente na economia do chamado complexo cafeeiro. Em seguida, na recuperação da "crise de 1929" escorou-se também na economia algodoeira culminando com o início da urbanização e formação das diversas áreas de influência regionais.

O segundo capítulo tratou de apontar, também no plano de retrospectiva histórica, os principais aspectos que envolveram a consolidação da urbanização das regiões do oeste do estado da década de 1940 em diante, no contexto do processo de industrialização brasileiro e do seu desenrolar no estado de São Paulo. Nas duas seções finais deste capítulo procedeu-se a uma análise destacada e específica das duas Regiões Administrativas do oeste que foram objeto do trabalho, São José do Rio Preto e Araçatuba, para propiciar a observação das especificidades que marcaram o

desenvolvimento econômico e a urbanização regionais, especialmente nos últimos vinte anos.

Finalmente, o terceiro capítulo foi destinado à análise dos principais rebatimentos do desenvolvimento econômico regional dos últimos vinte anos, sobre a dinâmica urbana dos municípios de São José do Rio Preto e Araçatuba, sedes de suas respectivas Regiões Administrativas.

## CAPÍTULO 1: CAFÉ, ALCODÃO E URBANIZAÇÃO NAS REGIÕES DO OESTE DE SÃO PAULO ENTRE 1880 E 1940.

Os primórdios do movimento de ocupação de terras da ampla porção oeste do estado de São Paulo, datam de meados do século dezenove, entre 1850 e 1860, de maneira ainda pouco intensa e bastante esparsa.

Desde o norte, adiante de Ribeirão Preto e na direção das futuras regiões de São José do Rio Preto e de Aracatuba, passando pelo centro e centro-sul para frente de Araraquara, São Carlos e Botucatu, no sentido das futuras regiões de Bauru, Marília e Presidente Prudente, a ocupação fez-se lentamente, por deslocamento de pequenos contingentes populacionais, especialmente de lavradores e criadores de bovinos e suínos vindos do estado de Minas Gerais.<sup>44</sup>

Esse movimento inicial, além de esparsa, foi isolado do movimento econômico do conjunto do estado, embora muitas das localidades que iriam tornar-se importantes centros urbanos e econômicos regionais, tenham sua história iniciada nessa época.

A integração dessa ampla área do estado de São Paulo à economia paulista fez-se predominantemente através da cafeicultura.

Por volta de 1880 já registrava-se a presença da cultura do café em vários municípios localizados no setor

<sup>44</sup> Monbeig, P. (1984); Leite, M. (1961).

central do estado, nas fronteiras com o oeste, como são os casos de Bocaina, Jau e Lençóis.

Entre os anos de 1886 e 1930, a ampla porção do território paulista que abrange aproximadamente as atuais Regiões Administrativas de São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília, Presidente Prudente e Bauru, além de alguns municípios fronteiriços das Regiões Administrativas de Ribeirão Preto e Sorocaba, e que Milliet chamou, no seu clássico trabalho, de "zonas novas" da cafeicultura paulista, passou a liderar o cultivo e a produção cafeeira paulista e nacional. Esse conjunto corresponde a uma vasta área atravessada, ao norte pela ferrovia E.F.Araraquarense, ao centro pela E.F.Noroeste do Brasil e pela Cia.Paulista de E.F. e, ao sul, pela E.F.Sorocabana.

Os registros indicam que a contribuição relativa dessa área para o total do café produzido em terras paulistas, evoluiu de 5,5% em 1886, para 29,6% em 1920 e 64,0% em 1935. Nesses mesmos anos a população total aí radicada cresceu de cerca de 100 mil pessoas para cerca de um milhão e de 2,1 milhões de habitantes, respectivamente.

Ademais, a partir de 1920 essa área passou a responder também por importantes frações da produção paulista de alimentos e matérias primas tais como, arroz, feijão, milho e algodão. Em meados dos anos trinta participou com forte peso relativo do movimento de expansão da cultura e da produção algodoeira, que seguiu-se à crise cafeeira do início da década.

Contido nessa área está o espaço que, na época, convencionou-se chamar de "Oeste Pioneiro" representado pelo conjunto das áreas de influência que foram se formando em torno dos municípios mais importantes, entre eles São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília e Presidente Prudente e que correspondia às fronteiras ocidentais da ocupação do território paulista.<sup>(\*)</sup>

O período de 1880 a 1940 correspondeu, assim, ao início do processo de urbanização no oeste do estado. Nesse capítulo inicial proceder-se-á a uma rápida revisão histórica dos principais aspectos econômicos e demográficos que marcaram esse momento da urbanização do oeste, e em especial no espaço que corresponderia, futuramente, às Regiões Administrativas de São José do Rio Preto e Araçatuba.

Para guiar a exposição deste capítulo foram escolhidos dois períodos que marcaram o desenvolvimento do processo histórico mais amplo, referente ao país e ao conjunto do estado de São Paulo, e, simultaneamente, a evolução das formas de articulação do espaço estudado, ele próprio em contínua expansão, ao processo econômico e social mais geral. Essa periodização auxilia a compreensão da

<sup>(\*)</sup> Ao longo de todo o texto estaremos nos referindo ao espaço denominado de "oeste" de São Paulo. Para os objetivos do nosso trabalho esse espaço está precisamente determinado. Trata-se do conjunto das Regiões Administrativas de São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília e Presidente Prudente na configuração que assumiram (em termos dos municípios que as compõem), na divisão político-administrativa do estado oficializada em 1971. Por outro lado em diversas passagens serão focalizados espaços que representam aproximações dessa área, em função das referências regionais utilizadas pelas estatísticas disponíveis. Sempre que necessário serão feitos, em pontos específicos do texto, esclarecimentos quanto à amplitude dessas aproximações ou de eventuais restrições ao uso das estatísticas disponíveis.

dinâmica econômica e urbana desse espaço. Tais períodos estão contidos na periodização mais ampla que corresponde ao movimento geral da economia brasileira entre 1880 e 1930 e que resulta, principalmente, da acumulação cafeeira.<sup>(2)</sup>

O primeiro vai de 1886-88 a 1919-20 e corresponde ao primeiro "ciclo longo do café" que para o conjunto do país significou a consolidação da economia capitalista exportadora cafeeira. Esse primeiro ciclo cafeeiro compôs-se de duas etapas: a primeira expansiva, entre 1886 e 1897 e a segunda de desaceleração do plantio, de 1898 a 1919-20; a produção cafeeira paulista triplicou e permaneceu em torno de dez milhões de sacas nas duas primeiras décadas do século. Para a região estudada significou o primeiro grande "rush" da produção cafeeira e, também, um grande salto populacional, propiciados pela enorme expansão da rede ferroviária paulista, que atingiu também essa região, a partir de 1908-1912.

O segundo, de 1921 a 1930 tem como referência fundamental o "segundo ciclo longo do café", mais especificamente sua fase expansiva que encerrara-se em 1929-30 e que, para o Brasil, culminou com a crise cafeeira e a perda da hegemonia do capital cafeeiro sobre o processo de acumulação.

Contudo, o segundo período foi forçosamente estendido passando a abranger também a década de trinta. Isso foi feito pela imposição do uso de informações

<sup>(2)</sup> Kello, J.M.C. (1975), p. 131.

econômicas e urbanas regionais que só estão disponíveis a partir dos anos trinta, em especial pelo fato de não ter havido Censo em 1930 e também porque a área estudada, por tratar-se então da principal fronteira agrícola do estado, apresentou especificidades quanto à sua dinâmica econômica face à crise, tanto em relação ao retardamento na redução do plantio do café, como na antecipação da recuperação econômica, particularmente com a cotonicultura.<sup>44</sup>

Além da periodização resumida acima, a exposição deste capítulo estará referenciada ao conceito de complexo econômico, em especial o do "complexo cafeeiro capitalista de São Paulo", da forma em que foi desenvolvido para propiciar o entendimento das diferentes dinâmicas econômicas, sociais e urbanas apresentadas pelos diversos sistemas econômicos regionais brasileiros.<sup>45</sup> Tais diferenças manifestaram-se, ao longo das distintas etapas do desenvolvimento do Brasil, tanto em função das variadas formas com que ocorreu nas diversas regiões do país, da estrutura de suas economias e dos variados graus de interrelacionamento entre seus principais componentes.

O complexo cafeeiro paulista estruturou-se sobre uma ampla e diversificada base de atividades econômicas: o

<sup>44</sup> Dessa dinâmica pode-se fazer uma idéia a partir dos dados econômicos-cafeeiros e populacionais contidos no trabalho de Milliet, S. (1939), das informações sobre a evolução da produção agrícola, em especial da expansão da cotonicultura, baseadas nas Estatísticas Agrícolas e Zootécnicas obtidas nos trabalhos de Kageyama, A.A. (1979) e de Albuquerque, R.H.P.L. (1982) e das informações demográficas do Censo de 1940.

<sup>45</sup> Esse conceito e a análise do desenvolvimento do complexo cafeeiro paulista e dos seus principais componentes está discutido em Cano, W. (1977), p.17 e seguintes. O exame das diferenciações da dinâmica do complexo cafeeiro paulista face ao que ocorre nas outras principais regiões cafeeiras do Brasil, está em Cano, W. (1985c).

núcleo de produção cafeeira no campo e a atividade de beneficiamento (em geral urbana); a atividade agrícola produtora de alimentos (subordinada ou não ao núcleo cafeeiro); a atividade industrial (fabricação de meios de produção para o café e outros bens, especialmente de consumo); as ferrovias; os bancos; o comércio de exportação e importação; o Estado, especialmente via gasto público, etc.

Articuladas a essa base atuaram importantes variáveis destacadas por Cano, dentre elas: o movimento migratório, a disponibilidade de terras, os saldos da balança comercial (com o exterior e com o resto do país), o capital externo e a política econômica (tarifária, monetária, cambial, específicas para a defesa do preço do café).

Em suma, o que diferenciou o complexo paulista dos demais, além do que já foi comentado, é que em São Paulo desenvolveram-se relações capitalistas de produção mais avançadas e foi isso que deu "vida especial" a esse complexo.

A atuação coordenada ou integrada do capital cafeeiro no desenvolvimento dessas atividades é que propiciou o avanço da economia paulista. Em termos espaciais e ao nível do núcleo produtivo cafeeiro, esse avanço deu-se na direção do oeste do estado. Entre 1886 e 1929-30 a cafeicultura deslocou-se predominantemente para as regiões extremas do oeste paulista, dentre as quais estão as de São

José do Rio Preto e de Araçatuba, que serão objeto do nosso estudo.

Dessa forma, observando os momentos de chegada da ferrovia, da emancipação política dos vários municípios, seus dados populacionais e econômicos (produção cafeeira, algodoeira, de alimentos, etc.), é possível fazer uma cronologia da ocupação originária e da integração econômica das partes norte, centro e sul da porção oeste do estado.

Estaremos assim estudando aspectos do desenvolvimento econômico e urbano do espaço que, a partir da década de 1920, passou a abranger a principal frente de expansão, do principal estado produtor do mais importante produto, escorado no complexo econômico mais dinâmico do país. É por isso que os limites temporais, propostos acima, foram demarcados quase que exclusivamente em função do movimento do complexo cafeeiro no interior desse amplo espaço.

### **1.1. As regiões do Oeste paulista entre 1880 e 1919-20: a chegada do café e das ferrovias.**

O impulso inicial de ocupação e integração econômica das regiões do oeste de São Paulo ocorreu entre 1880 e 1920, ao longo da primeira expansão cafeeira em bases capitalistas.

Como se sabe, a partir do final dos anos 1880 o desenvolvimento do complexo cafeeiro paulista fez-se sobre novas bases técnico-produtivas, assentadas em relações de produção fundamentalmente transformadas.

Tratavam-se agora de relações capitalistas de produção porque escoradas no trabalho assalariado, num mercado de trabalho livre, e, além disso, assentadas na possibilidade de incorporação de inovações técnicas (principalmente, as ferrovias, e as máquinas de beneficiamento de café) que elevariam a produtividade do sistema de produção cafeeira.

Isso possibilitou a retomada, em novos patamares, da antiga estratégia da economia cafeeira de produzir "muito e barato", e foi com base nessa estratégia que assistiu-se aos novos surtos de expansão cafeeira a partir de 1886.

Com as ferrovias, a nova economia capitalista-exportadora-cafeeira interiorizou sua produção e estendeu, progressivamente, as fronteiras dos imensos cafezais.

Nesse período, o complexo cafeeiro paulista consolidou-se, diferenciando-se das outras economias regionais cafeeiras do Brasil.<sup>4</sup>

De um lado, essa diferenciação, causada pelo maior avanço das relações capitalistas de produção em São Paulo, explicitou-se também pelo ritmo da implantação do sistema viário paulista, nesse momento centrado na ferrovia (um dos principais componentes do complexo cafeeiro no estado) e

<sup>4</sup> Cano, W. (1985c).

complementado por uma rede de rodovias tributárias de importância crescente: entre 1880 e 1920 foram implantados cerca de 5,4 mil quilômetros de trilhos (contra 1,2 mil até 1880) sendo sua maior parte com capital originado do complexo cafeeiro paulista (exceto a E.F.Noroeste do Brasil, com recursos públicos federais e a São Paulo Railway, com capitais ingleses).<sup>17</sup>

Em 1920, a E.F.Araraquarense estava estacionada em São José do Rio Preto (desde 1912), a E.F.Noroeste do Brasil (seu traçado original) estacionara a poucas dezenas de quilômetros do rio Paraná e a E.F.Sorocabana, ao sul, também já se aproximara bastante desse rio. Os pontos extremos dessas ferrovias, todos contidos no chamado "Oeste Pioneiro", distavam, então, entre 400 e 600 quilômetros da capital do estado.

Articuladamente, o núcleo produtivo do complexo expandia a cultura cafeeira paulista também num ritmo intenso. A partir de meados da década de 1890, o estado de São Paulo assumia a liderança dentre os principais estados cafeeiros do Brasil.

As tabelas 1 e 2 ilustram a intensidade da evolução do cultivo e da produção cafeeira paulista nesse período.

<sup>17</sup> Matos, Odilon N. (1974) p.105.

TABELA 1  
EVOLUÇÃO DO PLANTIO CAFEIEIRO E DO NÚMERO DE CAFEZEIROS EM PRODUÇÃO -  
SÃO PAULO

| Período   | Plantio<br>(milhões de pés) <sup>(a)</sup> | No. Cafeeiros<br>(milhões de pés) <sup>(b)</sup> | Acréscimo<br>(%) <sup>(c)</sup> |
|-----------|--------------------------------------------|--------------------------------------------------|---------------------------------|
| Até 1886  | -                                          | 220                                              | -                               |
| 1886-1897 | 465                                        | 685                                              | 211,4                           |
| 1898-1920 | 266                                        | 951                                              | 38,8                            |
| 1921-1930 | 610                                        | 1.561                                            | 64,1                            |

Fonte: Elaborado a partir de Cano, W. (1977), p. 41.

(a) Conforme esclarece Cano, foi utilizado o conceito de "plantio líquido", ou seja, novos plantios menos prováveis erradicações e replantes não considerados.

(b) Estoque de cafeeiros em produção no final do período.

(c) Variação percentual do estoque no final de dois períodos consecutivos.

TABELA 2  
DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEIEIRA ANUAL ENTRE OS PRINCIPAIS ESTADOS  
PRODUTORES (1880-1940)

| (Médias quinquenais em milhões de sacas de 60 kg.) |        |       |          |      |            |      |           |      |          |     |
|----------------------------------------------------|--------|-------|----------|------|------------|------|-----------|------|----------|-----|
|                                                    | Brasil |       | S. Paulo |      | R. Janeiro |      | M. Gerais |      | E. Santo |     |
|                                                    | V.A.   | %     | V.A.     | %    | V.A.       | %    | V.A.      | %    | V.A.     | %   |
| 1886-90                                            | 5,2    | 100,0 | 2,0      | 38,4 | 3,2        | 61,6 | -         | -    | -        | -   |
| 1891-95                                            | 6,0    | 100,0 | 3,1      | 51,9 | 2,9        | 48,1 | -         | -    | -        | -   |
| 1896-00                                            | 8,5    | 100,0 | 5,1      | 60,5 | 3,4        | 39,5 | -         | -    | -        | -   |
| 1901-05                                            | 13,0   | 100,0 | 8,3      | 63,6 | 1,2        | 9,3  | 2,8       | 21,9 | 0,5      | 3,4 |
| 1906-10                                            | 14,7   | 100,0 | 10,2     | 69,8 | 1,0        | 6,7  | 2,7       | 18,4 | 0,6      | 3,9 |
| 1911-15                                            | 13,6   | 100,0 | 9,6      | 70,3 | 0,8        | 6,1  | 2,5       | 18,2 | 0,6      | 4,3 |
| 1916-20                                            | 13,2   | 100,0 | 9,1      | 68,7 | 0,8        | 6,0  | 2,4       | 18,4 | 0,8      | 5,7 |

Fonte: Elaborado a partir de Fraga, Constantino C. (1963).

Nesse período em que o estado de São Paulo assumiu e consolidou a liderança na produção cafeeira nacional estavam ocorrendo, dentro do estado, importantes modificações.

Em termos regionais, o eixo de expansão cafeeira estava deslocando-se rapidamente. Abandonara praticamente a

região do Vale do Paraíba (até então líder) e caminhava para o interior do estado, ocupando áreas cada vez mais distantes do porto e que, pelo sentido do movimento, foram sendo denominadas sempre de "Oeste Paulista".

Em 1886, início da fase expansiva do primeiro ciclo longo do café (que vai até 1897) a liderança da produção cafeeira paulista estava dividida entre as regiões denominadas por Milliet de Central, Mogiana e Paulista. Mas já se registravam sinais da expansão cafeeira adiante de Araraquara, de Lençóis e de Santa Cruz do Rio Pardo, rumo ao oeste do estado.<sup>(\*)</sup>

Cabe lembrar mais uma vez, que entre 1886 e 1920 a participação da área denominada de "zonas novas" da cafeicultura paulista saltou de 5,5% para 29,6% da produção cafeeira estadual e sua população decuplicou saindo de 100 mil habitantes para perto de um milhão e representando então 28% da população do estado de São Paulo.

Em 1920, se, do conjunto das chamadas zonas novas, fosse recortado o espaço que corresponde ao "Oeste Pioneiro" encontrar-se-ia aí, cerca de 475 mil pessoas (13% da população estadual) e 5,2% da produção cafeeira do estado. O volume produzido nessa fração da fronteira de expansão da cafeicultura paulista representava, então, pouco mais de 1%

(\*) As observações que serão feitas ao longo dos três tópicos deste capítulo e que dizem respeito a regionalização da produção cafeeira paulista estão baseadas na análise dos dados contidos em Milliet, S. (1939); sobre a evolução do cultivo e da produção algodoeira e da ocupação da área cultivada no estado e regiões as informações foram obtidas em Kageyama, A.A. (1979) e Albuquerque, R.H.P.L. (1982).

da produção cafeeira do Brasil, cifra ainda bastante modesta.

Ao nível de cada uma das áreas de influência, que nessa época apenas começavam a se delinear, esse dinamismo foi bastante diferenciado, como veremos com mais detalhe na terceira seção deste capítulo. Em termos gerais notava-se um avanço acentuado da produção cafeeira e da população no entorno de São José do Rio Preto, nas vizinhanças dessa região com a de Ribeirão Preto, e, na parte sul da área de influência de Marília, que juntas representavam quase 95% da atividade cafeeira do oeste em 1920 e concentravam perto de 91% da sua população. A área de influência de Araçatuba nesse momento abrigava pouco mais de 43 mil pessoas com uma produção cafeeira ainda pequena; a região de Presidente Prudente só iria apresentar atividade econômica significativa a partir da década de vinte.

A rede urbana do oeste apresentava-se ainda muito reduzida. Apenas vinte e um municípios a compunham, dos quais oito na área de influência de São José do Rio Preto (apenas dois com sede no leito da Araraquarense), doze na de Marília (dos quais cinco com estações da Sorocabana em suas sedes e nenhum no setor norte dessa área onde seria mais tarde criado o município-sede) e apenas um na área de influência do futuro município de Araçatuba (Penápolis, criado em 1913, com sede no leito da E.F. Noroeste e do qual mais tarde seria desmembrado, entre outros, o próprio município de Araçatuba, futura sede regional). Rede urbana

essa, portanto, pouco densa e com áreas de influência, ainda não claramente delineadas, exceto a de S.J.do Rio Preto.

Quanto às características da dinâmica demográfica regional do período cabem, de início, alguns comentários gerais. Como se sabe, desde as décadas finais do século XIX, assistiu-se no Brasil a um vigoroso fluxo imigratório procedente, em sua grande parte, da Europa e a partir do início do século até 1919, ainda em pequena escala, também do Japão (ver tabela 3).

TABELA 3  
ENTRADA DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS  
EM SÃO PAULO (MILHARES DE PESSOAS)

| Período | Total   | Italianos | Portugueses | Espanhois | Japoneses | Outros |
|---------|---------|-----------|-------------|-----------|-----------|--------|
| 1885-99 | 891,3   | 567,6     | 77,5        | 91,8      | -         | 154,4  |
| 1900-19 | 803,0   | 263,3     | 189,8       | 223,9     | 27,9      | 98,2   |
| TOTAL   | 1.694,4 | 830,9     | 267,3       | 315,7     | 27,9      | 252,6  |

Fonte: Elaborado a partir de Nogueira, O. (1964).

É possível estimar que pelo menos metade desses imigrantes permaneceram no estado ou mesmo no país, pois entre 1885 e 1919 há registro da saída de cerca de 700 mil pessoas pelo porto de Santos. Contudo não é possível precisar as cifras dos que demandaram as zonas cafeeiras novas e aí permaneceram.

Mesmo assim, a julgar pela destinação dos imigrantes em termos regionais em São Paulo, há claras indicações de que a participação da imigração estrangeira no

povoamento dessa área, nesse período, foi bastante significativa. Cerca de 250 mil imigrantes estrangeiros demandaram as zonas cafeeiras novas entre 1893 e 1919, como pode ser visto na tabela 4. Mais da metade dessas pessoas dirigiu-se para a área da Araraquarense, cerca de 40% para a região da Alta Sorocabana e apenas cerca de 21 mil pessoas para a região da Noroeste.<sup>69</sup>

TABELA 4  
DESTINAÇÃO DOS IMIGRANTES QUE DEMANDARAM AS  
ZONAS CAFEIRAS NOVAS (MILHARES DE PESSOAS)

|         | Araraquarense | Noroeste | A. Sorocabana | Total |
|---------|---------------|----------|---------------|-------|
| 1893-99 | 30,7          | -        | 18,7          | 49,4  |
| 1900-19 | 97,6          | 20,8     | 84,2          | 202,5 |
| TOTAL   | 128,3         | 20,8     | 102,9         | 251,9 |

Fonte: Elaborado a partir de Holloway, T.H. (1984).

Evidentemente a grande maioria desses imigrantes era formada por não-proprietários. Contudo a participação de estrangeiros no total dos proprietários rurais das zonas cafeeiras novas em 1920 era bastante significativa, representando cerca de 42% das propriedades rurais dessa área. Em termos absolutos a presença do proprietário imigrante era mais forte na área da E.F. Araraquarense onde eram mais de 6,2 mil em 1920. O maior peso relativo dos proprietários imigrantes era na área da E.F. Noroeste onde

<sup>69</sup> Não há uma correspondência rigorosa e precisa entre as regiões denominadas por Holloway de "Araraquarense", "Noroeste" e "Alta Sorocabana" e as áreas de influência estudadas. Contudo como tratavam-se de eixos de penetração ferroviários, exclusivos na época, é possível utilizar as informações do autor para formar um idéia ampla do que teria ocorrido em termos da distribuição regional da imigração estrangeira nas áreas estudadas.

detinham cerca de 2/3 do número total de propriedades rurais.

TABELA 5  
DISTRIBUIÇÃO DAS PROPRIEDADES RURAIS CONFORME  
A ORIGEM DOS PROPRIETÁRIOS - SÃO PAULO

|                 | Total  |        | Brasileiros |        | Estrangeiros |        |
|-----------------|--------|--------|-------------|--------|--------------|--------|
|                 | 1905   | 1920   | 1905        | 1920   | 1905         | 1920   |
| Nº Propriedades |        |        |             |        |              |        |
| Araraquarense   | 5.597  | 13.395 | 3.938       | 7.163  | 1.659        | 6.232  |
| Noroeste        | 341    | 3.239  | 274         | 1.098  | 67           | 2.141  |
| A.Sorocabana    | 5.050  | 9.265  | 4.140       | 6.837  | 910          | 2.428  |
| TOTAL           | 10.988 | 25.899 | 8.352       | 15.098 | 2.636        | 10.809 |

Fonte: Elaborado a partir de Holloway, T.H. (1984).

1.2. Evolução das regiões do oeste entre 1921 e 1940:  
liderança cafeeira no segundo ciclo longo do café,  
crise cafeeira, expansão algodoeira e recuperação  
econômica na década de 1930.

A década de vinte marcou o período de transição em que foi engendrado o processo que proporcionou a ruptura da hegemonia cafeeira na acumulação capitalista no Brasil e que teve seu desenlace depois da grande crise de 1929, entre os anos de 1930 e 1933.

Para a economia paulista, a década de 1920 representou o momento crucial do desenvolvimento da sua hegemonia no conjunto da economia brasileira.

De início essa predominância manifestou-se na economia cafeeira e depois, pelas características dinâmicas particulares do complexo cafeeiro em São Paulo, essa hegemonia manifestou-se também no desenvolvimento do processo de industrialização no país.

TABELA 6  
DISTRIBUIÇÃO DA PRODUÇÃO CAFEIEIRA ANUAL ENTRE  
OS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES (1921-1940)

| (MÉDIA QUINQUENAL EM MILHÕES DE SACAS DE 60 KG). |        |       |          |      |            |     |           |      |          |     |
|--------------------------------------------------|--------|-------|----------|------|------------|-----|-----------|------|----------|-----|
|                                                  | Brasil |       | S. Paulo |      | R. Janeiro |     | M. Geraís |      | E. Santo |     |
|                                                  | V.A.   | X     | V.A.     | X    | V.A.       | X   | V.A.      | X    | V.A.     | X   |
| 1921-25                                          | 14,5   | 100,0 | 9,0      | 62,1 | 0,9        | 6,2 | 3,2       | 22,1 | 1,1      | 7,6 |
| 1926-30                                          | 20,0   | 100,0 | 13,3     | 66,5 | 1,0        | 5,0 | 3,7       | 18,5 | 1,4      | 7,0 |
| 1931-35                                          | 22,7   | 100,0 | 15,5     | 68,3 | 1,0        | 4,4 | 3,7       | 16,3 | 1,5      | 6,6 |
| 1936-40                                          | 22,8   | 100,0 | 15,0     | 65,8 | 0,8        | 3,5 | 4,1       | 18,0 | 1,6      | 7,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Fraga, Constantino C. (1963).

Ao nível do núcleo produtivo do complexo cafeeiro, consolidou-se o predomínio alcançado no ciclo anterior. A produção cafeeira paulista encerrou a fase expansiva do segundo ciclo, em 1929-30, respondendo por cerca de 2/3 da produção brasileira. Dos demais estados produtores, o único que se destacava era Minas Gerais que participava nessa época com 19% do café produzido no país.

TABELA 7  
EXPANSÃO DO PLANTIO E DA PRODUÇÃO CAFEEIRA EM SÃO PAULO

|                        | Plantio <sup>(a)</sup><br>(milhões de pés) | Estoque <sup>(b)</sup><br>(milhões de pés) | Acréscimo <sup>(c)</sup><br>(%) |
|------------------------|--------------------------------------------|--------------------------------------------|---------------------------------|
| Até 1920               | -                                          | 951                                        | -                               |
| 1921-30                | 610                                        | 1.561                                      | 64,1                            |
| ...1942 <sup>(d)</sup> | -384                                       | 1.177                                      | -24,6                           |

Fonte: Elaborado a partir de Cano, W. (1977), p. 41.

(a) idem tabela 1

(b) " " "

(c) " " "

(d) Cano deixa em aberto o limite inferior do intervalo esclarecendo que possivelmente situa-se em 1935.

Por outro lado, avançava o processo de formação industrial de São Paulo, de início articulado à dinâmica do complexo cafeeiro. Enquanto subordinados ao complexo cafeeiro, os ramos industriais diferenciavam-se mais pelas funções que cumpriam enquanto supridores dos meios de produção para as várias etapas do ciclo produtivo cafeeiro. Depois, em função da diversificação crescente das indústrias produtoras de bens não duráveis de consumo, principalmente alimentos, vestuário e têxteis, e, sem deixar de cumprir a função de supridora do núcleo produtivo cafeeiro, a indústria paulista passa a ter sua dinâmica muito mais fortemente vinculada à expansão do mercado urbano, movimento que toma grande impulso no final dos anos vinte.

Articuladamente aos movimentos cafeeiro, industrial e urbano a agricultura paulista diversificou-se. Entre 1921 e 1940 foram significativos os incrementos físicos da produção de vários produtos agrícolas, tanto alimentares como matérias primas, entre eles açúcar, algodão

(pluma), arroz com casca, batata inglesa, feijão, milho, etc.<sup>(10)</sup>

Para o oeste de São Paulo, a década de 1920, ou especificamente a expansão cafeeira ocorrida até a crise de 1929, representou sua afirmação como principal área produtora do estado. Encerrada a fase expansiva do ciclo cafeeiro as regiões do oeste produziam 33% do café paulista, o que correspondia a mais da metade da produção das chamadas "zonas novas" da cafeicultura paulista. Tal produção equivalia, nesse momento, à produção cafeeira do estado de Minas Gerais, segundo maior produtor cafeeiro do Brasil.

O impacto da crise cafeeira nessas áreas "novas" (e, portanto, também no oeste) foi, evidentemente, distinto do que ocorreu com as outras regiões cafeeiras do estado. Em primeiro lugar, porque a crise (especialmente a violenta queda dos preços do café) encontrou essas áreas no seu auge produtivo, o que teria garantido ganhos mesmo com os preços deprimidos ou, se houve perdas, elas teriam sido muito menores do que nas áreas mais antigas. Além disso, no momento da crise as zonas novas da cafeicultura paulista, em conjunto, estavam expandindo seu cultivo cafeeiro num ritmo intenso: em 1930-31 a relação entre o número de cafeeiros novos (com menos de cinco anos) e o número total de cafeeiros, nessas áreas, chegava a 50%, em 1931-32 estava em torno de 30%, sendo que o estoque total de cafeeiros em

<sup>(10)</sup> Conforme Cano, W. (1977), p. 63. A título de ilustração cabe citar que, entre 1921 e 1940, a produção de açúcar (em mil toneladas) salta de 41,5 para 146,0; a de algodão de 17,9 para 178,9; a de arroz de 273,7 para 471,3; além dos consideráveis volumes produzidos de feijão, milho, etc.

produção só apresentaria tendência à queda a partir de 1935-36, ou seja, depois de mais de seis anos de forte depressão dos preços do café, mesmo assim num ritmo bastante inferior ao das demais regiões do estado.<sup>11</sup>

Ou seja, no início da década de 1930 a atividade econômica dominante já alcançara a região oeste do estado e agora aí se concentrava. Em termos de localização geográfica essa denominação, a partir de então, não abrigaria mais qualquer contradição ou ambiguidade.

Ao longo da década de trinta, o ritmo do processo de recuperação econômica da crise cafeeira foi marcadamente influenciado, no estado de São Paulo, pela expansão do cultivo e da produção algodoeira. Os efeitos desse fenômeno sobre a dinâmica econômica do Brasil e de São Paulo foram extensos e profundos. De um lado, as exportações do algodão conseguiam recuperar em parte o nível das exportações que sofrera violenta queda a partir de 1929 em função da depressão cafeeira. De outro, a expansão algodoeira gerava impactos diretos sobre o ritmo do processo de industrialização e da urbanização em curso no estado de São Paulo.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Comentários baseados em dados contidos em Kageyama, A. (1979), p. 109.

<sup>12</sup> A expansão algodoeira deu-se em função de alguns determinantes principais. Em primeiro lugar porque seu preço relativo, face ao do café, mostrava-se bastante favorável; além disso, no núcleo produtivo porque, sendo uma cultura temporária, pode ser cultivado em paralelo com o café novo, ou mesmo como seu substituto temporário, estabelecendo-se portanto como uma opção de produção capitalista facilmente reconversível e utilizando-se de toda a infraestrutura, tanto as específicas do núcleo produtivo como as do conjunto do complexo cafeeiro. As análises e explicações detalhadas da expansão algodoeira dos anos trinta, em São Paulo, encontram-se em Cano, W. (1977) e Albuquerque, R.H.P.L. (1982).

Ademais, também quanto ao processo de recuperação econômica pós-crise, as regiões do oeste de São Paulo apresentaram características diferenciadas. Ao lado da área denominada de "Central" (que corresponde aproximadamente às Regiões Administrativas de Campinas e Ribeirão Preto) a área denominada de "Nova" (que abrange o oeste paulista além da região de Bauru) participaria vigorosamente da expansão algodoeira especialmente a partir de 1935-36. A tabela 9 ilustra a concentração do cultivo nas áreas citadas, e, em especial na chamada zona nova, das duas principais culturas de exportação (café e algodão) ao longo da década de 1930.

TABELA 9  
ÁREA CULTIVADA (EM MILHÕES DE HECTARES) COM CAFÉ E ALGODÃO  
EM SÃO PAULO. PARTICIPAÇÃO(%) DAS REGIÕES CENTRAL E NOVA<sup>(A)</sup>.

|                                           | 1930-31 | 1931-32 | 1932-33 | 1934-35 | 1935-36 | 1937-38 |
|-------------------------------------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| <u>Área cultivada</u>                     |         |         |         |         |         |         |
| <u>S. Paulo-Total</u>                     |         |         |         |         |         |         |
| Café                                      | 2,09    | 2,25    | -       | 2,18    | 1,91    | 1,65    |
| Algodão                                   | 0,04    | 0,10    | -       | 0,42    | 0,65    | 0,96    |
| <u>Central</u>                            |         |         |         |         |         |         |
| Café                                      | 0,97    | 1,02    | 0,96    | 0,96    | 0,82    | 0,71    |
| Algodão                                   | 0,01    | 0,03    | 0,04    | 0,16    | 0,27    | 0,34    |
| <u>Nova</u>                               |         |         |         |         |         |         |
| Café                                      | 0,97    | 1,08    | -       | 1,15    | 0,97    | 0,85    |
| Algodão                                   | 0,01    | 0,05    | -       | 0,16    | 0,29    | 0,39    |
| Participação(%) (S. Paulo - Total = 100%) |         |         |         |         |         |         |
| <u>Central</u>                            |         |         |         |         |         |         |
| Café                                      | 46,7    | 45,4    | -       | 44,0    | 43,1    | 43,2    |
| Algodão                                   | 32,7    | 26,7    | -       | 43,3    | 40,9    | 35,5    |
| <u>Nova</u>                               |         |         |         |         |         |         |
| Café                                      | 46,5    | 47,8    | -       | 52,6    | 51,0    | 51,6    |
| Algodão                                   | 31,0    | 43,9    | -       | 37,6    | 45,1    | 40,7    |

Fonte: Elaborado a partir Estatísticas Agrícolas e Zootécnicas in:  
Kageyama, A. (1979), p.123.

(A): Para a composição das regiões Central e Nova ver Kageyama,  
op. cit. p.64.

Nesse mesmo período, o oeste paulista respondia ainda por importantes parcelas relativas do cultivo e do volume produzido dos principais produtos da agricultura do estado. A tabela 10 permite a comparação da evolução do cultivo na região dos produtos exportáveis e dos alimentos e matérias primas agroindustriais. Evidencia-se aqui, o que já foi comentado a respeito das características da recuperação econômica nessa região. Não só consolidou-se a liderança regional no cultivo cafeeiro e na expansão algodoeira, como a partir de 1936 o oeste tornar-se-ia importante produtor de arroz, feijão e milho.

TABELA 10  
PARTICIPAÇÃO (%) DO OESTE PAULISTA NA ÁREA CULTIVADA  
E NO TOTAL DA QUANTIDADE PRODUZIDA NO ESTADO PARA  
ALGUNS DENTRE OS PRINCIPAIS PRODUTOS AGRÍCOLAS

|         | 1920 |        | 1931/33 |        | 1936 e 1938 |        |
|---------|------|--------|---------|--------|-------------|--------|
|         | Área | Quant. | Área    | Quant. | Área        | Quant. |
| Café    | 8,4  | 5,4    | 32,9    | 29,2   | 34,6        | 38,8   |
| Algodão | 13,2 | 13,2   | 14,3    | 14,5   | 33,5        | 35,2   |
| Arroz   | 33,4 | 34,4   | 39,3    | 40,8   | 46,4        | 50,9   |
| Feijão  | 20,2 | 20,1   | 27,7    | 30,8   | 27,8        | 28,6   |
| Milho   | 18,9 | 18,8   | 17,7    | 28,5   | 30,5        | 33,4   |

Fonte: Elaborado a partir de Tartaglia, J.C. e Oliveira, D.L. (1988).

Quanto à Indústria de Transformação, as informações regionalizadas estão disponíveis para os anos de 1928 e 1937.<sup>(12)</sup> Nesses anos a participação da indústria localizada nas regiões do oeste no total da indústria

<sup>(12)</sup> A análise regionalizada para esses anos está em Negri, B. (1988).

paulista foi bastante reduzida, como pode ser visto na tabela 11.

Em 1928, cento e quatro estabelecimentos e 713 operários compunham a indústria do oeste. Os setores mais importantes eram o de Material de Transporte (com 211 operários no total e destaque para a oficina de reparação e conserto de vagões e locomotivas da E.F. São Paulo-Paraná, localizada em Durinhos) e o de Madeira (com 180 operários).

TABELA 11  
DISTRIBUIÇÃO(%) REGIONAL DA INDÚSTRIA<sup>(A)</sup> DE TRANSFORMAÇÃO. NÚMERO DE ESTABELECIMENTO (NEST), NÚMERO DE OPERÁRIOS(OP) E VALOR DO CAPITAL(K).

|                      | 1928  |       |       | 1937  |       |       |
|----------------------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|
|                      | Nest  | Op    | K     | Nest  | Op    | K     |
| São Paulo            | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Reg.Metropol.        | 64,3  | 70,9  | 72,5  | 42,3  | 66,4  | 71,9  |
| Interior menos Oeste | 32,1  | 28,6  | 27,1  | 53,2  | 32,0  | 27,1  |
| Oeste Total          | 3,6   | 0,5   | 0,4   | 4,5   | 1,6   | 1,0   |
| S.J.Rio Preto        | 1,9   | 0,2   | 0,2   | 1,8   | 0,4   | 0,2   |
| Araçatuba            | 0,6   | 0,1   | 0,1   | 1,0   | 0,4   | 0,2   |
| Marília              | 1,1   | 0,2   | 0,1   | 1,9   | 0,5   | 0,3   |
| Pres.Prudente        | -     | -     | -     | 0,9   | 0,4   | 0,2   |

Fonte: Elaborado a partir de Estatística Industrial de São Paulo, 1928 e 1937, in: Negri, B. (1988).

(A): Não inclui as chamadas Indústrias Rurais.

Em 1937, o oeste quintuplicou o emprego industrial passando a contar com cerca de 1,7 mil operários. Grande parte dos estabelecimentos estava destinada à atividade agroindustrial, com destaque para o beneficiamento do algodão: o número de descaroçadores de algodão registrado nas chamadas zonas novas (que, como já foi dito, abrange as

regiões do oeste além de trechos de regiões vizinhas) cresceu de 12 em 1931 para 101 em 1935 e 124 em 1937-38 (tendo atingido o máximo de 144 em 1936).<sup>14</sup>

Em meados da década de trinta, o conjunto das regiões do oeste do estado tinha sua população mais do que duplicada em relação a de 1920, o que representou uma taxa média de crescimento anual de 6,5%. O volume de café produzido aumentou quase quinze vezes. As áreas de influência de S.J.do Rio Preto e Marília, continuaram sendo as mais importantes econômica e populacionalmente; houve contudo, grande dinamismo nas áreas de Araçatuba e Presidente Prudente embora em conjunto tivessem um peso relativo ainda reduzido (cerca de 9% da produção cafeeira e 6% da população paulista).

No final do período analisado neste tópico, em 1940, havia cerca de 1,7 milhões de habitantes (23% da população total do estado) nas regiões do oeste do estado de São Paulo, sendo cerca de 1,3 milhões radicados nas áreas rurais, o que representava quase 1/3 da população rural paulista.

Em termos da População Economicamente Ativa (P.E.A.), as regiões do oeste apresentavam em 1920 e 1940 as mais baixas proporções de P.E.A. urbana no estado, pois aí a atividade industrial era ainda muito reduzida, limitando-se à agroindústria de beneficiamento e às atividades ligadas à produção de insumos para a construção civil (tijolos,

<sup>14</sup> Ver Kageyama, A.A. op. cit.

telhas, pequenas serralherias). Acima de 80% das ocupações das regiões do oeste estavam no campo nesse período.

A principal componente da dinâmica demográfica do oeste, ao longo das décadas de vinte e trinta, continuou sendo a imigração e até o final da década de vinte havia uma forte predominância da imigração estrangeira no estado de São Paulo (cerca de 89% das entradas foram originadas de outros países). Durante a década de trinta, ao contrário, cerca de 72% dos imigrantes vieram de outros estados do Brasil.<sup>15</sup>

Entre 1921 e 1929 cerca de 290 mil estrangeiros destinaram-se às regiões ferroviárias da Araraquarense, Noroeste, Alta Paulista e Sorocabana. Se for considerada também a área servida pela Cia Paulista de E.F. (o ramo conhecido como Alta Paulista), o que, em conjunto representa uma boa aproximação da porção oeste do estado, esse número possivelmente ultrapasse a 300 mil pessoas. Os maiores focos de atração nesses anos foram as áreas da Noroeste e da Alta Sorocabana, responsáveis, em conjunto, pela absorção de cerca de 72% desse fluxo populacional.

Outra modificação importante em termos da origem dos imigrantes chegados a São Paulo, foi a participação majoritária da imigração japonesa dentre os estrangeiros na década de trinta. Quase 102 mil japoneses aqui chegaram entre 1930 e 1939 (cerca de 34% do total de imigrantes desse período). Considerando-se o período de 1920 a 1940 a

<sup>15</sup> Ver Nogueira, O. (1964).

imigração japonesa atingiu quase 160 mil pessoas. É importante ressaltar a importância que representou a imigração japonesa, especialmente para as regiões de ocupação recente, pois dentre as suas principais características estavam a alta taxa de permanência desses imigrantes no país e a sua grande capacidade de diversificação produtiva, fatores que iriam marcar o desenvolvimento de diversas áreas contidas nas regiões do oeste paulista.

As informações sobre o movimento de imigrantes estrangeiros e o seu estabelecimento, especialmente enquanto proprietários de terras, nas áreas das ferrovias que atravessam o oeste paulista, testemunham a enorme e decisiva importância deste tipo de deslocamento populacional para o processo de ocupação e desenvolvimento originários dessa área do estado.

A grande maioria (entre 60% e 75% dos proprietários estrangeiros de fazendas de café) desses imigrantes, especialmente nas áreas da Araraquarense e da Alta Sorocabana eram italianos. Também na região da Noroeste os italianos eram a maioria mas entre o final dos anos vinte e meados dos trinta, a imigração japonesa para essa região foi bastante expressiva. A participação dos japoneses no total de proprietários estrangeiros de fazendas cafeeiras atingiu 30% em 1932, nessa área.

TABELA 12  
DISTRIBUIÇÃO DAS FAZENDAS DE CAFÉ SEGUNDO A ORIGEM DOS PROPRIETÁRIOS - OESTE  
PAULISTA.

|                             | Total           |        | Brasileiros |        | Estrangeiros |        |
|-----------------------------|-----------------|--------|-------------|--------|--------------|--------|
|                             | 1923            | 1932   | 1923        | 1932   | 1923         | 1932   |
|                             | Nº Propriedades |        |             |        |              |        |
| Araraquarense               | 7.632           | 21.333 | 3.107       | 10.177 | 4.445        | 11.156 |
| Noroeste                    | 536             | 17.434 | 355         | 7.670  | 181          | 9.764  |
| A.Sorocabana                | 4.323           | 11.477 | 2.649       | 5.343  | 1.674        | 6.134  |
| Oeste                       | 12.491          | 50.244 | 6.191       | 23.190 | 6.300        | 27.054 |
| Outras áreas                | 15.600          | 28.757 | 10.921      | 17.503 | 4.679        | 11.254 |
|                             | Distribuição(%) |        |             |        |              |        |
| Araraquarense               | 100,0           | 100,0  | 41,8        | 47,7   | 58,2         | 52,3   |
| Noroeste                    | 100,0           | 100,0  | 66,2        | 44,0   | 33,8         | 56,0   |
| A.Sorocabana                | 100,0           | 100,0  | 61,3        | 46,6   | 38,7         | 53,4   |
| Oeste                       | 100,0           | 100,0  | 49,6        | 46,2   | 50,4         | 53,8   |
| Outras áreas <sup>(a)</sup> | 100,0           | 100,0  | 70,0        | 63,1   | 30,0         | 36,9   |

Fonte: Elaborado a partir de Boletim do Departamento Estadual do Trabalho e Secretaria da Agricultura de São Paulo, in: Holloway, T.H. (1984).

(a): Outras áreas: Central, Mogiana e Paulista.

Por outro lado, a rede ferroviária paulista consolidara-se até o início dos anos vinte. Pouco mais de 400 km de trilhos foram implantados entre 1920 e 1930. Para o oeste isso representou a incorporação de mais uma área importante ao complexo cafeeiro paulista: o setor norte da região de Marília, em cuja sede regional, a cidade de Marília, a Cia. Paulista de E.F. chegou com seus trilhos (a linha que passou a ser conhecida como "Alta Paulista") em 1928, mesmo ano da criação do município. Na década de trinta a modificação mais importante foi a construção da variante da E.F. Noroeste do Brasil, com cerca de 170 km mudando o traçado original do trecho (considerado improdutivo) de

Araçatuba a Jupiá, correndo mais afastada do leito do Rio Tietê e com estações em Guararapes, Bento de Abreu, Valparaíso, Aguapeí, Lavínia, Mirandópolis e Andradina, onde chegou em 1937, mesmo ano em que atingiria Jupiá.<sup>44</sup>

TABELA 13  
PRODUÇÃO DE CAFÉ (QUANTIDADE EM MIL ARROBAS) NAS ZONAS CAFEZEIRAS NOVAS E NAS ÁREAS DE INFLUÊNCIA DO OESTE DE SÃO PAULO

| Áreas de influência          | 1886     |       | 1920     |       | 1935     |       |
|------------------------------|----------|-------|----------|-------|----------|-------|
|                              | Quant.   | %     | Quant.   | %     | Quant.   | %     |
| S.J.Rio Preto <sup>(a)</sup> |          |       | 671,27   | 3,0   | 8102,62  | 15,3  |
| Araçatuba                    |          |       | 67,15    | 0,3   | 3741,00  | 7,1   |
| Marília                      | -        | -     | 417,18   | 1,9   | 4766,87  | 9,1   |
| Pres.Prudente                | -        | -     | -        | -     | 718,18   | 1,4   |
| "Oeste"-Total                | -        | -     | 1155,60  | 5,2   | 17328,87 | 33,0  |
| Bauru                        | 371,00   | 3,6   | 2477,20  | 11,2  | 10330,05 | 19,8  |
| "Oeste"+Bauru                | 371,00   | 3,6   | 3632,86  | 16,4  | 27688,92 | 52,8  |
| Outras áreas <sup>(b)</sup>  | 200,00   | 1,9   | 2911,95  | 13,2  | 5885,59  | 11,2  |
| "Zonas Novas"                | 571,00   | 5,5   | 6544,81  | 29,6  | 33554,51 | 64,0  |
| São Paulo                    | 10374,40 | 100,0 | 22098,90 | 100,0 | 52440,20 | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Milliet, S. (1939).

(a): Foram agregados a futura área de influência de São José do Rio Preto os dados relativos aos municípios de Olímpia e Cajobi que o autor agrupa na região da E.F. Mogiana.

(b): Corresponde aos demais municípios das zonas cafeeiras novas e que não pertencem às regiões do Oeste ou Bauru.

Até o final dos anos vinte estava constituída grande parte da rede urbana originária das regiões do oeste de São Paulo. Cinquenta municípios a compunham, dos quais vinte na área de influência de São José do Rio Preto, vinte e um na área de Marília (dezoito no setor Sul da Sorocabana e apenas três na parte Norte da A.Paulista), seis na área de Araçatuba e três na de Presidente Prudente. Na década de

<sup>44</sup> Conforme Matos, O.N. (1974).

trinta apenas mais doze municípios seriam emancipados (dois na região de S.J.do Rio Preto, três na de Araçatuba e setor norte de Marília e quatro no setor sul da região de Presidente Prudente) completando o que poderia ser chamado de rede urbana originária das regiões do oeste.

A análise da composição e desenvolvimento diferenciados das redes urbanas das regiões do oeste será apresentada no próximo tópico deste capítulo.

TABELA 14  
POPULAÇÃO (MIL PESSOAS) NAS ZONAS CAFEIEIRAS NOVAS E NAS  
ÁREAS DE INFLUÊNCIA DO OESTE DE SÃO PAULO

| Áreas de<br>Influência       | 1886    |       | 1920    |       | 1935    |       |
|------------------------------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
|                              | Pop.    | %     | Pop.    | %     | Pop.    | %     |
| S.J.Rio Preto <sup>(a)</sup> | -       | -     | 263,29  | 7,2   | 534,97  | 10,8  |
| Araçatuba                    | -       | -     | 43,87   | 1,2   | 190,35  | 3,9   |
| Marília                      | 14,66   | 1,4   | 167,53  | 4,6   | 390,75  | 7,9   |
| Pres.Prudente                | -       | -     | -       | -     | 112,22  | 2,3   |
| "Oeste"-Total                | 14,66   | 1,4   | 474,70  | 13,0  | 1228,30 | 24,8  |
| Bauru                        | 41,13   | 4,0   | 265,26  | 7,3   | 502,50  | 10,2  |
| "Oeste"+Bauru                | 55,78   | 5,4   | 739,96  | 20,3  | 1730,80 | 35,0  |
| Outras áreas <sup>(b)</sup>  | 45,58   | 4,4   | 303,14  | 8,3   | 344,14  | 7,0   |
| "Zonas Novas"                | 101,36  | 9,8   | 1043,10 | 28,6  | 2074,93 | 42,0  |
| São Paulo                    | 1036,64 | 100,0 | 3652,71 | 100,0 | 4943,21 | 100,0 |

Fonte : Elaborado a partir de Milliet, S. (1939).

(a) e (b): idem tabela 13

### 1.3. O início do processo de urbanização do Oeste de São Paulo.<sup>17</sup>

Como foi comentado nas seções anteriores, foi a partir da década de vinte que consolidou-se a integração econômica e que tomou impulso a evolução demográfica e político-administrativa das principais áreas de influência que foram se estruturando no oeste paulista.

As informações populacionais e econômicas, confrontadas com as épocas de emancipação político-administrativas dos municípios dessas áreas, formaram uma base empírica fundamental para esta análise.

É sabido que a emancipação dos municípios constituiu-se no principal marco da consolidação do poder local e essa afirmação de autonomia relativa escorou-se, de um lado, na dinâmica econômica experimentada pela região e, de outro, articuladamente, na dinâmica populacional que sustentava o potencial de influência política (em outras palavras: o potencial de votos) que poderia ser mobilizado pelas lideranças regionais.

Assim, a evolução do processo de urbanização regional dependeria nessa etapa inicial de implantação, da necessidade de promover a afirmação do poder local, a descentralização e a autonomia relativa na oferta de alguns

<sup>17</sup> As informações utilizadas para a apresentação deste tópico foram obtidas em Milliet, S.(1939), Nogueira, O.(1964), Kageyama, A.A.(1979), Albuquerque,R.H.F.L.(1982), Holloway, T.H.(1984), Seade(1989), Seade(1983a,b e c), Seade(1982a e b) e Seade(1981)

serviços, principalmente públicos, nas áreas da Justiça, Educação, Saúde , etc.

Essa descentralização inicial foi necessária porque a população, embora majoritariamente radicada no campo, estava espacialmente muito dispersa, o que impunha a autonomização de vários centros em termos da oferta de alguns serviços urbanos, mínimos que fossem.

A rede urbana originária das várias regiões que compõem o oeste de São Paulo desenvolveu-se, essencialmente, baseada nessa necessidade objetiva da descentralização da oferta de determinados serviços e, a partir daí, pela reafirmação progressiva da importância de alguns centros face a outros, foram se estabelecendo áreas de influência, ancoradas em determinadas sedes municipais, as futuras "capitais regionais".

As razões para a diferenciação das funções urbanas nessas áreas de influência são de natureza diversa. Essencialmente, isso se explica pela importância de sua localização espacial face a rede de comunicações existente. Por exemplo, uma sede municipal que seja "ponta de trilhos" de uma ferrovia por algum tempo, ou que seja "boca de sertão" numa área de produção rural significativa, ou mesmo uma estação ferroviária ou um entroncamento de vias de comunicação que pela sua localização estratégica acabe por tornar-se sede municipal com funções diferenciadas na região.

A partir da observação do desenvolvimento e consolidação das áreas de influência em torno dos principais municípios do oeste do estado e tendo em mente o desenho regional estabelecido pela criação das Regiões Administrativas do estado de São Paulo em 1971, com suas respectivas sedes e sub-sedes, foi feita uma tentativa de recomposição histórica do processo econômico e populacional que originou a rede urbana das regiões do oeste paulista.

A implantação da rede urbana originária das quatro Regiões Administrativas que compõem o oeste do estado (São José do Rio Preto, Araçatuba, Marília e Presidente Prudente) ocorreu, basicamente, entre as décadas de 1910 e 1930, período que marcou, sincronizadamente, a chegada da ferrovia e a enorme expansão do plantio e da produção cafeeira (até a grande crise de 1929) e algodoeira (de 1934-35 em diante).

O exame dos dados econômicos (das atividades principais) e populacionais das áreas de influência em torno das principais sedes regionais das Regiões Administrativas do oeste de São Paulo no seu período originário, será desenvolvido a seguir.

#### **a) A área de influência de São José do Rio Preto.**

O período 1920-1940 marcou a consolidação da integração econômica dessa área e a implantação do desenho originário da rede urbana regional.

Em 1920, na área de influência de São José do Rio Preto estavam emancipados politicamente apenas oito municípios. O único, cuja criação deu-se no século dezanove foi o próprio município-sede, São José do Rio Preto, emancipado em 1894. Os demais foram criados ao longo da década de 1910: Santa Adélia e Novo Horizonte em 1916, Catanduva e Olímpia em 1917, Itajobi e Ariranha em 1918 e Tabapuã em 1919.

Desses municípios, apenas Santa Adélia, Catanduva e São José do Rio Preto abrigavam, em suas sedes, estações da E.F. Araraquarense. As sedes de municípios que ficavam mais distantes dos trilhos da ferrovia eram, ao norte, Olímpia (cerca de 40 km) e ao sul, Novo Horizonte (45 km).

Entre 1920 e 1940 foram emancipados mais treze municípios<sup>10</sup>, cinco deles com sedes localizadas no leito da ferrovia. Os demais com sedes situadas numa faixa entre 10 e 40 km de ambos os lados da E.F. Araraquarense, sendo que os dois últimos situam-se mais ao norte do município-sede, no caminho de ligação de São Paulo com o sul do estado de Minas Gerais, o chamado Triângulo Mineiro.

Em 1920, com a cultura do café já implantada, os principais municípios produtores respondiam por quase dois terços do potencial produtivo da área e concentravam cerca de 84% da população, ou perto de 220 mil das 260 mil pessoas aí radicadas.

<sup>10</sup> Ibirá (1921), Tanabi, Monte Aprazível e Mirassolândia (1924), Pindorama, Potirendaba, Nova Granada e Uchoa (1925), José Bonifácio (1926), Urupês (1928), Cedral (1929), Palestina (1936) e Paulo de Faria (1938).

TABELA 15  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE SÃO JOSÉ DO RIO  
PRETO PRODUÇÃO CAFEEIRA - 1920-1935

| Municípios                       | Ano de emancip. política | 1920        |       | 1935        |       |
|----------------------------------|--------------------------|-------------|-------|-------------|-------|
|                                  |                          | Mil arrobas | X     | Mil arrobas | X     |
| Mte. Aprazível                   | 1924                     | (Rio Preto) |       | 1390,60     | 17,2  |
| Mirassol                         | 1929                     | (Rio Preto) |       | 800,71      | 9,9   |
| Rio Preto                        | 1894                     | 99,68       | 14,9  | 772,98      | 9,5   |
| Catanduva                        | 1917                     | 18,37       | 2,8   | 606,69      | 7,5   |
| Olímpia                          | 1917                     | 310,23      | 46,2  | 524,66      | 6,5   |
| Novo Horizonte                   | 1916                     | 0,93        | 0,1   | 458,71      | 5,7   |
| Itajobi                          | 1918                     | 0,31        | 0,0   | 417,93      | 5,2   |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                          | 241,75      | 36,0  | 3130,28     | 38,5  |
| Total                            |                          | 671,27      | 100,0 | 8102,62     | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Milliet, S. (1939).

(a): Ariranha, Tabapuã, Cedral, Tanabi, Nova Granada, Potirendaba, Uchoa, José Bonifácio, Ibirá, Santa Adélia, Pindorama, Itajobi, Mundo Novo e Cajobi.

TABELA 16  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO POPULAÇÃO  
(EM 1920 E 1940) E TAXA DE URBANIZAÇÃO (EM 1940)

| Municípios                       | Emancipação política | 1920          |       | 1940     |       | Tx. Urb. (%) |
|----------------------------------|----------------------|---------------|-------|----------|-------|--------------|
|                                  |                      | No. Hab.      | X     | No. Hab. | X     |              |
| Mte. Aprazível                   | 1924                 | (Rio Preto) - |       | 90736    | 14,7  | 11,5         |
| Mirassol                         | 1929                 | (Rio Preto) - |       | 50722    | 8,2   | 24,2         |
| Rio Preto                        | 1894                 | 126726        | 48,1  | 74359    | 12,0  | 38,5         |
| Catanduva                        | 1917                 | 16009         | 6,1   | 40769    | 6,6   | 47,4         |
| Olímpia                          | 1917                 | 45046         | 17,1  | 50697    | 8,2   | 27,8         |
| Novo Horizonte                   | 1916                 | 13813         | 5,2   | 42436    | 6,9   | 17,6         |
| Itajobi                          | 1918                 | 18653         | 7,1   | 21098    | 3,4   | 12,5         |
| Sub-total                        |                      | 220247        | 83,7  | 370817   | 60,0  | -            |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                      | 43045         | 16,3  | 247703   | 40,0  | -            |
| Total                            |                      | 263292        | 100,0 | 618520   | 100,0 | 21,6         |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos de 1920 e 1940.

(a): Em 1920: Cedral, Ibirá, José Bonifácio, Nova Granada, Potirendaba, Tanabi, Uchoa, Ariranha, Cajobi, Pindorama, Santa Adélia, Tabapuã e Urupês (ex-Mundo Novo). Em 1940: mais Palestina e Paulo de Faria.

Quinze anos depois, quando a região já iniciara sua recuperação da crise cafeeira, a área de influência de São José do Rio Preto contava com um potencial produtivo que, estimativamente, deveria superar os 110 milhões de cafeeiros. Os principais municípios produtores respondiam então por 61% da produção de café da área.

Em 1940, o conjunto dos principais municípios abrigava cerca de 60% da população dessa área o que representava mais de 370 mil habitantes. Era também nesses municípios onde estava concentrada cerca de 71% da população urbana da região de S.J. do Rio Preto.

É desse período que originou-se a função de principal centro urbano regional desempenhada até hoje pela sede do município de São José do Rio Preto. Entre as principais razões para a evolução dessa função destacaram-se seu papel e sua localização espacial em relação à principal atividade econômica.

A observação da distribuição regional da produção cafeeira e da população nos principais municípios produtores, entre 1920 e 1940, mostra que num raio de 30 a 35 km da sede do município de Rio Preto, numa ampla faixa a oeste (delimitada aproximadamente pelos eixos noroeste e sudoeste centrados na sede) os quatro municípios aí contidos (Nova Granada, Tanabi, Monte Aprazível e Mirassol) agregados ao próprio município sede, eram responsáveis por quase 45% da produção cafeeira da área. Além disso, em 1940,

concentrava-se aí cerca de 48% da população total e 46% da população urbana da região riopretense.

Isso significa que num espaço relativamente pequeno, movimentava-se enorme volume de recursos produtivos e grande número de pessoas, o que acabou sendo decisivo para o relativo adensamento da rede urbana e para o desenvolvimento e consolidação de centros e sub-centros urbanos na região.

Ademais, outras razões justificaram essa função "polarizadora" urbana exercida pela sede do município de S.J.do Rio Preto nessa época. A principal delas refere-se ao fato dessa cidade ter sido, por longo tempo (de 1912 a 1933) "ponta de trilhos" da E.F.Araraquarense, concentrando portanto durante esses vinte e um anos, importantes funções urbanas e centralizando serviços diferenciados, incluindo os serviços financeiros-bancários, de uma fortíssima frente de expansão cafeeira do estado de São Paulo, frente essa que respondia, em 1935, por algo em torno de 17% da produção cafeeira paulista.

Na segunda metade da década de trinta essas funções "polarizadoras" seriam recicladas pela participação dessa área no surto algodoeiro. Em 1936 e 1938, conforme o citado estudo de Tartaglia e Oliveira, a DIRA (Divisão Regional Agrícola) de S.J. do Rio Preto respondia por cerca de 10% da área cultivada com algodão no estado de São Paulo. Além disso, na área de influência riopretense, nessa mesma época, já estava em curso o processo de diversificação

agrícola, originando-se daí importantes parcelas da produção paulista de arroz, feijão e milho.

Quanto à composição da população, essa área sofreu, como já foi dito, uma forte influência da imigração estrangeira. A região denominada de "Araraquarense" recebeu desde o final do século XIX até 1929 cerca de 190 mil estrangeiros, a maior parte (128 mil) antes da década de vinte, quando a forte predominância era de italianos.

Também quanto à distribuição das propriedades rurais era importante a presença de estrangeiros. Entre 1905 e 1920, o número de propriedades rurais pertencentes a estrangeiros nessa área salta de 1600 para um total de 6200 propriedades, o que representava cerca de 30% do total de propriedades rurais dessa região. A maioria delas, em torno de 2/3, pertencia a italianos.

Entre 1923 e 1932, o número de fazendas de café de propriedade de imigrantes estrangeiros na região riopretense cresce de cerca de 4500 para mais de 11.100, dos quais 76% e 58% respectivamente eram de italianos.

Em suma, a área de influência de São José do Rio Preto atingiu o final da década de 1930 com uma rede urbana entre as mais desenvolvidas do oeste paulista de então e formada por vinte e dois municípios. A população total aí radicada superava 600 mil habitantes, pouco mais de 130 mil habitando as áreas urbanas. Apenas dois municípios dispunham de centros urbanos cuja população excedia 15 mil habitantes: o município sede, S.J.do Rio Preto, com 28 mil pessoas na

cidade (do total de 74 mil) e Catanduva com 19 mil habitantes na área urbana (de um total de 41 mil).

**b) A área de influência de Araçatuba.**

A área de influência de Araçatuba tinha, até o ano de 1920, um único município politicamente emancipado, Penápolis, criado em 1913 e com sede localizada nas proximidades de uma área onde mais tarde estariam localizadas as fronteiras da Região Administrativa de Araçatuba com a de Bauru a leste e a de S. J. do Rio Preto ao norte.

Apesar da E.F. Noroeste do Brasil ter alcançado esta área em torno de 1907, a produção cafeeira aí registrada no ano de 1920 era ainda pequena, atingindo pouco mais de 10% do volume produzido na área de Rio Preto nesse mesmo ano. A população também era reduzida, não chegando a 44 mil pessoas.

Ao longo da década de 1920 foram criados mais cinco municípios: Araçatuba e Birigui em 1921, Glicério e Avanhandava em 1925 e Coroados em 1928.

O período que transcorreu entre 1920 a 1940 correspondeu ao processo de efetiva integração dessa área à dinâmica econômica e populacional do estado de São Paulo. Em 1940 a área de Araçatuba já abrigava mais de 257 mil pessoas das quais apenas 56 mil habitavam seus centros urbanos. Em termos da sua economia, essa área respondia em meados da

década de trinta por cerca de 7% da produção cafeeira paulista.

Por outro lado, a área de influência de Araçatuba está contida (juntamente com uma parte da região de Bauru e o setor norte da região de Marília) no espaço onde deu-se com maior ímpeto a expansão do cultivo algodoeiro a partir de 1934-35. Dessa forma, em 1937-38 a área aí cultivada com algodão representava 27% do total do algodão cultivado em São Paulo. Em relação à área cultivada com café (que vinha evoluindo desde 1920) a cotonicultura já representava cerca de 62%.<sup>19</sup>

A economia algodoeira da região de Araçatuba, face à de S.J.do Rio Preto, desempenhou um papel ainda mais efetivo na consolidação da urbanização, pois o café, aqui, ficava longe das dimensões físicas que atingira na região riopretense (no momento da crise tanto a área de Araçatuba como o norte de Marília representavam os espaços mais recentes da expansão cafeeira) e a produção do algodão alcançava as maiores marcas do oeste.

Por essa razão, em 1937-38 o grande espaço que contem a área de influência de Araçatuba pode abrigar importantes áreas de cultivo de algodão e café no estado. A extensão da rede urbana ao longo da década de trinta deveu-se ao dinamismo da cotonicultura regional que avançou sobre a ampla infraestrutura, principalmente viária, instalada pelo complexo cafeeiro.

<sup>19</sup> Conforme Kageyama, A.A. (1979) e Albuquerque, R.H.P.L. (1982).

A pequena rede urbana originária da futura R.A. de Araçatuba, quase totalmente contida no traçado da E.F. Noroeste, estava então formada. Até o final da década de trinta essa ferrovia atingiria o Rio Paraná, na divisa com o estado do Mato Grosso, enquanto eram emancipados mais quatro municípios: com sedes no leito da Noroeste, Guararapes e Valparaíso em 1937 e Andradina em 1938; com sede distante cerca de 40 km da ferrovia e na margem direita do Tietê, Pereira Barreto em 1938. Havia então, dez municípios, nove dos quais (exceto Pereira Barreto) contidos no novo traçado da E.F. Noroeste do Brasil.

TABELA 17  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE ARAÇATUBA PRODUÇÃO CAFEEIRA 1920-1935

| Municípios                       | Ano de emancip. política | 1920        |       | 1935        |       |
|----------------------------------|--------------------------|-------------|-------|-------------|-------|
|                                  |                          | Mil Arrobas | %     | Mil arrobas | %     |
| Araçatuba                        | 1921                     | (Penápolis) |       | 1316,55     | 35,2  |
| Penápolis                        | 1913                     | 67,15       | 100,0 | 768,88      | 20,6  |
| Birigui                          | 1921                     | (Penápolis) |       | 744,12      | 19,9  |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                          | -           | -     | 911,65      | 24,4  |
| Total                            |                          | 67,15       | 100,0 | 3741,20     | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Milliet, S. (1939)

(a): Em 1935: Avandava, Glicério e Coroados.

Ao contrário da sede do município de Rio Preto, que recebeu a E.F. Araraquarense quase vinte anos depois da emancipação política do município, a sede do município de Araçatuba correspondeu ao desenvolvimento progressivo de uma localidade escolhida para instalação, em 1908, de estação da

E.F. Noroeste, numa área hostil, quase treze anos antes da emancipação do município, cuja sede iria crescer precisamente em torno dessa estação ferroviária.

Em 1940, Araçatuba já desempenhava o papel de importante centro urbano regional. A sede do município abrigava em torno de 10 a 15 mil habitantes, representando um centro urbano de referência para um longo trecho da E.F. Noroeste, principalmente na direção do extremo oeste do estado. O espaço contido num raio de 20 a 40 km a partir da sede do município, e englobando, além da sede, os municípios de Birigui, Coroados, Glicério, Guararapes e Valparaíso, concentrava pelo menos 70% da produção cafeeira e cerca de 75% da população dessa área nessa época.

TABELA 18  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE ARAÇATUBA. POPULAÇÃO E TAXA DE URBANIZAÇÃO.

| Municípios                       | Ano de emancip. política | 1920        |       | 1940     |       | tx. Urb. (%) |
|----------------------------------|--------------------------|-------------|-------|----------|-------|--------------|
|                                  |                          | No. Hab.    | %     | No. Hab. | %     |              |
| Araçatuba                        | 1921                     | (Penápolis) |       | 47721    | 17,7  | 37,3         |
| Penápolis                        | 1913                     | 43871       | 100,0 | 32003    | 12,4  | 22,2         |
| Birigui                          | 1921                     | (Penápolis) |       | 42912    | 16,7  | 22,5         |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                          | -           | -     | 137135   | 53,2  | -            |
| Total                            |                          | 43871       | 100,0 | 257771   | 100,0 | 21,9         |

Fonte: Elaborado a partir de FIDGE, Censos Demográficos de 1920 e 1940.

(a): Em 1940: Avanhandava, Glicério, Coroados, Guararapes, Valparaíso, Andradina e Pereira Barreto.

O peso da população imigrante estrangeira também aqui foi expressivo. Até 1920 a região da Noroeste recebera apenas cerca de 21 mil imigrantes. Contudo, ao longo da

década de 1920, foi a área do oeste que mais atraiu os estrangeiros que chegaram a São Paulo: 117 mil imigrantes dirigiram-se para essa área nesse período. Em termos dos imigrantes proprietários observa-se que em 1920, 2/3 do total de propriedades rurais registrada na região chamada por Holloway de "Noroeste" pertenciam a imigrantes estrangeiros. Quanto à propriedade de fazendas cafeeiras nessa mesma região, o autor citado aponta que entre 1923 e 1932 seu número em mãos de estrangeiros saltou de 181 para 9764. Desse último total, cerca de 36% era de italianos, 29% de japoneses, 20% de espanhóis e 10% de imigrantes portugueses.

Num sentido semelhante ao verificado nas demais regiões do oeste, na área de Araçatuba assistiu-se também, durante a década de vinte até meados dos anos trinta, a um intenso dinamismo econômico e populacional. Contudo, o ritmo verificado nessa época (numa faixa que engloba tanto a área da E.F.Noroeste como o ramo da E.F.Paulista denominado de Alta Paulista, faixa essa que abrange além da área de Araçatuba também um trecho da parte norte da área de Marília) foi superior ao das demais áreas estudadas.

Isso representou, de fato, o movimento de ocupação original de grandes trechos das áreas de Araçatuba e parte de Marília, com a implantação de milhares de propriedades rurais, especialmente aquelas destinadas à produção cafeeira (e a partir de meados da década de trinta, à produção algodoeira), nas quais predominavam, como já foi dito, os

imigrantes estrangeiros, especialmente os japoneses, fato esse que, como já foi comentado, iria marcar o desenvolvimento dessas áreas até os dias de hoje.

Assim, em 1940, a área de influência de Araçatuba tinha consolidado sua pequena rede urbana originária. Apenas dez municípios estavam então emancipados (contra vinte e dois da área de Rio Preto e vinte e quatro da área de Marília, as duas mais densas do oeste).

Cerca da metade dos habitantes urbanos concentrava-se nas áreas urbanas dos municípios de Araçatuba (a única com mais de 15 mil habitantes), Birigui e Penápolis.

#### e) A área de influência de Marília. <sup>(22)</sup>

Para a análise dessa área são necessários alguns breves comentários preliminares. Aqui, mais do que em qualquer das outras, o conceito de área de influência deve ser bem especificado.

O espaço que está sendo chamado de área de influência de Marília não estava ainda conformado como tal, no início da década de vinte. Isso porque, de um lado, o município de Marília, do ponto de vista político-administrativo, ainda não existia e, além disso, pelo fato de que a polarização regional em torno de Marília só iria

<sup>(22)</sup> Sobre a história do processo de urbanização de Marília e região, ver o excelente trabalho de Ohtake, M. Flora Gonçalves, (1982).

afirmar-se na década de trinta com a consolidação da parte norte da área.

A história da ocupação da área que futuramente corresponderia à Região Administrativa de Marília correspondeu, de fato, a dois movimentos distintos no tempo e no espaço. Processaram-se em duas faixas que penetraram o oeste paulista em direções aproximadamente paralelas e cujos eixos distavam de 50 a 80 km.

O eixo sul é o mais antigo e no século dezanove já apresentava quatro municípios emancipados: Santa Cruz do Rio Pardo (1876), Piraju (1880), Echaporã (mais ao centro, 1885), São Pedro do Turvo e Fartura em 1891.

A partir da primeira década do século vinte o eixo sul passou a corresponder ao desenrolar dos trilhos da E.F. Sorocabana, que correm por um longo trecho bem próximos da fronteira de São Paulo com o Paraná. Entre 1900 e 1910 atingiram a sede do futuro município de Salto Grande, estabelecendo estações, ao penetrar a área estudada, nos locais onde seriam futuramente as sedes dos municípios de Bernardino de Campos, Ipaussu, Chavantes e Ourinhos.

Nos anos 1910 alcançaram a sede do futuro município de Quatá, instalando pelo caminho estações que mais tarde se transformariam em sedes dos municípios de Palmital, Cândido Mota, Assis e Paraguassu.

O eixo norte estava vinculado ao avanço da E.F. Paulista, que partiu de Bauru e adentrou a área estudada na altura dos municípios de Gália e Garça, atingindo a sede do

município de Marília no ano de sua emancipação político-administrativa, em 1928.

A partir destes dois eixos de penetração desenvolveu-se a área de Marília, onde em 1920 já havia doze municípios emancipados, entre eles os cinco já citados do século dezenove e outros sete da década de 1910: Salto Grande de 1911, Ipaussu e Platina de 1915, Assis e óleo de 1917, Ourinhos de 1918 e Palmital de 1919, todos no trecho sul da área estudada.

TABELA 19  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE MARÍLIA. PRODUÇÃO CAFEEIRA 1920 - 1935

| Municípios                       | Ano de emancip. política | 1920        |       | 1935        |       |
|----------------------------------|--------------------------|-------------|-------|-------------|-------|
|                                  |                          | Mil arrobas | %     | Mil arrobas | %     |
| Marília                          | 1928                     | (Pirajuí)   |       | 734,40      | 15,4  |
| Barça                            | 1928                     | ( " )       |       | 652,79      | 13,7  |
| Piraju                           | 1880                     | 162,47      | 38,9  | 487,39      | 10,2  |
| São Cruz R. Pardo                | 1876                     | 68,32       | 16,4  | 318,14      | 6,7   |
| Ipaussu                          | 1915                     | 97,95       | 23,5  | 327,85      | 6,9   |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                          | 88,44       | 21,2  | 2246,30     | 47,1  |
| Total                            |                          | 417,18      | 100,0 | 4766,87     | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Milliet, S. (1939).

(a): Em 1920: Bela Vista, Assis, Fartura, óleo, Ourinhos, Palmital, Salto Grande e São Pedro do Turvo. Em 1935, mais: Gália, Guatá, Paraguassu, Maracá, Cândido Mota, Platina, Chavantes e Bernardino de Campos.

A totalidade da produção cafeeira registrada em 1920 nessa área provinha de municípios localizados na faixa Sul, com Piraju sendo o município de maior produção individual. Agregada essa produção aos volumes de produção cafeeira dos municípios de Santa Cruz do Rio Pardo e

Ipaussu, obtinha-se então quase 80% da produção da área. Estes três municípios concentravam ainda cerca de 42% da população total em 1920.

Entre 1920 e 1940 houve um intenso dinamismo econômico nessa área. A produção cafeeira decuplicou e a população mais do que duplicou. Os três municípios da parte norte, então recém-criados, Marília, Garça e Gália, respondiam por cerca de 1/3 do café produzido e abrigavam 27% da população aí radicada.

TABELA 20  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE MARÍLIA. POPULAÇÃO  
E TAXA DE URBANIZAÇÃO. 1920 - 1940

| Municípios            | Ano de emancip. política | 1920      |       | 1940     |       | Tx. Urb. (%) |
|-----------------------|--------------------------|-----------|-------|----------|-------|--------------|
|                       |                          | No. Hab.  | %     | No. Hab. | %     |              |
| Marília               | 1928                     | (Pirajui) |       | 81064    | 14,3  | 35,0         |
| Garça                 | 1928                     | ( " )     |       | 33410    | 5,9   | 26,6         |
| Piraju                | 1880                     | 29353     | 17,6  | 31246    | 5,5   | 22,1         |
| Sta. Cruz R. Pardo    | 1876                     | 32456     | 19,4  | 44578    | 7,9   | 15,5         |
| Ipaussu               | 1915                     | 7681      | 4,6   | 9707     | 1,7   | 24,1         |
| Outros municípios (a) |                          | 98044     | 58,5  | 367636   | 64,7  | -            |
| Total                 |                          | 167534    | 100,0 | 567643   | 100,0 | 23,2         |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos de 1920 e 1940.

(a): Em 1920: Echaporã (ex-Bela Vista), Assis, Fartura, Óleo, Ourinhos, Palmital, Salto Grande e São Pedro do Turvo; em 1940, mais: Gália, Vera Cruz, Pompéia, Tupã, Quatã, Paraguassu, Maracá, Candido Mota, Platina, Chavantes e Bernardino de Campos.

A produção algodoeira a partir de meados de 1930 apresentou notável incremento. No sul, mais antigo, a área cultivada com algodão superava a do café em quase 1,0 mil hectares. Ao norte (abrangendo a zona da E.F. Noroeste e um

trecho de Bauru) o café quase não alterou o seu potencial produtivo (a área cultivada, nesse espaço, caiu apenas 3% entre 1930-31 e 1937-38) e o algodão apresentou o melhor desempenho do oeste paulista (como já foi comentado no tópico anterior). A área de Marília participava ainda, em 1936 e 1938, com parcelas significativas da produção de arroz, feijão, mamona e mandioca, revelando uma tendência de diversificação da produção agrícola.

A rede urbana originária consolidou-se entre 1920 e o final dos anos trinta. No setor da E.F. Sorocabana foram emancipados mais seis municípios: Chavantes em 1922, Bernardino de Campos e Cândido Mota em 1923, Maracáí e Paraguassu em 1924 e Durinhos em 1925; exceto Maracáí, todos os demais, como já foi citado, com sedes no leito da ferrovia.

Ao norte, no setor da E.F. Paulista, foram também emancipados mais seis municípios: Gália em 1927, Marília e Garça em 1928, Vera Cruz em 1934 e Tupã e Pompéia em 1938; com exceção de Gália, todos com estações ferroviárias em suas sedes.

A composição da população também aqui, como nas demais áreas do oeste paulista, é influenciada pela presença do imigrante estrangeiro. Particularmente a partir do início do século até o final dos anos trinta, milhares de estrangeiros, em sua maioria italianos, espanhóis e, na década de trinta, japoneses, aí se instalaram.

Em 1932, conforme o já citado trabalho de Holloway, milhares de italianos, espanhóis e japoneses (especialmente no eixo norte, na chamada Alta Paulista e um pouco mais acima perto da E.F. Noroeste) entre outros, eram proprietários de fazendas produtoras de café nessa área. Conforme Ohtake(1982), de 1930 a 1940 a participação japonesa na população total do município de Marília oscilou entre 17% e 19% e representava, ainda, mais de 60% dos estrangeiros residentes no município, sendo marcante a partir dessa época a presença japonesa na região.

Em 1940 a área de influência de Marília contava com uma rede urbana formada por vinte e quatro municípios. Desde o início da sua formação, no final do século dezanove até o término da década de 1930, esta área e a de São José do Rio Preto ostentaram as redes urbanas com maior número de municípios, mas a integração regional era mais significativa em São José do Rio Preto, principalmente porque, ao contrário da área de Marília, dependia então de um único eixo de penetração.

Nas partes central e sul estavam localizados 2/3 dos municípios existentes no final dos anos trinta. Contudo foi a parte norte dessa área que apresentou maior dinamismo econômico e populacional entre 1920 e 1940.

#### d) A área de influência de Presidente Prudente

Do ponto de vista da sua ocupação original e desenvolvimento inicial esta área pode ser considerada como um prolongamento da área de influência de Marília.

Os eixos de penetração são os mesmos: ao centro-sul, a E.F.Sorocabana, que avançou mais rapidamente atingindo a localidade onde seria a sede do município de Santo Anastácio em 1920, distante cerca de 50 km da fronteira com estado do Mato Grosso e cerca de 600 km da capital paulista.

Ao norte, a Cia.Paulista atravessou uma área que iria afirmar-se em termos político-administrativos apenas a partir da década de 1940.

Das regiões do oeste paulista esta foi a que desenvolveu sua rede urbana mais tardiamente. A necessidade da descentralização da oferta de determinados serviços urbanos e afirmação do poder local aí, só iria impor-se ao longo da década de 1920. Mesmo assim, tão somente três municípios foram então criados: Presidente Prudente(1921), Santo Anastácio(1925) e Presidente Venceslau(1926), todos na parte centro-sul da área e com sedes localizadas no leito da E.F.Sorocabana.

As duas ferrovias avançaram em ritmos diferentes mas ambas atingiriam as fronteiras com o estado do Mato Grosso no final da década de trinta. Contudo, a evolução da

rede urbana ainda tardaria, especialmente na parte norte, como já foi dito.

Na parte centro-sul, até o final dos anos trinta, foram criados mais quatro municípios: Rancharia, Regente Feijó e Presidente Bernardes em 1935 (todos com sedes no leito da E.F.Sorocabana) e Martinópolis em 1938 (cuja sede distava entre 5 e 10km da ferrovia).

Dessa forma a rede urbana originária da futura R.A. de Presidente Prudente estava apenas esboçada no final do anos trinta. Tão somente sete municípios estavam emancipados em 1940, todos na parte centro-sul.

TABELA 21  
ÁREA DE INFLUÊNCIA DE PRESIDENTE  
PRUDENTE. PRODUÇÃO CAFEIEIRA- 1935

| Municípios     | Ano de emancipação política | 1935        |       |
|----------------|-----------------------------|-------------|-------|
|                |                             | Mil arrobas | X     |
| Pres.Prudente  | 1921                        | 367,66      | 51,2  |
| Sto.Anastácio  | 1925                        | 248,55      | 34,6  |
| Pres.Venceslau | 1926                        | 101,98      | 14,2  |
| Total          |                             | 718,18      | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Milliet, S.(1939).

Essa demora relativa na estruturação da rede urbana deve ser explicada pelo fato de que esta área é a que ocupa, face as demais do oeste, a posição extrema ocidental do estado. A produção cafeeira só seria aí registrada a partir da década de 1930, assim mesmo em volumes reduzidos.

TABELA 22  
 ÁREA DE INFLUÊNCIA DE PRES. PRUDENTE  
 POPULAÇÃO E TAXA DE URBANIZAÇÃO - 1940

| Municípios                       | Ano de emancip. política | 1940     |       |              |
|----------------------------------|--------------------------|----------|-------|--------------|
|                                  |                          | No. Hab. | %     | Tm. Urb. (%) |
| Pres. Prudente                   | 1921                     | 75806    | 35,0  | 23,6         |
| Sto. Anastácio                   | 1925                     | 28290    | 13,1  | 24,1         |
| Pres. Venceslau                  | 1926                     | 23168    | 10,7  | 18,6         |
| Outros municípios <sup>(a)</sup> |                          | 89236    | 41,2  | -            |
| Total                            |                          | 216500   | 100,0 | 19,6         |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censo Demográfico de 1940 e Seade (1989).

(a): Rancharia, Regente Feijó, Presidente Bernardes e Santo Anastácio.

O surto algodoeiro aqui impactou de forma semelhante ao que foi comentado para o setor sul da área de Marília. Ou seja, já superava o café (em termos da área cultivada) em 1937-38 e cumpriria um papel importante, a partir da infraestrutura implantada pelo complexo cafeeiro, na urbanização da área. Quatro dos sete municípios aí existentes em 1940 foram criados no período da expansão da cotonicultura.

Juntamente com a região de Araçatuba a área de Presidente Prudente contribuiu, em 1936 e 1938, com parcelas significativas da produção paulista de arroz, feijão, mamona e milho, apresentando a mesma tendência de diversificação agrícola manifestada (com distintas intensidades) nas demais regiões do oeste.

Em termos da ocupação populacional e da sua composição, a área de Presidente Prudente, nesse período, daria sequência à parte Sul da região de Marília. Nota-se

também aqui a presença marcante da imigração estrangeira. A imigração associada ao eixo da Alta Sorocabana representou a entrada de cerca de 213 mil estrangeiros com maior intensidade ao longo da década de vinte. Em 1932 observava-se também, a forte presença de imigrantes estrangeiros, predominantemente italianos e japoneses, como proprietários de fazendas cafeeiras.

No final dos anos 1930 essa área era a menos urbanizada entre as regiões do este paulista. A sede do município de Presidente Prudente, com cerca de nove mil habitantes era o maior centro urbano da área mas ainda muito pequeno para que pudesse ser considerado um "polo" urbano regional.

Em 1940, pouco mais de 40 mil pessoas habitavam o conjunto dos centros urbanos dos sete municípios existentes nessa área, cifra equivalente, por exemplo, ao número de habitantes dos centros urbanos dos dois principais municípios da área de São José do Rio Preto nessa época.

\* \* \*

Os comentários que se seguem têm como objetivo adiantar algumas conclusões preliminares acerca do que foi exposto neste capítulo.

A estruturação originária da rede urbana das várias regiões do oeste de São Paulo deu-se sob um padrão

escorado, em última instância, na ampliação da área de atuação do complexo cafeeiro.

A especificidade que cercou as regiões do oeste paulista foi que, quando aí chegou, a atividade cafeeira já tinha incorporado o trabalho livre e, principalmente, consolidara-se o complexo econômico cafeeiro capitalista, em especial a atividade financeira, possibilitando a mobilização, concentração e centralização dos capitais e, a partir daí, a atividade produtiva ligada ao transporte de cargas com as ferrovias.

Assim a ocupação das terras do oeste significou mais do que a simples expansão da base técnica da acumulação cafeeira, em função da extensão das dimensões físicas do seu núcleo produtivo no campo. Aí, a base de acumulação capitalista ampliou-se também porque essa expansão física só foi possível pelo desenvolvimento das ferrovias que foram incorporadas, enquanto atividade produtiva capitalista, à própria base de acumulação do complexo cafeeiro.

As grandes dimensões que envolvem o avanço da acumulação cafeeira em terras paulistas, sobre a base acima resumida, é que explicam as "explosões" produtiva e populacional verificadas e que, em pouco mais de trinta anos, responderam pela criação de dezenas de centros urbanos e a ocupação produtiva de gigantescas áreas de terra cuja produção, de início quase que exclusivamente cafeeira, já começara a diversificar-se no final do período estudado.

A partir de meados da década de trinta a rede urbana traçada pelo complexo cafeeiro ao longo de quase cinquenta anos, propiciou o avanço do algodão, outra cultura dinâmica que tem papel fundamental no desenvolvimento inicial da industrialização paulista. Essa "conexão" do algodão à infra-estrutura implantada pelo café respondeu, em grande parte, pela rapidez com o oeste de São Paulo superou a crise cafeeira e retomou o dinamismo econômico, criando condições para o salto de consolidação da sua urbanização que ocorreria em seguida, entre 1940 e 1970.

Por outro lado, a marca cafeeira-ferroviária da origem da ocupação das áreas do oeste examinadas pode ser constatada até no formato assumido pelo desenho das suas respectivas redes urbanas até o início do anos 1940.

Exceto a região de São José do Rio Preto e a parte central da região de Marília, as demais áreas examinadas encerraram o período estudado com redes urbanas cujas sedes municipais, representadas no mapa das ferrovias, mais pareceriam um conjunto de pontos semeados sobre os leitos ferroviários. As redes urbanas originárias das áreas de Aracatuba, parte sul de Marília e Presidente Prudente, e parte norte de Marília, assemelhavam-se, então, a longas faixas centradas, respectivamente, nos trilhos da E.F. Noroeste do Brasil, da E.F. Sorocabana (a "Alta Sorocabana") e da Cia. Paulista de E.F. (a "Alta Paulista").

As explicações para as formas da rede urbana original devem ser procuradas no exame das estratégias de

desenvolvimento de cada uma das ferrovias citadas. De fato, como já foi visto, embora tenham seu início em momentos próximos, as ferrovias E.F.Araraquarense, E.F.Noroeste do Brasil e E.F.Sorocabana têm um ritmo de avanço para o interior das áreas estudadas muito distintos, especialmente a partir da década de 1910.

Enquanto a Araraquarense ficaria estacionada na sede do município de São José do Rio Preto até o início dos anos de 1930, as outras duas atingiram a fronteira de São Paulo com Mato Grosso em 1937-38. Isso impôs uma dispersão maior da rede urbana originária da área de Rio Preto que até o final do período apresentava uma distribuição urbana mais espalhada e quase toda situada na sua parte leste. Ao contrário, nessa mesma época, as áreas de Araçatuba e Presidente Prudente já contavam com municípios emancipados em áreas fronteiriças, no extremo oeste do estado.

Finalmente, em termos gerais, é possível visualizar (ver tabela abaixo) o grau de urbanização das áreas estudadas no final da década de trinta, logo depois do final do período analisado nessa seção.

O chamado oeste paulista respondia por quase 1/3 da população rural do estado, perto de 23% da população total e apenas 11% da população então radicada nos centros urbanos dos municípios de São Paulo.

TABELA 23  
REGIÕES ADMINISTRATIVAS DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO - 1940  
(MIL HABITANTES)

|                | Total   |       | Urbana  |       | Rural   |       |
|----------------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
|                | V.A.    | X     | V.A.    | X     | V.A.    | X     |
| S.J.Rio Preto  | 618.6   | 8,6   | 133.9   | 4,2   | 484.7   | 12,1  |
| Araçatuba      | 257.8   | 3,6   | 56.4    | 1,8   | 201.3   | 5,0   |
| Marília        | 567.6   | 7,7   | 131.6   | 4,2   | 436.1   | 10,7  |
| Pres.Prudente  | 216.5   | 3,0   | 42.5    | 1,3   | 174.0   | 4,3   |
| "Deste"-Total  | 1.660.5 | 23,1  | 364.4   | 11,5  | 1.296.1 | 32,3  |
| Bauru          | 554.1   | 7,7   | 51.1    | 4,8   | 403.1   | 10,0  |
| "Deste"+ Bauru | 2.214.6 | 30,8  | 515.5   | 16,3  | 1.699.1 | 42,3  |
| São Paulo      | 7.180.3 | 100,0 | 3.168.1 | 100,0 | 4.012.2 | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censo Demográfico de 1940  
in: Seade (1981).

Isso configurava um contexto de baixa densidade demográfica e de urbanização modesta apesar do intenso dinamismo econômico ostentado pelo complexo cafeeiro em especial na área de São José do Rio Preto e em alguns trechos das regiões de Marília e Araçatuba.

Esse dinamismo, assentado no avanço das atividades agrícolas e na agroindústria de beneficiamento, não era ainda capaz de propiciar a "massa crítica" necessária ao direcionamento de parcelas significativas da massa do excedente gerado às atividades urbanas regionais, tais como Bancos, determinados ramos comerciais e de serviços, setor Imobiliário e, principalmente, para a Indústria de Transformação, como ocorria em outras regiões como a Capital do estado e a de Campinas, por exemplo.

Além disso, os núcleos urbanos eram muito dispersos e localizados a grandes distâncias da Metrópole e

dos principais centros urbanos do estado. Assim, não se poderia mesmo esperar que o excedente aí se localizasse nessa época, a não ser, como era mais comum, na aquisição ou na incorporação de novas terras.

## CAPÍTULO 2: CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO OESTE PAULISTA: EVOLUÇÃO DAS RELAÇÕES CAMPO-CIDADE E AS NOVAS FUNÇÕES URBANAS. (1940-1990)

O período que transcorre entre 1930-33 até o final dos anos oitenta está marcado pelo avanço do processo de industrialização brasileira e pela crise econômica atual.

De início, o momento que sucede à crise cafeeira de 1929-1930 assiste à ruptura do padrão de acumulação capitalista centrado no complexo cafeeiro definindo-se, a partir daí, novo padrão comandado pelo capital industrial.

A insuficiência das condições de reprodução interna de parte substancial dos meios de produção, que tinham que ser obtidos via importação, constituiu-se, como se sabe, na característica fundamental dessa etapa da industrialização brasileira, que em função desses limites, foi denominada de "restringida".<sup>(21)</sup>

Tais limites, à acumulação industrial no Brasil só seriam superados a partir dos meados da década de cinquenta, quando : "(...) de um lado, a estrutura do sistema produtivo se alterou radicalmente, verificando-se um profundo 'salto tecnológico'; de outro, a capacidade produtiva se ampliou muito à frente da demanda pré-existente. Há, portanto, um novo padrão de acumulação, que demarca uma nova fase, e as características da expansão delineiam um processo de

<sup>(21)</sup> Helle, J.M.C.(1975); Tavares, M.C.(1986).

industrialização pesada, porque este tipo de desenvolvimento implicou num crescimento acelerado da capacidade produtiva do setor de bens de produção e do setor de bens duráveis de consumo antes de qualquer expansão previsível de seus mercados". (RR)

A forte expansão da indústria assistida entre 1956 e 1961 (momento em que se concentraram os investimentos que alteraram profundamente a estrutura industrial brasileira) foi sucedida por uma crise que iria até 1967.

A essa crise sucedeu-se nova expansão, de 1967 a 1974, que passou a ser denominada de "milagre econômico", caracterizada pelo crescimento acelerado da produção industrial estimulada tanto externamente pela expansão das exportações fortemente incentivadas, como internamente, pela ocupação da capacidade ociosa e pelo avanço da produção especialmente na Indústria de Bens Duráveis de Consumo, de Bens de Capital e de Insumos Básicos. Essa retomada do investimento contou com a importante participação do gasto e de recursos públicos, particularmente no setor da Construção Civil, tanto a residencial (com o Sistema Financeiro da Habitação) como o seu núcleo pesado ligado às obras urbanas e a construção e pavimentação de estradas.

A partir dessa época, por razões ligadas à própria natureza do processo pelo qual atingiu-se a maturidade industrial, a industrialização passa a ser problematizada e a economia brasileira iniciou um longo período, que dura até

(RR) Hello, J.H.C. (1975), p.124.

hoje, de crise estrutural geradora de instabilidades, que resistem às sucessivas políticas de estabilização e a algumas fracassadas tentativas de rearticulação do crescimento econômico.

Tais razões estão relacionadas, como se sabe, internamente, com a crise do Estado e com a heterogeneidade que tem caracterizado a sociedade brasileira ao longo da sua existência, tendo a maturidade industrial acirrado alguns dos seus aspectos mais graves; externamente, originaram-se da crise e das transformações por que passa a economia mundial, cujas consequências para países como o Brasil, fizeram-se sentir de modo agudo, quando da ruptura do padrão de financiamento externo que vigorou por quase uma década, e que fora um dos elementos decisivos para a viabilização do avanço econômico brasileiro entre 1967-68 até o final da década de setenta.

Em termos da sua distribuição regional a atividade econômica brasileira apresentaria, no final do longo período de 1940 a 1970, modificações na tendência do processo de concentração industrial em São Paulo. Nas etapas da industrialização "restringida" (1933-1955) e na primeira etapa da "pesada", (1956-1967) a indústria paulista cresceu num ritmo mais intenso do que o crescimento industrial verificado no restante do país.

Essa dinâmica do processo de industrialização resultou no aumento da concentração industrial no estado de São Paulo. A participação do valor da transformação

industrial da indústria paulista no correspondente total do país, que estava em torno de 33% em 1919, saltou progressivamente para 40% em 1939, 48% em 1949 e 55% em 1959, alcançando cerca de 58% em 1970.

Nas duas décadas seguintes (entre 1970 e 1990), esse processo, fortemente afetado por políticas implementadas por diversos organismos e instrumentos institucionais dos Governos Federal e Estadual, influiu em duas direções: uma, dentro do próprio estado, dirigiu-se da Região Metropolitana para o interior do estado e outra, do estado de São Paulo no sentido do resto do país.

Dessa forma, a participação paulista na geração do produto industrial brasileiro caiu, sucessivamente, de 58% em 1970, para 53% em 1980 e para cerca de 50% em 1989, sendo que nesse longo período, exceto São Paulo e o estado do Rio de Janeiro, todas as demais regiões do país ganharam posições relativas.

Por outro lado, a agricultura paulista manteve-se durante todo o período de 1939 ao final da década de 1980, entre as três mais importantes na produção de vários dos principais produtos agrícolas brasileiros.<sup>(22)</sup>

O movimento da economia paulista no interior da dinâmica econômica do país, sua hegemonia nos vários compartimentos produtivos, atuaram sobre a base da dinâmica social e do processo de urbanização que estava em curso no

<sup>(22)</sup> Dentre os quais, alimentos como arroz, milho e batata inglesa; matérias primas agroindustriais energéticos e exportáveis como algodão, cana-de açúcar, laranja e café. Estavam em São Paulo também parcelas expressivas dos efetivos e do abate de bovinos do país, bem como dos efetivos e abate de aves, produção de leite e de ovos de galinha.

estado e nas diversas regiões do Brasil.

Assim, a partir dos anos 1940 intensificar-se-ia a urbanização. Entre 1940 e 1950, o conjunto da população dos centros urbanos paulistas cresceu entre a taxas médias anuais de 4,3% (contra cerca de 3,8% para o Brasil).

Ao longo dos anos 1950 e 1960 o ritmo do crescimento populacional das cidades foi ainda mais intenso, sendo que no primeiro destes períodos as taxas do conjunto do país foram semelhantes às do estado (ambas "explosivas" e em torno de 5,5%a.a), enquanto que no segundo ocorreu uma outra "explosão" da população urbana paulista, que entre 1960 e 1970 cresceu a uma taxa média anual de 5,8% (contra 5,2% e 4,9% respectivamente para o total da população urbana do país e para o conjunto dos demais estados).

Ao longo da década de 1970 o ritmo de crescimento da população urbana arrefeceu um pouco ficando em torno de 4,4% ao ano para o estado de São Paulo e 4,3% para o conjunto do país.

Estas diferenças regionais observadas quanto ao ritmo de crescimento populacional, especialmente da população urbana, tem um importante componente migratório, em grande parte explicado pelas crescentes dificuldades de sobrevivência colocadas para a população de baixa renda em várias partes do país, em função da insuficiência das condições materiais geradas pelo ritmo de crescimento menos intenso e pela estrutura mais limitada dos seus diversos compartimentos produtivos.

O estado de São Paulo, pelo dinamismo econômico verificado e, em que pese os problemas sociais já existentes, tornou-se um dos espaços mais importantes de atração de imigrantes, vindos majoritariamente dos estados da região Nordeste e de Minas Gerais.

Entre 1940 e 1970, quase 2,5 milhões de pessoas aqui chegaram, das quais teriam permanecido cerca de 1,4 milhões. Isso representou mais do que 12% do incremento populacional nesse período, sem dúvida um forte componente de crescimento demográfico do estado.

Contudo foi nos últimos vinte anos que a imigração para São Paulo assumiu contornos "explosivos". Na década de 1970 as entradas líquidas de migrantes em São Paulo foram estimadas em 2,6 milhões de pessoas (que representaria cerca de 36% do acréscimo populacional registrado no período), enquanto que para os anos oitenta, esse número estaria, estimativamente, em torno de 2,3 milhões de imigrantes, cerca de 30% do crescimento populacional estimado para o período. <sup>(24)</sup>

Esse fluxo migratório rumo ao estado de São Paulo, representou, face ao conjunto da migração ocorrida no país entre 1940 e 1970, cerca de 27% do total de migrantes.

Outras indicações da intensidade do processo de urbanização em curso no período podem ser obtidas da análise da evolução do emprego ou das ocupações produtivas. A estrutura setorial da ocupação da população economicamente

<sup>(24)</sup> Cano, W. e Pacheco, C. A. (1990).

ativa no país alterou-se ao longo de todo o período, acentuando o peso relativo das ocupações ligadas à indústria, à construção civil e ao conjunto das atividades do setor terciário, principalmente aquelas que se desenvolveram ou se reciclaram em função das novas e crescentes necessidades de serviços colocadas pela dinâmica econômica e urbana.

Por outro lado, especialmente no final do período, caiu drasticamente, em termos relativos e absolutos, o emprego nas atividades rurais. <sup>(25)</sup>

Quanto à participação relativa paulista no emprego do setor secundário do conjunto do país, há um aumento acentuado, principalmente ao longo das décadas de 1940 e 1950, quando esta cifra salta de 25% para 31% e daí para 37% do total da P.E.A, estabilizando-se no final do período. Isto representa uma indicação do forte dinamismo industrial da economia paulista neste período, que implicou um movimento também intenso da construção civil.

Cabe ressaltar ainda que o perfil ocupacional do estado de São Paulo entre 1940 e 1970, foi se transformando, ou seja, as ocupações urbanas (do comércio e serviços, da indústria e da construção civil) foram ganhando espaço em função da dinâmica econômica, sendo que em 1950 já ultrapassavam a metade dos postos de trabalho disponíveis e

<sup>(25)</sup> Para o estado de São Paulo isso ocorreu principalmente pela substituição modernizante do trabalho humano via aumento do grau de mecanização no campo; para as regiões de agricultura mais atrasada essa diminuição, que até 1970 foi apenas relativa, deu-se predominantemente, por falta de dinamismo do setor primário: enquanto cerca de 350 mil postos rurais de trabalho foram eliminados em São Paulo, no resto do país foram criados cerca de 3,5 milhões de novos empregos no campo.

em 1970 atingiam cerca de 80%; em 1980 iriam representar quase 89% do total do emprego do estado.

Dessa forma, as modificações na base produtiva da sociedade brasileira iriam ensejar profundas transformações na estrutura social. O espaço privilegiado das manifestações concretas destas mudanças foi, como se sabe, o urbano, em particular as grandes e médias cidades paulistas.

Isso porque tais centros urbanos absorveram todo o impacto de dois movimentos conjugados: de um lado o processo de implantação industrial, essencialmente urbano e concentrado, atraiu enormes contingentes populacionais para as cidades; de outro, pela "urbanização crescente da mão-de-obra rural num mercado de trabalho unificado" resultante das modificações na base técnica e nas relações de produção da agricultura"<sup>(24)</sup>. Estes dois movimentos foram bastante intensificados a partir da década de 1960, com o avanço e consolidação da industrialização pesada.

Em suma, pelas condições do desenvolvimento econômico assumido, pela forma de enfrentamento das questões sociais, urbanas e regionais, especialmente a partir de meados da década de sessenta, fica caracterizado o que seria a "caótica" urbanização dos anos setenta:

"Se a urbanização da década de 1950 foi 'suportável' a da década seguinte passou a ser problemática e, a da de 1970 'caótica' com perda da qualidade do padrão de vida que as cidades ofereciam, com a perda de qualidade e

<sup>(24)</sup> Negri, B.; Gonçalves, H. Flora e Cano, W. (1988).

a 'privatização' da maior parte dos serviços públicos e a incapacidade política - face ao autoritarismo e à baixa politização do povo- das populações reclamarem seus direitos urbanos.

Com o crescimento 'anárquico' das cidades, a especulação imobiliária e a periferização dos assentamentos humanos marcaram o período"<sup>42</sup>", situação essa que deveria agravar-se no transcorrer dos anos oitenta como uma das consequências da instabilidade econômica que marcou o período.

## 2.1. Industrialização e urbanização nas Regiões Administrativas do oeste de São Paulo: consolidação da rede de cidades, "estabilização" demográfica, modernização agrícola, "esvaziamento" do campo e concentração urbana. (1940-1990)

O avanço do desenvolvimento econômico regional no estado de São Paulo deu-se sob dois padrões básicos: o primeiro, concentrador quanto à localização da atividade industrial, resultou na formação da maior concentração industrial e urbana do país, em torno da capital do estado, a chamada Região Metropolitana de São Paulo; o segundo, articulado à expansão da fronteira agrícola (especialmente a cafeicultura e a cotonicultura) avançou para o interior e

<sup>42</sup> Cano, W., (1980), p.89.

respondeu pela ocupação populacional e integração econômica espacial do estado de São Paulo e pelo surgimento de diversos e importantes centros urbanos regionais.

Diversas estatísticas disponíveis auxiliam as análises que buscam a interpretação das principais características desse movimento regional. As atividades agropecuárias vêm sendo registradas desde pelo menos os anos trinta com base territorial nas chamadas "Divisões Regionais Agrícolas(DIRA)". Várias informações econômicas e demográficas, entre outras, estão agregadas baseadas nas "Regiões Administrativas", de forma direta a partir de 1970, quando foram criadas<sup>(22)</sup>, ou por compatibilização, para períodos passados.

Embora não haja uma perfeita compatibilidade em termos dos municípios que os compõem, é possível utilizá-los de forma independente mas coordenada, de tal maneira que se consiga articular as conclusões mais importantes para as áreas de influência estudadas.<sup>(23)</sup>

De início cabe salientar que o movimento de concentração industrial em torno da capital avançou até 1970 quando representava cerca de 75% do produto industrial paulista. Durante a etapa da industrialização restringida, o centro dinâmico dessa concentração era o próprio município da capital e quando iniciou-se a segunda etapa da industrialização pesada (1968-73), o dinamismo desse

<sup>(22)</sup> Divisão Regional Político-Administrativas de São Paulo oficializada em dezembro de 1970. Ver Anexo dos mapas e regionalização do Estado de São Paulo.

<sup>(23)</sup> As informações econômicas, demográficas e da emancipação político-administrativa regionais foram organizadas em várias tabelas apresentadas no final desta seção.

movimento deslocou-se para municípios vizinhos à capital.

A partir da década de setenta como já foi comentado, houve uma inflexão desse movimento quando o conjunto da região metropolitana paulista passou a ceder espaço na geração do produto industrial para o conjunto da indústria localizada no interior do estado e também para o resto do país.

A atividade econômica interiorizada é que será examinada neste tópico para que possam ser ressaltadas as características dinâmicas das regiões que compõem o oeste de São Paulo.

A urbanização das regiões do oeste durante o longo período de 1940 a 1990 pode ser examinado em dois momentos: o primeiro, que vai até o início dos anos 1970, está referido à formação da rede urbana regional com o estabelecimento das diversas sedes e sub-sedes regionais e a criação, via desmembramento, de mais de uma centena de novos municípios. Essa etapa foi marcada pelo esgotamento do processo de ocupação ferroviário-cafeeiro-algodoeiro que deu origem ao "Oeste Pioneiro", pela estabilização do crescimento demográfico do conjunto das suas regiões e pela consolidação do processo de integração econômica regional ao intenso movimento econômico paulista e brasileiro que culminou no ciclo expansivo de 1967-68 a 1973-74.

O segundo momento, de meados dos anos 1970 em diante, refere-se à diferenciação da dinâmica econômica regional paulista, em especial nas regiões que compõem o

oeste do estado. A característica fundamental dessa etapa foi a manutenção do dinamismo econômico de várias das regiões do interior paulista (entre elas, Campinas, Ribeirão Preto, e as regiões do oeste), face à crise econômica que marcou o período (e persiste até hoje), dinamismo este fundamentado, principalmente, na crescente integração agroindustrial dessas economias regionais.

Para o conjunto do oeste paulista, o período de 1940 a 1990 significou afirmação e maturidade da sua integração econômica, social e política ao movimento econômico do estado e do país.

Entre 1940 e 1960, em vários espaços dessa área o movimento dominante em termos econômicos, demográficos e político-administrativos tinha ainda características de ocupação pioneira. Nesse momento encerrava-se o movimento de ocupação originária das sub-regiões de Votuporanga, Fernandópolis e Jales na Região Administrativa de São José do Rio Preto (na década de 1950); da sub-região de Andradina na R.A. de Araçatuba - (meados de 1940) e das sub-regiões de Adamantina e Dracena ao norte da R.A. de Presidente Prudente (décadas de 1940 e 1950).

Mesmo face à ocupação pioneira das áreas citadas, a partir dos anos cinquenta o ritmo de crescimento demográfico arrefeceu para o conjunto do oeste e, com a consolidação do sistema de cidades paulista, nos meados de 1960, passa a ficar evidente o movimento específico das diversas áreas de influência que se formaram em torno dos

seus centros urbanos mais dinâmicos; as atividades econômicas que nuclearam e consolidaram as posições desses centros regionais que vão se desenvolvendo na porção oeste do estado, foram predominantemente agropecuárias e com crescente integração agroindustrial.

A consolidação da estrutura física da rede urbana paulista deu-se concomitantemente à enorme expansão do sistema viário do estado propiciada pelo implante industrial em vários setores produtivos ligados à Construção Civil.

Apenas para dar a ordem de grandeza dessa expansão viária (especificamente, rodoviária) observe-se que a partir de meados de 1940 e particularmente entre 1954 e 1962 deu-se uma verdadeira "revolução" na estrutura do sistema viário paulista.

Em 1940 o estado dispunha de cerca de 8.600 km de ferrovias e de 6.000 km de rodovias, dos quais menos do que 100 km pavimentados. Em 1954 a rede ferroviária caía para 7.700 km (com a desativação de vários ramais) e as rodovias aumentavam sua extensão para 8.700 km, sendo 740 km pavimentados. Em 1962, completado e em funcionamento o implante dos novos setores pesados da Indústria e da Construção Civil, as rodovias já se estendiam por 12.100 km, com cerca de 5.900 km pavimentados, enquanto as ferrovias reduziam novamente seus trilhos dispondo então de 6.600 km. O sistema viário paulista tornava-se, ademais, crescentemente integrado ao sistema viário nacional e avançaria num ritmo intenso a partir de então.

Pouco mais da metade dos municípios que compõem a rede urbana paulista foram emancipados a partir de 1940, dos quais também pouco mais da metade pertencem às regiões do oeste do estado. <sup>(20)</sup>

A expansão da rede urbana paulista não estava mais subordinada ao movimento ferroviário-cafeeiro; apoiava-se agora na extensão da rede rodoviária, que ao mesmo tempo estimulou e foi estimulada, pela diversificação e modernização da agropecuária e pelo avanço das atividades agroindustriais, atividades essas, espacialmente dispersas pelo interior do estado e com parcelas significativas alocadas nas regiões do oeste paulista. O avanço da rede rodoviária do estado continuaria ao longo dos anos setenta e oitenta de forma vigorosa. Em 1978 eram cerca de 18,3 mil quilômetros de estradas das quais 14,7 mil quilômetros pavimentados e 1,3 mil quilômetros em pista dupla. Em 1990 essas cifras atingiam, 27,1 mil quilômetros, 25,4 mil quilômetros e 2,1 mil quilômetros, respectivamente. No oeste estava localizada cerca de 1/3 da rede rodoviária do estado, que correspondia, em 1990, a cerca de 6,0 mil quilômetros de rodovias estaduais pavimentadas. <sup>(21)</sup>

As Regiões Administrativas de São José do Rio Preto e de Marília ostentavam as redes rodoviárias mais extensas do oeste, tanto em termos absolutos como relativos.

<sup>(20)</sup> O número total de municípios existentes no estado de São Paulo em 1990, foi atingido com os desmembramentos efetuados em 1964. São 572 municípios dos quais 273 foram emancipados até 1938 e 297 entre 1944 e 1964.

<sup>(21)</sup> Nestes totais não estão computadas as estradas que não estejam sob a jurisdição do DER ou do DERSA. No Oeste se forem acrescentadas as rodovias municipais (2,7 mil quilômetros) e federais (254 quilômetros) pavimentadas o total saltará para 8,9 mil quilômetros.

Na região de São José do Rio Preto, em 1990, concentravam-se quase 3000 km de estradas pavimentadas, formando uma verdadeira teia entre seus 85 municípios, o que representava 1/3 da rede rodoviária pavimentada do oeste e cerca de 12% do correspondente total do estado; na região de Marília quase 2400 km de rodovias pavimentadas ligavam seus 50 municípios entre si e com municípios vizinhos, representando quase 29% da rede do oeste e 9% da estadual.

O exame da distribuição regional da população paulista entre 1940 e 1980 mostra, em primeiro lugar a persistência da concentração demográfica na chamada Grande São Paulo: metade da população total (e 55% da população urbana) paulista estava aí radicada em 1980.

Para o conjunto do oeste do estado, o início do período analisado, a década de 1940, constituiu-se no auge do seu dinamismo populacional. Em 1950 cerca de 1/4 da população paulista estava aí radicada o que representava quase 2,3 milhões de pessoas, das quais 1,65 milhões de pessoas (ou 73% da população total) ocupando áreas rurais.

A partir dos anos 1950, o conjunto do oeste, e cada uma de suas regiões, apresentou taxas de crescimento demográfico (da população total) menores do que a média estadual e bastante reduzidas. A população total dessas regiões estabilizar-se-ia a partir de então em torno de 2,8 a 2,9 milhões de habitantes, entre 1960 e 1980, alcançando cerca de 3,1 milhões de pessoas, estimativamente, em 1990.

Isso ocorreu pelas mudanças no processo originário

do desenvolvimento dessas regiões; iniciar-se-ia, a partir de então, um deslocamento populacional do campo para centros urbanos, inclusive da própria região e especialmente para a região metropolitana de São Paulo.

Da década de 1970 em diante assistiu-se a dois movimentos intensos e cujos sentidos acentuaram a urbanização. De um lado a população rural começou a decrescer de maneira significativa no contexto do fenômeno do exodo rural que marcou o movimento demográfico paulista da década de 1940 em diante, para o interior exceto o oeste, e, para o oeste, a partir da década de 1950. Concomitantemente, ocorria um processo de intensa concentração demográfica urbana no estado de São Paulo particularmente na capital e seu entorno, culminando, em 1990 com cerca de 29,5 milhões de pessoas habitando os centros urbanos paulistas, dos quais 16,9 milhões na Região Metropolitana e apenas 3,8 milhões de habitantes nas áreas rurais.

Nas regiões do oeste paulista, mesmo que com o ritmo arrefecido em relação ao que ocorria na metrópole, houve, acréscimos populacionais bastante significativos. A região de São José do Rio Preto, a mais populosa, aumentou em mais de 220 mil habitantes (cerca de 33%) sua população entre 1950 e 1960, enquanto a de Presidente Prudente teve um incremento populacional de cerca de 160 mil habitantes (quase 32%); as regiões de Marília e Aracatuba apresentaram dinâmica populacional bem mais modesta.

As razões desse desempenho populacional regional no oeste paulista foram de várias naturezas, sendo as mais importantes, aquelas ligadas ao dinamismo econômico nelas verificado. A primeira questão a ser levantada refere-se à forma de articulação da economia dessa área ao conjunto da economia do estado e do país.

No período anterior, analisado no primeiro capítulo, foi visto que o dinamismo dos trechos mais importantes do oeste paulista estava relacionado com a função de frente de expansão do complexo cafeeiro (tanto do seu núcleo produtivo no campo, como de outros segmentos, como as ferrovias, p. ex.) que esta área exerceu por várias décadas e também pelo forte peso da sua participação na expansão algodoeira que sucedeu a crise cafeeira. Dessa forma a região desempenhou o papel, proeminente, de liderança na produção dos principais produtos da economia paulista e brasileira além de abrigar outros compartimentos importantes do complexo cafeeiro, como longos trechos de várias ferrovias, forte implante agroindustrial cafeeiro e depois também algodoeiro, áreas importantes de produção de alimentos, significativos segmentos de comercialização, etc.

No período ora analisado, a articulação dessa região ao movimento geral da economia do estado e do país deu-se em continuidade à forma anterior, contudo caracterizada pelo avanço persistente do processo de industrialização que, especialmente nessas regiões,

efetivou-se via extensão e aprofundamento do compartimento agroindustrial.

A atividade cafeeira, conquanto mantivesse importância estratégica, não liderava mais a acumulação capitalista brasileira. Mesmo com café e algodão mantendo posições importantes na produção agropecuária do oeste houve uma extensão da pauta produtiva nessa área que foi aumentando progressivamente sua amplitude entre 1940 e 1990.

No triênio 1987-89 o conjunto do oeste de São Paulo respondia por parcelas significativas da área cultivada e da produção de todos os principais produtos da agropecuária do estado. Nesse momento, aí eram produzidos cerca de 26% da cana-de açúcar, 37% do milho, 59% do algodão e 41% da soja do estado e eram cultivadas cerca de 47% do café, 29% da laranja e detinha ainda 63% das pastagens paulistas.

Ao lado de outras regiões do estado, como as de Ribeirão Preto e Campinas, o oeste paulista (em particular a região de São José do Rio Preto no período recente, mas também as de Marília e de Presidente Prudente na década 1949/59), atravessou todo o período com grande dinamismo agropecuário. O auge da participação do oeste no valor da produção agrícola paulista ocorreu no triênio 1949-51, quando aí concentrou-se quase metade do valor da produção agrícola do estado de São Paulo.

No início da década de oitenta a contribuição do conjunto do oeste para o valor da produção agropecuária do

estado caiu para cerca de 33%, cifra significativa mas inferior às obtidas em todo o período anterior. Porém isso não representou perda de dinamismo agropecuário do oeste e sim o crescimento mais intenso de culturas dinâmicas (p.ex. cana, soja e laranja) em especial nas regiões de Campinas e Ribeirão Preto.

Até o final da década de sessenta a liderança na geração do valor da produção agropecuária regional oscilou entre as regiões do oeste (exceto Aracatuba). Entre 1940 e 1970, ora S.J. do Rio Preto, Marília ou Presidente Prudente, contribuíam com maiores parcelas desse valor. No início da década de 1980 apenas S.J. do Rio Preto mantinha sua contribuição acima de 10%, ocorrendo quedas significativas dessa participação para as demais regiões, cabendo novamente aqui a ressalva de que tais quedas não representaram perda do dinamismo agropecuário dessas regiões mas sim um ritmo apenas inferior ao das já citadas regiões de Campinas e Ribeirão Preto.

A Indústria de Transformação, por sua vez, concentrou-se fortemente, como já foi comentado, na capital e municípios vizinhos. Contudo, a indústria interiorizada além de continuar desempenhando importantes funções regionais, também diversificou sua estrutura.

De um lado a indústria paulista interiorizada manteve suas funções estratégicas principais de suprimento ou de demanda a mercados regionais, com predominância de bens não duráveis de consumo (alimentos, p.ex.), ou da

produção agroindustrial com processamento de matérias primas de origem local ou regional.

De outro, começou a incorporar modificações setoriais com o aumento da importância relativa dos setores produtores de bens intermediários, principalmente de origem agropecuária, e de bens de capital, especialmente para a agropecuária.

A participação do oeste na formação do Valor da Produção Industrial de São Paulo teve seu ápice entre 1940 e 1960. Nas décadas de 60 e 70 essa contribuição caiu, para voltar a crescer nos anos oitenta.

As razões para esse desempenho são evidentes e relacionadas à estrutura industrial regional. Até a primeira etapa da industrialização pesada (1956-60), todas as regiões que apresentassem crescimento industrial importante e estruturas industriais com predominância dos setores ligados à produção de Bens de Consumo não Duráveis, tendiam a ganhar peso relativo na geração do valor da produção industrial do estado. A partir daí, até o final da década de 1970, mesmo que mantivessem seu dinamismo industrial, como foi o caso das regiões do oeste paulista, essas regiões, cuja Indústria de Transformação era predominantemente produtora de Bens de Consumo não Duráveis, apresentariam quedas na sua participação relativa no produto industrial paulista, face à intensidade e a concentração metropolitana do implante dos setores industriais pesados.

A partir do final da década de 1970 essa situação

iria alterar-se. O conjunto das regiões do oeste paulista incrementou, entre 1980 e 1987, sua participação no valor agregado da indústria paulista sendo diferenciado o desempenho de cada uma das regiões pois a Região Administrativa de São José do Rio Preto triplicou sua contribuição relativa, a de Araçatuba dobrou e as demais apresentaram quedas relativas, embora ostentassem significativos acréscimos absolutos nos respectivos valores dos seus produtos industriais.

Essa performance deveu-se à integração agroindustrial regional, ou seja, houve significativos implantes regionais de setores produtores de Bens Intermediários e Bens de Capital ambos ligados ao segmento agroindustrial, notadamente as cadeias produtivas de insumos energéticos e de produtos exportáveis (a saber: produção de álcool carburante, sucos cítricos e de máquinas e equipamentos para seu processo produtivo), sendo que a produção do álcool penetrou em todas as regiões a dos cítricos predominantemente na de São José do Rio Preto. Ademais cabe citar o peso do complexo soja-trigo na região de Marília e da agroindústria da carne em todas as regiões. «»

A forte predominância das atividades agropecuárias nas regiões do oeste pode ser ainda mais uma vez constatada se for observada a distribuição regional do emprego. Até 1970, mais da metade da População

«» Ver Negri, B. (1990).

Economicamente Ativa (P.E.A), estava ocupada em atividades rurais no conjunto dessa área. Nesse momento a proporção da P.E.A. ocupada no campo, no conjunto do interior paulista (exceto o oeste), era menor do que  $1/3$  e essa mesma proporção para o conjunto do estado estava em torno de  $1/5$ .

Nos últimos vinte anos a estrutura setorial do emprego nessas regiões alterar-se-ia. A tendência à queda do número de postos de trabalho no campo acentuou-se e, em 1980, apesar de continuar sendo o espaço regional do estado de São Paulo com proporção mais elevada de emprego rural, o conjunto das regiões do oeste já empregava quase 63% da sua população economicamente ativa em atividades urbanas.

Vejamos em seguida, com mais detalhe, as características da evolução econômica e da urbanização da regiões de São José do Rio Preto e Aracatuba, cujas sedes regionais serão objeto da análise do próximo capítulo.

TABELA 1 EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE MUNICÍPIOS NO ESTADO DE S. PAULO.

|                     | até 1940 | 1940-1989 | Total |
|---------------------|----------|-----------|-------|
| Estado de São Paulo | 275      | 295       | 572   |
| R. Metropolitana    | 12       | 26        | 38    |
| Registro            | 5        | 7         | 12    |
| Santos              | 4        | 4         | 8     |
| S. José dos Campos  | 33       | 3         | 36    |
| Sorocaba            | 42       | 14        | 56    |
| Campinas            | 47       | 36        | 83    |
| Ribeirão Preto      | 48       | 33        | 81    |
| Bauru               | 22       | 15        | 37    |
| Oeste               | 62       | 157       | 220   |
| S. J. do Rio Preto  | 22       | 63        | 85    |
| Araçatuba           | 10       | 27        | 37    |
| Presidente Prudente | 7        | 43        | 49    |
| Marília             | 23       | 24        | 49    |

Fonte: Elaborado a partir de Seade (1983) e Seade (1989).

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DO VALOR DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA CONFORME AS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS (DIRAS) DO ESTADO DE SÃO PAULO.

| DIRA            | 1936-38            | 1949/51 | 1958-59 | 1969/71 | 1979/81 |
|-----------------|--------------------|---------|---------|---------|---------|
| S. Paulo        | 6,1                | 3,7     | 5,0     | 3,5     | 2,9     |
| Interior        |                    |         |         |         |         |
| exceto Oeste    | 60,1               | 48,4    | 50,9    | 55,6    | 64,3    |
| Oeste           | 33,8               | 47,9    | 44,1    | 40,9    | 32,8    |
| S. J. Rio Preto | 14,2               | 11,2    | 11,4    | 14,0    | 13,4    |
| Araçatuba       | 8,3 <sup>(1)</sup> | 8,4     | 6,7     | 5,0     | 4,3     |
| Pres. Prudente  |                    | 12,7    | 13,7    | 11,1    | 6,7     |
| Marília         | 11,3               | 15,6    | 12,3    | 10,8    | 8,4     |

Fonte: Departamento Estadual de Estatísticas - Estatísticas Agrícolas e Zootécnicas; Instituto de Economia Agrícola - Secretaria da Agricultura - S. Paulo, in Tartaglia, J.C e Oliveira, O.L. (1989).

(1) Valor referente às DIRAS de Araçatuba e Presidente Prudente.

TABELA 3 - DISTRIBUIÇÃO (%) DA ÁREA CULTIVADA E/OU DO VOLUME PRODUZIDO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS CONFORME AS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS(DERAS)-S.PAULO

|                                             | No.ordem | Oeste | S.J.Rio Preto | Araçatuba | Marília | Pres.Prudente |
|---------------------------------------------|----------|-------|---------------|-----------|---------|---------------|
| <b>Cana-de-açúcar. <sup>(1)</sup></b>       |          |       |               |           |         |               |
| 36-38                                       | 6o.      | 2,2   | 0,7           | 0,8       | 0,8     | -             |
| 49-51                                       | 5o.      | 5,2   | 0,7           | 0,4       | 3,4     | 1,0           |
| 58-59                                       | 2o.      | 7,7   | 1,7           | 0,6       | 5,1     | 0,3           |
| 69-71                                       | 2o.      | 11,6  | 4,5           | 1,3       | 5,3     | 0,5           |
| 79-81                                       | 1o.      | 14,4  | 5,3           | 1,5       | 5,8     | 1,8           |
| 87-89                                       | 1o.      | 26,2  | 7,0           | 5,2       | 10,5    | 3,5           |
| <b>Café. <sup>(2)</sup></b>                 |          |       |               |           |         |               |
| 36-38                                       | 1o.      | 37,9  | 17,2          | 9,6       | 8,7     | -             |
| 49-51                                       | 1o.      | 47,2  | 16,3          | 7,1       | 14,1    | 8,6           |
| 58-59                                       | 1o.      | 57,4  | 13,0          | 9,5       | 14,9    | 11,7          |
| 69-71                                       | 1o.      | 64,8  | 25,8          | 5,6       | 18,1    | 16,0          |
| 79-81                                       | 2o.      | 61,4  | 24,9          | 5,7       | 16,5    | 12,9          |
| 87-89                                       | 3o.      | 47,4  | 20,4          | 3,6       | 14,5    | 10,4          |
| <b>Laranja. <sup>(2)</sup></b>              |          |       |               |           |         |               |
| 36-38                                       | 5o.      | 7,1   | 1,7           | 2,7       | 1,8     | -             |
| 49-51                                       | 11o.     | 4,4   | 0,7           | -         | 1,0     | 4,2           |
| 58-59                                       | 11o.     | 13,7  | 5,0           | 1,3       | 2,2     | 0,6           |
| 69-71                                       | 7o.      | 15,6  | 13,2          | 1,4       | 1,4     | 0,5           |
| 79-81                                       | 3o.      | 26,2  | 22,9          | 0,6       | 0,4     | 0,0           |
| 87-89                                       | 2o.      | 28,8  | 27,9          | 0,6       | 0,2     | 0,1           |
| <b>Milho. <sup>(1)</sup></b>                |          |       |               |           |         |               |
| 36-38                                       | 3o.      | 33,4  | 15,4          | 8,7       | 9,3     | -             |
| 49-51                                       | 4o.      | 34,0  | 10,1          | 7,4       | 12,8    | 3,7           |
| 58-59                                       | 3o.      | 32,3  | 11,2          | 6,8       | 9,5     | 4,8           |
| 69-71                                       | 3o.      | 37,9  | 18,3          | 5,0       | 9,9     | 4,7           |
| 79-81                                       | 4o.      | 40,3  | 14,5          | 11,4      | 9,1     | 5,3           |
| 87-89                                       | 4o.      | 37,2  | 15,8          | 9,5       | 7,0     | 4,9           |
| <b>Soja. <sup>(1)</sup></b>                 |          |       |               |           |         |               |
| 58-59                                       | 14o.     | 34,2  | 6,7           | 19,8      | 6,9     | 0,8           |
| 69-71                                       | 14o.     | 8,7   | 1,8           | 0,5       | 6,1     | 0,3           |
| 79-81                                       | 6o.      | 31,3  | 1,7           | 0,4       | 27,9    | 1,3           |
| 87-89                                       | 6o.      | 41,3  | 3,6           | 1,4       | 32,6    | 3,7           |
| <b>Algodão. <sup>(2)</sup></b>              |          |       |               |           |         |               |
| 36-38                                       | 4o.      | 35,2  | 9,7           | 11,3      | 14,2    | -             |
| 49-51                                       | 2o.      | 72,3  | 11,8          | 12,7      | 16,2    | 31,6          |
| 58-59                                       | 5o.      | 79,7  | 11,5          | 10,8      | 10,9    | 46,5          |
| 69-71                                       | 4o.      | 57,1  | 17,2          | 16,1      | 4,6     | 19,2          |
| 79-81                                       | 5o.      | 31,2  | 11,2          | 5,5       | 3,4     | 11,1          |
| 87-89                                       | 5o.      | 58,9  | 18,9          | 11,5      | 3,5     | 25,0          |
| <b>Pastagens cultivadas. <sup>(2)</sup></b> |          |       |               |           |         |               |
| 69-71                                       |          | 68,4  | 17,1          | 18,8      | 10,0    | 22,5          |
| 79-81                                       |          | 66,5  | 18,6          | 16,8      | 9,9     | 21,2          |
| 87-89                                       |          | 63,2  | 15,8          | 17,2      | 9,5     | 20,7          |

Fonte: Estatísticas Agrícolas e Zootécnicas-D.E.E e IEA/CATI, in Tartaglia e Oliveira (1988); Igreja, A.C.M. e Camargo, A.M.M.P. (1990).

(1) Volume produzido; (2) Área cultivada

TABELA 4 -DISTRIBUIÇÃO(%) DO VALOR DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL.  
CONFORME AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO ESTADO DE S. PAULO.

|                  | 1940  | 1950  | 1960  | 1970  | 1980  |
|------------------|-------|-------|-------|-------|-------|
| São Paulo        | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| Região Metropol. | 64,5  | 66,3  | 71,1  | 70,7  | 58,6  |
| Interior         |       |       |       |       |       |
| Exceto Oeste     | 29,9  | 25,6  | 23,5  | 24,9  | 38,2  |
| Oeste            | 5,6   | 8,1   | 5,4   | 4,4   | 3,2   |
| S.J.Rio Preto    | 1,6   | 1,7   | 1,0   | 1,0   | 2,0   |
| Araçatuba        | 0,7   | 1,5   | 1,1   | 0,8   | 0,6   |
| Pres.Prudente    | 0,7   | 2,1   | 1,9   | 1,3   | 0,8   |
| Marília          | 2,4   | 2,7   | 1,4   | 1,3   | 0,9   |

Fonte:Elaborado a partir de FIBGE-Censos Industriais in  
Negri, B. (1988)

TABELA 5 - DISTRIBUIÇÃO(%) DO VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL  
(1970-80) E DO VALOR AGREGADO INDUSTRIAL(1980-87) CONFORME AS  
REGIÕES ADMINISTRATIVAS DE SÃO PAULO.

|                 | V.T.I. |       | V.A.  |       |
|-----------------|--------|-------|-------|-------|
|                 | 1970   | 1980  | 1980  | 1987  |
| S.Paulo         | 100,0  | 100,0 | 100,0 | 100,0 |
| R.Metropolitana | 74,7   | 62,9  | 64,1  | 60,0  |
| Interior        |        |       |       |       |
| exceto Oeste    | 22,8   | 34,8  | 34,1  | 36,8  |
| Oeste           | 2,5    | 2,3   | 1,8   | 3,2   |
| S.J.Rio Preto   | 0,5    | 0,7   | 0,6   | 1,9   |
| Araçatuba       | 0,5    | 0,4   | 0,3   | 0,6   |
| Pres. Prudente  | 0,7    | 0,5   | 0,4   | 0,3   |
| Marília         | 0,8    | 0,7   | 0,5   | 0,4   |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE Censos Industriais de São Paulo(1970-80) e Secretaria da Fazenda do estado de S.Paulo (1980-1987), in Cano, W.; Pacheco, C.A.; Semeghini, U.C. e Zimmermann, G.(1990).

TABELA 6 - ESTRUTURA(X) DA INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO CONFORME OS GRUPOS DE INDÚSTRIAS E AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS - SÃO PAULO.

|               | 1956 |      |      | 1960 |      |      | 1970 |      |      | 1980 |      |      |
|---------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|               | I    | II   | III  | I    | II   | III  | I    | II   | III  | I    | II   | III  |
| S.Paulo       | 59,3 | 30,7 | 10,0 | 44,2 | 32,8 | 23,1 | 39,4 | 32,8 | 27,8 | 26,9 | 42,7 | 30,4 |
| R.Metropol.   | 40,2 | 39,8 | 20,0 | 37,3 | 34,1 | 28,5 | 34,1 | 31,7 | 34,2 | 24,5 | 38,1 | 37,4 |
| Deste         | 69,3 | 26,2 | 4,4  | 62,6 | 30,6 | 6,8  | 53,6 | 34,0 | 12,5 | 30,3 | 49,2 | 20,5 |
| S.J.R.Preto   | 91,5 | 8,1  | 0,4  | 78,6 | 20,2 | 1,2  | 89,5 | 8,2  | 2,3  | 78,5 | 16,1 | 5,4  |
| Araçatuba     | 63,8 | 15,6 | 0,6  | 63,3 | 16,0 | 0,7  | 66,2 | 12,2 | 1,6  | 77,3 | 16,6 | 4,0  |
| Pres.Prudente | 83,9 | 14,9 | 1,2  | 85,0 | 14,3 | 0,7  | 72,1 | 26,3 | 1,6  | 66,8 | 30,9 | 2,3  |
| Marília       | 78,1 | 20,4 | 1,5  | 67,1 | 30,8 | 2,1  | 68,1 | 25,8 | 6,1  | 62,9 | 28,0 | 9,1  |

Fonte: Elaborado a partir de FIDGE, Censos Industriais de S.Paulo(1960-70-80) e Pesquisa Industrial(1956) in Negri, B. (1988)

Obs.- I:Grupo de Indústrias predominantemente produtoras de Bens Não Duráveis de Consumo  
 II: " " " " " de Bens Intermediários  
 III: " " " " " de Bens de Capital e de Bens Duráveis de Consumo.

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO TOTAL CONFORME AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS - S.PAULO -

|               | 1940   |       | 1950   |       | 1960    |       | 1970    |       | 1980    |       | 1990 <sup>(1)</sup> |       |
|---------------|--------|-------|--------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------------------|-------|
|               | V.A.   | %     | V.A.   | %     | V.A.    | %     | V.A.    | %     | V.A.    | %     | V.A.                | %     |
| S.Paulo       | 7180,3 | 100,0 | 9134,4 | 100,0 | 12979,0 | 100,0 | 17771,9 | 100,0 | 25040,7 | 100,0 | 33241,6             | 100,0 |
| R.Metropol.   | 1568,0 | 21,8  | 2662,8 | 29,2  | 4791,2  | 36,9  | 8139,7  | 45,8  | 12588,7 | 50,2  | 17440,8             | 52,5  |
| Interior      |        |       |        |       |         |       |         |       |         |       |                     |       |
| exceto Deste  | 3951,8 | 55,0  | 4198,4 | 46,0  | 5352,0  | 41,2  | 6774,4  | 38,1  | 9528,5  | 38,1  | 12559,9             | 37,8  |
| Deste         | 1660,5 | 23,1  | 2273,2 | 24,9  | 2835,8  | 21,8  | 2857,8  | 16,1  | 2923,5  | 11,7  | 3240,9              | 9,7   |
| S.J.Rio Preto | 618,6  | 8,6   | 671,8  | 7,4   | 897,9   | 6,9   | 931,3   | 5,2   | 1001,4  | 4,0   | 1130,1              | 3,4   |
| Araçatuba     | 257,8  | 3,6   | 416,5  | 4,6   | 496,4   | 3,8   | 532,6   | 3,0   | 530,6   | 2,1   | 581,2               | 1,7   |
| Pres.Prudente | 216,5  | 3,0   | 558,7  | 6,1   | 735,7   | 5,7   | 712,1   | 4,0   | 692,4   | 2,8   | 761,6               | 2,3   |
| Marília       | 567,6  | 7,9   | 626,2  | 6,9   | 705,9   | 5,4   | 661,8   | 3,7   | 699,1   | 2,8   | 768,0               | 2,3   |

Fonte:Elaborado a partir de FIDGE, Censos Demográficos (1940-50-60-70-80), in: Cano,W.; Gonçalves, M.F. Negri,B.(1988).

Obs.- V.A.: número absoluto de habitantes (em mil pessoas).

(1) Dados estimados ; Fonte: Seade/Sabesp (1988).

TABELA 8 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO URBANA CONFORME AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS - S. PAULO -

|               | 1940   |       | 1950   |       | 1960   |       | 1970    |       | 1980    |       | 1990 <sup>(1)</sup> |       |
|---------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|---------|-------|---------|-------|---------------------|-------|
|               | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.    | X     | V.A.    | X     | V.A.                | X     |
| São Paulo     | 3168,1 | 100,0 | 4804,2 | 100,0 | 8151,6 | 100,0 | 14276,4 | 100,0 | 22195,4 | 100,0 | 29465,4             | 100,0 |
| R.Metropol.   | 1379,4 | 43,5  | 2333,7 | 48,6  | 4005,6 | 49,1  | 7866,7  | 55,1  | 12183,6 | 54,9  | 16879,2             | 57,3  |
| Interior      |        |       |        |       |        |       |         |       |         |       |                     |       |
| exceto Oeste  | 1424,3 | 45,0  | 1848,5 | 38,5  | 3068,7 | 37,6  | 4854,4  | 34,0  | 7926,1  | 35,7  | 10343,4             | 35,1  |
| Oeste         | 364,4  | 11,5  | 622,0  | 12,9  | 1077,3 | 13,2  | 1555,3  | 10,9  | 2086,6  | 9,4   | 2242,8              | 7,6   |
| S.J.Rio Preto | 133,9  | 4,2   | 187,3  | 3,9   | 335,3  | 4,1   | 504,5   | 3,5   | 707,7   | 3,2   | 778,9               | 2,6   |
| Araçatuba     | 56,4   | 1,8   | 110,9  | 2,3   | 188,0  | 2,3   | 306,6   | 2,1   | 404,8   | 1,8   | 417,5               | 1,4   |
| Pres.Prudente | 42,5   | 1,3   | 136,7  | 2,8   | 267,9  | 3,3   | 363,4   | 2,5   | 470,3   | 2,1   | 486,2               | 1,7   |
| Marília       | 131,9  | 4,2   | 187,1  | 3,9   | 286,1  | 3,5   | 380,8   | 2,7   | 501,8   | 2,3   | 560,2               | 1,9   |

Fonte:Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos (1940-50-60-70-80), in: Cano,W.; Gonçalves, M.F. e Negri, B.(1988)

Obs.- V.A.: número absoluto de habitantes (em mil pessoas).

(1) Dados estimados ; Fonte: Seade/Sabesp (1988).

TABELA 9 - DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL CONFORME AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS - S. PAULO -

|               | 1940   |       | 1950   |       | 1960   |       | 1970   |       | 1980   |       | 1990   |       |
|---------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
|               | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.   | X     | V.A.   | X     |
| São Paulo     | 4012,2 | 100,0 | 4330,2 | 100,0 | 4827,4 | 100,0 | 3495,7 | 100,0 | 2844,3 | 100,0 | 3776,2 | 100,0 |
| R.Metropol.   | 188,7  | 4,7   | 329,1  | 7,6   | 785,6  | 16,3  | 273,1  | 7,8   | 405,2  | 14,2  | 561,6  | 14,9  |
| Interior      |        |       |        |       |        |       |        |       |        |       |        |       |
| exceto Oeste  | 2517,4 | 62,7  | 2350,0 | 54,3  | 2283,3 | 47,3  | 1920,1 | 54,9  | 1682,7 | 56,3  | 2324,0 | 59,2  |
| Oeste         | 1306,1 | 32,6  | 1651,1 | 38,1  | 1758,5 | 36,4  | 1302,5 | 37,3  | 836,3  | 29,4  | 890,5  | 23,6  |
| S.J.Rio Preto | 484,7  | 12,1  | 484,5  | 11,2  | 562,6  | 11,7  | 426,8  | 12,2  | 291,7  | 10,3  | 322,9  | 8,6   |
| Araçatuba     | 211,3  | 5,3   | 305,6  | 7,1   | 308,3  | 6,4   | 226,0  | 6,5   | 125,2  | 4,4   | 126,9  | 3,4   |
| Pres.Prudente | 174,0  | 4,3   | 422,0  | 9,7   | 467,8  | 9,7   | 348,7  | 10,0  | 222,1  | 7,8   | 218,1  | 5,8   |
| Marília       | 436,1  | 10,9  | 439,0  | 10,1  | 419,8  | 8,7   | 301,0  | 8,6   | 197,3  | 6,9   | 222,6  | 5,9   |

Fonte:Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos (1940-50-60-70-80), in: Cano,W.; Gonçalves, M.F. e Negri, B.(1988).

Obs.- V.A.: número absoluto de habitantes (em mil pessoas).

(1) Dados estimados ; Fonte: Seade/Sabesp (1988).

TABELA 10 - ESTRUTURA SETORIAL DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA CONFORME AS REGIÕES ADMINISTRATIVAS - S. PAULO -

| Regiões                  | Setores | 1940 | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 |
|--------------------------|---------|------|------|------|------|------|
| São Paulo                | I       | 59,2 | 43,6 | 32,7 | 20,4 | 11,5 |
|                          | II      | 16,3 | 23,4 | 23,3 | 31,5 | 39,0 |
|                          | III     | 25,5 | 33,0 | 44,0 | 48,1 | 49,5 |
| R. Metropol.             | I       | 9,0  | 5,5  | 3,7  | 2,0  | 0,8  |
|                          | II      | 44,1 | 44,9 | 36,4 | 47,0 | 45,7 |
|                          | III     | 46,9 | 49,6 | 59,9 | 55,9 | 53,5 |
| Interior<br>exceto Oeste | I       | 69,1 | 54,4 | 43,8 | 31,4 | 18,8 |
|                          | II      | 10,2 | 16,4 | 18,6 | 25,4 | 35,7 |
|                          | III     | 20,7 | 29,2 | 37,6 | 43,2 | 46,0 |
| Oeste                    | I       | 84,4 | 76,6 | 67,8 | 52,9 | 37,1 |
|                          | II      | 3,7  | 6,1  | 6,8  | 12,1 | 19,9 |
|                          | III     | 11,9 | 17,3 | 25,4 | 35,0 | 43,0 |
| S.J.R. Preto             | I       | -    | -    | -    | 55,3 | 38,1 |
|                          | II      | -    | -    | -    | 9,7  | 19,3 |
|                          | III     | -    | -    | -    | 35,0 | 42,6 |
| Araçatuba                | I       | -    | -    | -    | 45,4 | 31,9 |
|                          | II      | -    | -    | -    | 18,5 | 24,7 |
|                          | III     | -    | -    | -    | 36,1 | 43,4 |
| Pr. Prudente             | I       | -    | -    | -    | 56,6 | 39,8 |
|                          | II      | -    | -    | -    | 9,8  | 17,4 |
|                          | III     | -    | -    | -    | 33,6 | 42,8 |
| Marília                  | I       | -    | -    | -    | 51,4 | 36,5 |
|                          | II      | -    | -    | -    | 12,9 | 19,9 |
|                          | III     | -    | -    | -    | 35,7 | 43,6 |

Fonte: Elaborado a partir de FIDGE, Censos Demográficos (1940-50-60-70-80), in: Gonçalves, M. Flora (1989).

Obs. - I: Setor Primário (Agropecuária e ativ. Extrativas).

II: Setor Secundário (Indústria de Transformação e Construção Civil).

III: Setor Terciário (Comércio e Serviços)

TABELA 11 - EVOLUÇÃO DA REDE RODOVIÁRIA - SÃO PAULO

|                  | 1978   |       | 1982   |       | 1986   |       | 1990   |       |
|------------------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|
|                  | V.A.   | %     | V.A.   | %     | V.A.   | %     | V.A.   | %     |
| Pista Simples    | 13.325 | 73,0  | 15.913 | 80,0  | 16.714 | 75,3  | 16.275 | 60,0  |
| Pista Dupla      | 1.341  | 7,3   | 1.398  | 7,0   | 1.468  | 6,6   | 2.138  | 7,9   |
| Vicinais         | -      | -     | 408    | 2,1   | 2.231  | 10,0  | 7.031  | 25,9  |
| Pavimentadas     | 14.666 | 80,3  | 17.719 | 89,1  | 20.412 | 91,9  | 25.444 | 93,9  |
| Não-pavimentadas | 3.599  | 19,7  | 2.169  | 10,9  | 1.793  | 8,1   | 1.662  | 6,1   |
| Total            | 18.265 | 100,0 | 19.898 | 100,0 | 22.206 | 100,0 | 27.106 | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de levantamento realizado gentilmente pelo DER-São Paulo

TABELA 12 REDE RODOVIÁRIA PAVIMENTADA NAS REGIÕES ADMINISTRATIVAS DO OESTE DE SÃO PAULO - 1990.

| Rodovias     | Estaduais |       | Municipais |       | Federais |       | Total    |       |
|--------------|-----------|-------|------------|-------|----------|-------|----------|-------|
|              | Km        | %     | Km         | %     | Km       | %     | Km       | %     |
| Oeste        | 6.003,12  | 100,0 | 2.727,62   | 100,0 | 254,36   | 100,0 | 8.984,98 | 100,0 |
| S.J.R. Preto | 1.907,48  | 31,8  | 943,12     | 34,6  | 137,85   | 54,2  | 2.988,33 | 33,2  |
| Araçatuba    | 1.198,59  | 20,0  | 406,90     | 14,9  | -        | -     | 1.605,49 | 17,9  |
| P. Prudente  | 1.238,90  | 20,6  | 738,30     | 27,1  | -        | -     | 1.977,20 | 22,0  |
| Marília      | 1.658,15  | 27,6  | 639,30     | 23,4  | 116,51   | 45,8  | 2.413,96 | 26,9  |

Fonte: Idem tabela 11.

TABELA 13 - DISTRIBUIÇÃO(%) DA UTILIZAÇÃO DAS TERRAS NAS DIVISÕES REGIONAIS AGRÍCOLAS (DIRAS)  
DO OESTE PAULISTA

| DIRAS          |      | Lavouras<br>Temporárias | Lavouras<br>Permanentes | Sub-<br>Total | Pastagens<br>Naturais | Pastagens<br>Cultivadas | Sub-<br>Total | Matas | Área<br>Total |
|----------------|------|-------------------------|-------------------------|---------------|-----------------------|-------------------------|---------------|-------|---------------|
| S.J.Rio Preto  | 1960 | 18,0                    | 13,5                    | 31,5          | 20,1                  | 36,6                    | 56,7          | 11,8  | 100,0         |
|                | 1970 | 23,1                    | 8,3                     | 31,4          | 17,0                  | 43,5                    | 60,5          | 8,1   | 100,0         |
|                | 1980 | 15,2                    | 17,0                    | 32,2          | 7,1                   | 56,0                    | 63,1          | 4,7   | 100,0         |
| Aracatuba      | 1960 | 13,4                    | 8,9                     | 22,3          | 15,1                  | 52,2                    | 67,3          | 10,4  | 100,0         |
|                | 1970 | 13,3                    | 2,9                     | 16,2          | 11,6                  | 67,2                    | 78,8          | 5,0   | 100,0         |
|                | 1980 | 14,7                    | 4,1                     | 18,8          | 8,5                   | 69,2                    | 77,7          | 3,5   | 100,0         |
| Pres.Prudente  | 1960 | 23,5                    | 10,1                    | 33,6          | 9,1                   | 45,6                    | 54,7          | 11,7  | 100,0         |
|                | 1970 | 15,1                    | 5,3                     | 20,4          | 11,7                  | 62,7                    | 74,4          | 5,2   | 100,0         |
|                | 1980 | 11,3                    | 6,4                     | 17,7          | 8,9                   | 67,3                    | 76,2          | 6,1   | 100,0         |
| Marília        | 1960 | 19,5                    | 16,2                    | 35,7          | 22,4                  | 31,5                    | 53,9          | 10,4  | 100,0         |
|                | 1970 | 18,0                    | 10,6                    | 28,6          | 27,3                  | 36,9                    | 64,2          | 7,2   | 100,0         |
|                | 1980 | 26,2                    | 9,6                     | 35,8          | 13,9                  | 44,0                    | 57,9          | 6,3   | 100,0         |
| Estado S.Paulo | 1960 | 17,7                    | 9,6                     | 27,3          | 29,2                  | 27,4                    | 56,7          | 16,0  | 100,0         |
|                | 1970 | 19,3                    | 6,1                     | 25,4          | 29,7                  | 31,9                    | 61,6          | 13,0  | 100,0         |
|                | 1980 | 22,4                    | 9,4                     | 31,8          | 17,2                  | 38,1                    | 55,3          | 12,9  | 100,0         |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Agrícolas(1960-70-80) in: Tartaglia, J.C. e Oliveira, O. L.(1988).

## 2.2. A Região Administrativa de São José do Rio Preto.

A ampla área que abrange a Região Administrativa de São José do Rio Preto é composta, do ponto de vista político-administrativo, por 85 municípios. A consolidação dessa extensa rede urbana regional ocorreu nos meados da década de 1960. A partir daí a região riopretense passou a constituir-se, juntamente com Campinas e Ribeirão Preto, nas Regiões Administrativas do interior paulista com maior intensidade de sua expressão urbana, concretizada no maior grau de interrelação entre as cidades da região, na consolidação de diversos e importantes centros urbanos sub-regionais e maiores taxas de urbanização.

Tabela - 14  
Região Administrativa de São José do Rio Preto  
Evolução do número de municípios. 1940-90.

| Períodos        | Ano   | No. Municípios<br>Emancipados | Munic. entre os<br>maiores(1)                                                                                         |
|-----------------|-------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Até 1940        |       | 22                            | S.J.do Rio Preto <sup>(2)</sup> , Tanabi, Catanduva <sup>(3)</sup> ,<br>N.Horizonte, Mirassol, Olímpia e J.Bonifácio. |
| 1940-50         | Total | 16                            |                                                                                                                       |
|                 | 1944  | 7                             | Fernandópolis <sup>(3)</sup> , Votuporanga <sup>(3)</sup>                                                             |
|                 | 1948  | 9                             | Jales <sup>(3)</sup>                                                                                                  |
| 1950-60         | Total | 26                            |                                                                                                                       |
|                 | 1954  | 9                             | Sta.Fé do Sul                                                                                                         |
|                 | 1959  | 17                            |                                                                                                                       |
| 1960-70         | Total | 19                            |                                                                                                                       |
|                 | 1964  | 19                            |                                                                                                                       |
| Total (1940-90) |       | 63                            |                                                                                                                       |
| Total da região |       | 85                            |                                                                                                                       |

Fonte: Elaborado a partir de SEADE(1982).

(1) Municípios com mais do que 20 mil habitantes em 1980.

(2) Sede regional.

(3) Sede sub-regional.

A formação de novos municípios por desdobramento dos já existentes na região ou, em alguns casos, em regiões vizinhas, ocorreu com maior intensidade no quinquênio 1959-64, quando 36 municípios foram emancipados. Essa ampla definição do poder político local deu-se de conformidade com intenso dinamismo demográfico regional e num momento, como se sabe, marcado no país pela profunda e extensa problematização das questões sociais, econômicas e políticas locais e, sobretudo, nacionais.

O intenso ritmo de crescimento demográfico verificado explica-se, em primeiro lugar, porque foi ao longo da década de 1950 que ocorreu a ocupação do setor extremo-noroeste do estado, a partir de Votuporanga, seguindo os trilhos da E.F. Araraquarense na direção de Fernandópolis e Jales, até Santa Fé do Sul, onde essa ferrovia chegou em 1952. Para estas áreas em processo de ocupação, as taxas de crescimento populacional, na cidade e no campo, foram bastante elevadas, ao passo que, nessa mesma época, nas áreas de ocupação mais antiga, a leste, no entorno dos municípios de São José do Rio Preto e Catanduva, registravam-se quedas (que já vinham, na verdade, desde a década de 1940) da população rural.

Na década seguinte, de 1960 a 1970, esgotado o processo de ocupação das novas áreas, consolidados os novos centros urbanos sub-regionais de Votuporanga, Fernandópolis e Jales e intensificado o ritmo do processo de industrialização, concentrado nos maiores centros urbanos

regionais, assistiu-se a afirmação de uma tendência que se estenderia até hoje, que expressou-se na ocorrência simultânea de elevadas taxas de crescimento da população urbana e de quedas significativas do contingente populacional no campo, inclusive nas áreas rurais que haviam sido ocupadas recentemente. Isso resultou, para o conjunto dessa região, num baixo dinamismo demográfico com sua população total permanecendo na faixa de 900 a 930 mil habitantes entre 1960 e 1970.

Ao longo da década de 1970 o ritmo de crescimento demográfico total regional seria ligeiramente superior mas ainda bastante reduzido em relação ao do conjunto do estado. No final do período, em 1990, as estimativas apontavam para uma pequena aceleração do crescimento populacional da região riopretense, que alcançaria cerca de 1,13 milhões de habitantes.

Contudo, em termos demográficos, os fenômenos mais importantes estariam relacionados com o notável incremento da população urbana regional que ocorreu ao longo de todo o período especialmente nos últimos vinte anos.

Em termos da dinâmica populacional, cabe destacar que foi entre 1950 e 1970 que ocorreram os principais impulsos na formação dos maiores centros urbanos da Região Administrativa de S.J. do Rio Preto.

Tabela - 15

Região Administrativa de São José do Rio Preto - Evolução da População (1940-1990)

Taxas médias geométricas anuais.

|                  | 1940-50 |      |      | 1950-60 |      |      | 1960-70 |      |      | 1970-80 |      |      | 1980-90 <sup>(1)</sup> |      |      |
|------------------|---------|------|------|---------|------|------|---------|------|------|---------|------|------|------------------------|------|------|
|                  | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.                   | Urb. | Rur. |
| R.A.S.J.RioPreto | 0,9     | 3,4  | 0,0  | 2,9     | 6,0  | 1,5  | 0,5     | 4,2  | -2,2 | 0,7     | 3,5  | -2,8 | 1,2                    | 2,8  | -2,9 |
| Sub-regiões      |         |      |      |         |      |      |         |      |      |         |      |      |                        |      |      |
| S.J. Rio Preto   | -1,5    | 2,0  | -2,4 | 1,0     | 4,4  | -1,6 | 1,0     | 8,8  | -2,3 | 1,5     | 3,9  | -2,6 | 1,7                    | 3,5  | -2,9 |
| Catanduva        | -1,2    | 0,9  | -1,8 | 0,6     | 4,7  | -0,5 | -0,1    | 3,0  | -2,6 | 1,8     | 3,7  | -1,3 | 2,0                    | 3,3  | -1,5 |
| Votuporanga      | -       | -    | -    | 1,8     | 6,0  | 1,5  | 1,1     | 5,4  | -1,8 | 0,1     | 3,2  | -1,3 | 1,0                    | 2,6  | -3,1 |
| Fernandópolis    | -       | -    | -    | 6,9     | 9,6  | 5,7  | 1,0     | 6,5  | -1,6 | -0,4    | 3,4  | -3,4 | 0,4                    | 2,4  | -3,3 |
| Jales            | -       | -    | -    | 17,2    | 27,0 | 15,5 | 1,0     | 6,5  | -2,2 | -1,5    | 1,9  | -3,7 | 1,0                    | 1,2  | -4,0 |
| S.Paulo(total)   | 2,4     | 4,2  | 0,8  | 3,4     | 5,4  | 1,1  | 3,3     | 5,8  | -2,5 | 3,5     | 4,5  | 1,7  |                        |      |      |

Fonte:Elaborado a partir de Seade(1981).

(1): Dados estimados - Fonte: Seade/Sabesp.(1988).

A partir da década de 1960 iria generalizar-se nessa região o fenômeno do êxodo rural, que acabou resultando na perda do dinamismo demográfico do conjunto da região, como já foi comentado, além da intensificação do crescimento da taxa de urbanização regional, fruto da forte concentração urbana, em particular nos municípios-sedes da região e das sub-regiões.

Nas áreas urbanas dos municípios de São José do Rio Preto, Catanduva, Votuporanga, Fernandópolis e Jales estavam radicadas entre 1970 e 1990 parcelas significativas da população urbana total da região; isto representou uma forte concentração urbana, embora algumas das cidades fossem, e ainda sejam, relativamente pequenas. Dos oitenta e cinco centros urbanos da região, os cinco citados, somados, abrigavam cerca de 241,2 mil pessoas em 1970, quase 360,0 mil em 1980 e cerca de 487,6 mil, estimativamente, em 1990,

o que correspondia, respectivamente, a 48%, 51% e 52% do total da população urbana regional.

Tabela 16

Região Administrativa de São José do Rio Preto

Evolução da população total e taxa(%) de urbanização dos principais municípios

|               | 1940            |          | 1950      |          | 1960      |          | 1970      |          | 1980      |          | 1970 <sup>(1)</sup> |          |
|---------------|-----------------|----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|-----------|----------|---------------------|----------|
|               | Pop. Tot.       | Tx. Urb. | Pop. Tot. | Tx. Urb. | Pop. Tot. | Tx. Urb. | Pop. Tot. | Tx. Urb. | Pop. Tot. | Tx. Urb. | Pop. Tot.           | Tx. Urb. |
| S.J.R.Preto   | 61033           | 38,5     | 59083     | 60,1     | 82119     | 80,8     | 122134    | 89,9     | 188560    | 94,9     | 261130              | 97,5     |
| Catanduva     | 36068           | 47,4     | 37733     | 52,7     | 48324     | 77,0     | 58251     | 84,7     | 72913     | 90,5     | 89843               | 94,2     |
| Votuporanga   | (Tanabi)        |          | 22433     | 43,3     | 32566     | 60,1     | 39443     | 77,2     | 52301     | 87,3     | 67075               | 93,4     |
| Fernandópolis | (Tanabi)        |          | 27712     | 25,4     | 28917     | 40,0     | 39050     | 72,9     | 47041     | 86,2     | 55445               | 93,9     |
| Jales         | (Fernandópolis) |          | 15767     | 10,1     | 30903     | 31,4     | 38436     | 60,2     | 38636     | 74,6     | 39591               | 85,0     |
| Olímpia       |                 |          | 29366     | 27,8     | 26124     | 31,2     | 28094     | 58,8     | 29079     | 69,9     | 31781               | 78,7     |
| Mirassol      |                 |          | 23215     | 24,2     | 17922     | 32,4     | 19919     | 68,3     | 20579     | 81,0     | 28319               | 89,7     |
| N.Horizonte   |                 |          | 29384     | 17,6     | 22156     | 26,7     | 22863     | 38,0     | 23098     | 57,5     | 26829               | 69,8     |
| J.Bonifácio   |                 |          | 19198     | 13,0     | 20333     | 18,4     | 19725     | 27,8     | 20738     | 39,8     | 22977               | 62,1     |
| Sta.Fé do Sul | (Fernandópolis) | (Jales)  |           |          | 16930     | 27,6     | 16939     | 76,8     | 20377     | 84,5     | 24551               | 90,0     |
| Tanabi        |                 |          | 17637     | 9,2      | 17316     | 28,4     | 20965     | 33,2     | 20437     | 45,7     | 20307               | 56,4     |
| Total R.Adm.  | 593454          | 21,6     | 664903    | 27,9     | 894562    | 37,3     | 931281    | 54,2     | 1001781   | 70,9     | 1130100             | 82,6     |

Fonte: Elaborado a partir de Seade (1981), Seade(1983).

(1) Estimativas obtidas em Seade/Sabesp (1988).

Se a eles fossem acrescentados os municípios de Olímpia, Mirassol, Novo Horizonte, José Bonifácio, Santa Fé do Sul e Tanabi, também entre os maiores da região, as cifras da concentração urbana regional aumentariam ainda mais e ficariam em torno de 64%, 66% e 68%, respectivamente.

Desses onze municípios mais populosos, foram o município-sede e algumas das sedes de sub-regiões os que apresentaram dinamismo demográfico mais intenso. Assim, nos anos cinquenta S.J.do Rio Preto, Votuporanga e Jales cresceram a taxas superiores às do conjunto da região. Para os dois últimos, em fase de implantação, o crescimento

demográfico deu-se num ritmo mais intenso do que o do conjunto do estado.

Na década seguinte, entre 1960 e 1970, incluiu-se Fernandópolis nessa lista. Todos cresceram a taxas bem superiores (entre cinco e oito vezes) às da região. Se for observado apenas o crescimento da população urbana desses municípios as diferenças serão ainda mais evidenciadas. O município-sede cresceu, ao longo dos anos 1960 num ritmo ainda maior, superando a taxa de crescimento da população total do estado. A partir desse momento, o ritmo de crescimento populacional do município de São José do Rio Preto se intensificaria.

Ao longo dos anos setenta, todos os municípios, considerados como os maiores da região (exceto Jales e Tanabi), apresentaram crescimento demográfico superior à média regional, destacando-se, novamente, o município-sede, cujo dinamismo foi mais intenso ainda, superando outra vez a média estadual.

As estimativas para a década de 1980 apontam, em primeiro lugar uma pequena aceleração no ritmo do crescimento demográfico regional, que continuaria, contudo inferior ao do conjunto do estado. Por outro lado, a tendência de concentração, principalmente urbana, nos maiores municípios também permaneceria, embora com diferenciais mais reduzidos em relação à média regional. Em 1980 o município-sede possuía uma população total de cerca de 190 mil pessoas, das quais perto de 180 mil ocupavam sua área

urbana sendo que Catanduva (desde 1970) já abrigava população urbana acima de 50 mil pessoas. Em 1990, estimativamente, a população urbana de São José do Rio Preto estaria em torno de 255 mil habitantes, enquanto três municípios já abrigariam em suas áreas urbanas, mais do que 50 mil pessoas: Fernandópolis, com 52 mil, Votuporanga com 63 mil e Catanduva com cerca de 85 mil (ver tabela 16).

As explicações para o intenso ritmo de urbanização verificado na região riopretense, tanto no que se refere às dimensões e ao grau de interrelacionamento da rede urbana, à evolução demográfica e especialmente à concentração urbana, devem ser buscadas, essencialmente, na dinâmica econômica regional.

A atividade agropecuária regional, desde sua implantação colocou-se entre as mais importantes do estado. Ao longo de todo o período de 1940 a 1990, a região respondeu por cifras expressivas do respectivos totais do valor da produção agrícola e da área cultivada no estado, atingindo máximos de 14% do valor da produção agrícola no início da década de setenta, 18% da área cultivada com lavouras em 1969-71 e 19% das pastagens cultivadas em 1979-81. «22»

Por outro lado, ocorreu diversificação da atividade agrícola regional. Houve queda persistente da participação da cafeicultura na formação do valor da produção agrícola entre 1940 e 1970 com retomada do plantio

«22» Conforme Tartaglia, J. C. e Oliveira, O. L. (1988) e Igreja, A. C. M. e Camargo, A. M. M. P. (1990).

ao longo da década de setenta e nova e profunda queda no final dos anos oitenta: no triênio 1987-89 a cultura cafeeira ocupava 15,7% da área cultivada regional, ficando abaixo das áreas dedicadas ao milho, laranja e cana-de-açúcar. Em termos absolutos a área total regional dedicada ao cultivo do café reduzir-se-ia em quase 104 mil hectares entre 1979-81 e 1987-89, caindo de 247 mil hectares para cerca de 143 mil hectares.

Tabela 17

DIRA de São José do Rio Preto

Distribuição(%) do Valor da Produção Agrícola(VPA) e da área cultivada(A.C.) entre os principais produtos.

|                       | 1936-38 |       | 1949/51 |       | 1958-59 |       | 1969/71 |       | 1979/81 |       | 1987-89 |       |
|-----------------------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
|                       | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  |
| Café                  | 62,9    | 47,5  | 52,8    | 32,4  | 46,4    | 33,8  | 35,0    | 20,2  | 50,2    | 32,8  | -       | 15,3  |
| Milho                 | 11,7    | 21,9  | 7,9     | 16,3  | 10,5    | 24,4  | 16,2    | 28,3  | 8,0     | 20,1  | -       | 24,2  |
| Arroz                 | 16,0    | 12,3  | 15,7    | 19,3  | 22,5    | 20,8  | 14,7    | 24,1  | 4,4     | 11,0  | -       | 7,8   |
| Algodão               | 5,4     | 11,2  | 21,0    | 25,9  | 10,6    | 9,5   | 14,3    | 14,6  | 4,7     | 3,9   | -       | 5,9   |
| Cana-de-açúcar        | 0,2     | 0,1   | 0,3     | 0,4   | 1,9     | 1,3   | 6,1     | 2,8   | 11,0    | 9,7   | -       | 17,1  |
| Laranja               | 0,9     | 0,1   | 0,0     | 0,0   | 0,9     | 0,6   | 4,1     | 2,5   | 16,4    | 16,1  | -       | 23,6  |
| Outros <sup>(1)</sup> | 2,9     | 6,9   | 2,3     | 5,7   | 7,2     | 9,6   | 9,6     | 7,5   | 5,3     | 6,4   | -       | 6,1   |
| Total                 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | -       | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de Tartaglia, J.C. e Oliveira, O.L. (1988), p. 198 a 201 e 220, e Igreja, A.C.M. e Camargo, A.H.M.P. (1990).

(1): Amendoim, Banana, Batata, Cebola, Feijão, Mamona, Mandioca, Soja, Tomate, Trigo, Uva, Limão e outros cítricos.

A extensão da pauta agrícola regional também foi persistente, envolvendo expressivos incrementos do cultivo de algodão, milho e arroz até os anos setenta e abrangendo, além do milho, importantes aumentos no cultivo da laranja e cana-de-açúcar ao longo da década de 1980; o dinamismo dessas duas culturas está escorado, como já foi dito, de um

lado na expansão da participação brasileira no mercado internacional de suco concentrado de laranja e de outro, no caso da cultura da cana-de-açúcar, no forte incentivo representado pelo Próálcool, que resultou na conversão para a combustão do álcool de importante parcela da frota nacional de veículos, constituindo-se assim um mercado de grande dinamismo para o consumo de álcool carburante.

Em termos da atividade pecuária observa-se também grande dinamismo. A participação do rebanho bovino regional no total paulista, embora apresente entre 1940 e 1970 uma tendência declinante, atingiu o início dos anos setenta em torno de 16%, recuperando-se no início da década de 1980 quando respondia por cerca de 18% dos efetivos bovinos do estado. Permaneceu, contudo, até 1980, como o mais importante efetivo bovino do oeste paulista (exceto em 1960-61 quando foi superado pelo da região de Araçatuba). No período 1980-89 a região riopretense passa a dividir a liderança da pecuária do oeste e do conjunto do estado com as regiões de Araçatuba e Presidente Prudente.

Dessa forma, quanto à atividade econômica regional mais importante, a agropecuária, a Região Administrativa de São José do Rio Preto percorreu, nos últimos vinte anos, uma trajetória de diversificação e modernização cujos sentidos e resultados, resumidamente, foram os seguintes:

- Predominância da tendência de substituir atividades tradicionais e lavouras de mercado interno, por culturas exportáveis, dinâmicas e/ou agroenergéticas. Ou

seja, cana-de-açúcar (para a indústria do álcool), laranja e limão (cítricos exportáveis), além de produtos da pecuária bovina (carne e leite) substituíram, crescentemente, as culturas de milho, arroz, mandioca, amendoim e as pastagens naturais.

- Ganhos de produtividade física, ao longo do período, tanto nas lavouras de maior dinamismo (exportáveis e energéticas) como nas destinadas ao mercado interno (que incrementaram seu volume produzido, mesmo com a diminuição da área total por elas ocupada), frutos do incremento do grau de mecanização da agricultura e da utilização de insumos químicos.

- Além disso, mais recentemente, nos últimos três ou quatro anos, a região riopretense vem expandindo a cultura de frutas para a exportação (uvas finas e altamente produtivas, bem como a manga) e implementando importantes áreas para o cultivo de seringueiras, para a produção do látex para a indústria.

- Uma ilustração da distribuição do valor da produção agropecuária regional entre os principais produtos, no biênio 1988-89, pode ser vista no quadro abaixo.

| Produto        | V.P.A. (%) |
|----------------|------------|
| Laranja        | 37,0       |
| Carne Bovina   | 15,6       |
| Leite          | 9,4        |
| Cana-de-Açúcar | 7,8        |
| Milho          | 7,6        |
| Algodão        | 5,1        |
| Café           | 4,1        |
| Arroz          | 2,7        |
| Feijão         | 2,2        |
| Suínos         | 2,1        |
| Aves (frango)  | 1,8        |
| Ovos           | 1,1        |
| Soja           | 1,1        |
| Limão          | 0,7        |
| Amendoim       | 0,7        |
| Tomate         | 0,5        |
| Látex          | 0,3        |
| Casulo de seda | 0,2        |

Fonte: DIRA de São José do Rio Preto - 1989, in: Relatório da Gazeta Mercantil: O polo dinâmico de São José do Rio Preto - 31/08/89 - São Paulo.

A Indústria de Transformação regional, por seu turno, também apresenta tendência de diversificação embora com intensidade menor do que a Agropecuária.

Tabela 18

Região Administrativa de São José do Rio Preto  
Distribuição(%) dos Estabelecimentos e do Valor da Produção Industrial  
entre os principais ramos

|               | No. Estabelecimentos |       |       |       | Valor da Produção |       |       |       |
|---------------|----------------------|-------|-------|-------|-------------------|-------|-------|-------|
|               | 1956                 | 1960  | 1970  | 1980  | 1956              | 1960  | 1970  | 1980  |
| Alimentos     | 46,6                 | 49,2  | 52,2  | 37,8  | 66,6              | 59,3  | 60,5  | 57,5  |
| Textil        | 1,1                  | 0,7   | 1,1   | 0,7   | 19,9              | 12,3  | 18,4  | 1,8   |
| Química       | 1,5                  | 0,4   | 0,9   | 0,6   | 3,1               | 5,2   | 4,1   | 7,6   |
| Vestuário     | 7,9                  | 4,7   | 4,7   | 6,8   | 1,4               | 1,3   | 2,3   | 3,4   |
| Mecânica      | 0,4                  | 0,3   | 3,4   | 2,7   | 0,1               | 0,3   | 0,9   | 1,8   |
| Min. Não Met. | 15,7                 | 16,5  | 9,3   | 14,4  | 2,2               | 2,7   | 1,4   | 2,3   |
| Metalurgia    | 1,0                  | 1,6   | 3,0   | 6,1   | 0,3               | 9,8   | 1,1   | 3,5   |
| Mat. Transp.  | 2,1                  | 2,5   | 2,5   | 2,3   | 0,3               | 0,8   | 0,6   | 1,1   |
| Sub-Total     | 76,3                 | 76,1  | 77,0  | 71,4  | 93,9              | 91,7  | 89,3  | 79,0  |
| Outros ramos  | 23,7                 | 23,9  | 23,0  | 28,6  | 6,1               | 8,3   | 10,7  | 21,0  |
| Total         | 100,0                | 100,0 | 100,0 | 100,0 | 100,0             | 100,0 | 100,0 | 100,0 |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Industriais de São Paulo (1960-70-80) in: Negri, B. (1988) p. 139.

Durante todo o período em análise o ramo de Alimentos permaneceu como a principal atividade industrial regional. Concentrava o maior número de estabelecimentos e o maior peso relativo na geração do valor da produção industrial da região riopretense, como de resto, conforme já foi dito, do conjunto das regiões do oeste paulista.

A maioria dos setores alimentares está vinculada ao processamento de matérias primas agropecuárias, ou seja, à agroindústria alimentar. Esse segmento industrial passou a assumir um papel importante para a dinâmica industrial regional, no final da década de 1970, em função, principalmente, do avanço da agroindústria processadora de cítricos, de base exportadora, além de importantes segmentos ligados a Frigorificação da Carne bovina e de aves, aos Laticínios e a produção de alimentos em geral.

Houve ainda um pequeno avanço regional de alguns ramos industriais ligados à produção de bens intermediários, bens de produção e de consumo duráveis. Destacam-se a Química (principalmente os setores ligados à produção de álcool carburante e de óleos vegetais), a Metalurgia e Minerais Não Metálicos (notadamente seus segmentos dedicados ao suprimento de insumos para a Construção Civil)

Os principais movimentos no sentido da diversificação industrial no período, ocorreram também entre 1970 e 1990 e foram localizados, em grande parte, nos setores industriais produtores de bens de consumo não

duráveis. Mesmo assim o ramo mais importante, o de Alimentos, respondia ainda, em 1980, por uma parcela significativa (cerca de 57%) do valor da produção industrial da região. O dinamismo industrial contudo ficou por conta do aumento do número de diferentes setores industriais atuantes na região e pela provável modernização e diversificação ocorrida no interior da agroindústria alimentar.

Cabe relembrar que a Região Administrativa de São José do Rio Preto foi a única região do oeste do estado, que apresentou aumento na sua contribuição para o valor da produção industrial do estado, entre 1970 e 1980, e para o valor agregado da indústria, entre 1980 e 1987, em que pese as cifras serem ainda muito modestas.

Em termos setoriais, a indústria regional riopretense atingiu o final da década de oitenta ampliando sua participação na indústria alimentar do oeste e do conjunto do estado. Em termos das agroindústrias de exportação e energéticas a região de Rio Preto tem apresentado destacada participação. Em 1987-1988 respondia por cerca de 6,0% da produção de açúcar e de 8,5% da produção de álcool do estado, com instalação, nos últimos anos, de várias novas destilarias; era importante produtora de sucos cítricos, respondendo por 5,5% da capacidade instalada do estado, com novas unidades de processamento sendo instaladas próximas às zonas produtoras; apresentava significativa expansão da produção agroindustrial de óleos

vegetais com a produção regional das principais matérias-primas tais como o algodão, amendoim e milho; respondia por cerca de 20% do abate bovino estadual, ocorrendo expansão da agroindústria de produtos pecuários e frigorificados; apresentava, ainda, importante concentração da indústria do Mobiliário: cerca de 10% da indústria do Mobiliário paulista localizava-se no município de Mirassol na região.<sup>24</sup>

O fenômeno recente mais importante a destacar é a crescente integração agroindustrial das novas culturas que estão sendo implantadas na região de Rio Preto, ou mesmo das culturas exportáveis que apresentaram grande dinamismo na década de oitenta.

Assim, no caso da Laranja (em que seu produto exportável - o suco - tem sido de grande dinamismo) que é o principal produto em termos da sua contribuição para a formação do valor da produção agropecuária da região de Rio Preto em 1988-1989, há três grandes unidades processadoras de suco concentrado situadas na região. A Cargill Citrus Ltda. no município de Uchoa (a 30 quilômetros da cidade de Rio Preto), Citrovals, em Olímpia (a 60 quilômetros) e a Bascitrus Agroindustrial S.A. em Mirassol (a 17 quilômetros). Em conjunto, elas tinham, em 1989, uma capacidade de esmagamento de 1,122 milhões de toneladas de frutas por safra, cerca de 1/3 do volume produzido na região, que geram como produtos finais, suco concentrado e farelo de polpa cítrica. Demandam ainda, parcelas

<sup>24</sup> Conforme Negri, B. (1990).

significativas da matéria-prima dos municípios da própria região entre eles, principalmente, os municípios de Olímpia, Guaraci e Severínea.

O mesmo ocorre com a indústria do fio de seda, que tem localizada na região de Rio Preto sua terceira maior unidade de processamento no país, a Shoei Bratac, que produziu em 1989, dezesseis toneladas mensais de fio e exporta toda sua produção. A matéria-prima, os casulos de seda, são fornecidos em grande parte por agricultores da própria região, que produziram em 1988-1989, cerca de 585 toneladas de casulos, suficientes para a produção de 95 toneladas de fio de seda, quase metade da produção da unidade citada.

Outro exemplo de integração agroindustrial regional é a produção de látex para a indústria da borracha. Com cerca de cinco milhões de pés de seringueiras, a região de Rio Preto era, em 1989, a maior produtora do estado. Isso propiciou a montagem de uma usina no município de José Bonifácio, que produzia nesse ano, cerca de 300 toneladas de látex por mês e mais de 40 toneladas de resíduo industrial (cernambi). Há ainda projeto de um outro grupo empresarial local (o grupo Verdi) para instalar mais uma usina de processamento do látex nos próximos anos; este grupo já investiu no plantio de 350 mil pés de seringueira, de um total projetado de 500 mil pés.

Outros exemplos semelhantes podem ser encontrados para as agroindústrias do abate de aves, da produção de leite tipo A, do processamento da carne bovina, etc.

Como se sabe, as atividades industriais e agroindustriais dinâmicas reciclam as funções urbanas dos maiores centros da região, gerando importantes efeitos de estímulos sobre outros setores produtivos urbanos. Isto aumenta o grau de encadeamento produtivo regional com rebatimentos recorrentes sobre o processo de urbanização regional e, em especial, com a intensificação da urbanização dos maiores centros regionais.

Estes efeitos, principalmente de 1970 em diante quando acelerou-se a urbanização da região riopretense, podem ser, pelo menos em parte, avaliados observando-se a evolução das ocupações produtivas nos últimos vinte anos.

Tabela 19

Evolução das populações Urbana, Rural e Economicamente Ativa (P.E.A) (mil pessoas)

|             | 1970        |         |            |        | 1980        |         |            |        | Acréscimo(%) 1970/80 (1) |       |            |       |
|-------------|-------------|---------|------------|--------|-------------|---------|------------|--------|--------------------------|-------|------------|-------|
|             | Área Urbana |         | Área Rural |        | Área Urbana |         | Área Rural |        | Área Urbana              |       | Área Rural |       |
|             | P.E.A.      | Pop.    | P.E.A.     | Pop.   | P.E.A.      | Pop.    | P.E.A.     | Pop.   | P.E.A.                   | Pop.  | P.E.A.     | Pop.  |
|             | (1)         | (2)     | (3)        | (4)    | (5)         | (6)     | (7)        | (8)    | (5/1)                    | (6/2) | (7/3)      | (8/4) |
| São Paulo   | 5070,8      | 14276,2 | 1301,8     | 3495,7 | 9061,0      | 22196,4 | 1175,0     | 2844,3 | 6,0                      | 4,5   | -0,9       | -1,7  |
| R.Metropol. | 3019,5      | 7866,7  | 62,3       | 273,1  | 5263,4      | 12193,6 | 41,4       | 405,2  | 5,7                      | 4,5   | -2,9       | 4,0   |
| Interior(-) |             |         |            |        |             |         |            |        |                          |       |            |       |
| Oeste       | 1600,7      | 4854,4  | 734,0      | 1920,1 | 3072,4      | 7926,1  | 706,8      | 1602,7 | 6,7                      | 5,0   | -0,4       | -1,0  |
| Campinas    | 555,6       | 1532,3  | 210,8      | 566,3  | 1136,4      | 2696,8  | 203,7      | 531,0  | 7,4                      | 5,8   | -0,3       | -0,6  |
| Rib.Preto   | 300,6       | 1007,4  | 196,3      | 400,7  | 557,0       | 1515,4  | 194,2      | 281,5  | 6,4                      | 4,2   | -0,1       | -2,6  |
| Oeste       | 450,6       | 1555,2  | 505,5      | 1302,6 | 725,1       | 2084,7  | 426,0      | 836,3  | 4,9                      | 3,0   | -1,5       | -3,1  |
| S.J.R.Preto | 142,2       | 504,4   | 176,2      | 426,8  | 251,5       | 709,7   | 155,1      | 291,7  | 5,9                      | 3,5   | -1,1       | -2,8  |
| Aracatuba   | 94,3        | 306,6   | 78,4       | 226,0  | 139,5       | 404,8   | 65,5       | 125,2  | 4,0                      | 2,8   | -1,5       | 3,8   |

Fonte: Elaborado a partir de Negri, B., Gonçalves, M.F. e Cano, W. (1988), p.102 e Gonçalves, M.F. (1988), p. 50 e 51

(1): Taxas médias geométricas anuais.

Em 1970, encontravam-se em funcionamento nos centros urbanos cerca de 145 mil postos de trabalho. Isto representava então, quase 45% da P.E.A. regional e 29% do total da população urbana dos municípios. Contudo, nesse ano a maioria da P.E.A. era ainda rural. Cerca de 176 mil postos de trabalho (55% do emprego) para aproximadamente 427 mil pessoas aí radicadas.

A comparação da evolução do emprego urbano e rural da região de S.J.do Rio Preto com outras regiões ou mesmo com os agregados regionais, como o oeste ou o total do estado, reforçam as observações feitas de início. O número de postos de trabalho rurais existentes na região de S.J.do Rio Preto era, em 1970, pouco inferior (em torno de 10% e 16%, respectivamente) ao das regiões de Ribeirão Preto e de Campinas, que detinham então as maiores P.E.A.'s rurais do estado. Em 1980 essa situação seria diversa: a região de S.J.do Rio Preto, ao lado das demais regiões do oeste, apresentava volumes de oferta de emprego rural entre os mais baixos em relação às regiões mais importantes do interior paulista.

Isso deve ser interpretado como uma das consequências, na região de S.J.do Rio Preto, das modificações introduzidas na base técnica da agropecuária, paulista especialmente a partir da década de 1970. Tais modificações, como se sabe, estiveram estreitamente vinculadas a substituição total ou parcial do trabalho humano no campo, ocasionando a queda do índice de oferta de

empregos rurais e o consequente e progressivo deslocamento da população, mesmo que ocupada parte do ano no campo, para áreas urbanas.

Por outro lado, apesar do dinamismo urbano descrito, a região de São José do Rio Preto, bem como o conjunto do oeste paulista, em 1970, quando comparadas com outras regiões do estado, apresentavam estruturas ocupacionais urbanas menos diversificadas ou de menor complexidade. Nesse momento, vale recordar, as ocupações rurais ainda predominavam regionalmente e as atividades de Prestação de Serviços e de Comércio de mercadorias em geral, só apresentavam maior diversificação ou sofisticação em poucas cidades da região, em especial no município-sede.

Assim, no município de São José do Rio Preto em 1970 cerca de 87% das ocupações eram urbanas das quais mais da metade relacionadas às atividades de serviços.

Dessa forma, apesar do dinamismo observado nas atividades produtivas bem como os intensos rebatimentos sobre o processo de urbanização até 1970, a região de São José do Rio Preto, quando comparada com outras regiões do estado (p.ex., Campinas, Ribeirão Preto ou Sorocaba), ainda apresentava alguns indicadores do processo de urbanização, em especial os mais importantes ligados ao grau de diferenciação e complexidade das ocupações urbanas ou da problematização de demandas sociais urbanas (especialmente aquelas relacionadas à oferta de habitação, saúde e educação) relativamente moderados, mesmo nos seus maiores

centros urbanos.

Na década de 1970 acentuou-se o processo de eliminação de postos de trabalho no campo e os centros urbanos regionais, particularmente o município-sede, acabaram por absorver grande parte do impacto desse movimento. Entre 1970 e 1980 cerca de 21 mil postos de trabalho rurais foram eliminadas na região riopretana, enquanto seriam criados 109 mil novos empregos urbanos, dos quais cerca de 36 mil no município-sede.

Tais condições de oferta de emprego urbano funcionaram como um fator de realimentação do crescimento urbano da cidade de São José do Rio Preto pois na década seguinte, entre 1980 e 1990, estima-se em cerca de 76 mil pessoas, o aumento líquido da população urbana do município. Esses números dão uma idéia das demandas de infraestrutura e de serviços urbanos que impuseram-se, especialmente no município-sede regional, de forma progressiva, nos últimos vinte anos.

Os principais rebatimentos dessa dinâmica econômica regional sobre o seu principal centro urbano serão analisados no capítulo final deste trabalho.

### 2.3. A Região Administrativa de Aracatuba.

A região de Aracatuba dispõe do menor número de municípios do oeste paulista e também um dos menores do

estado. Em 1964, quando foram desmembrados e politicamente emancipados seus últimos três municípios, essa região passou a contar com o total de trinta e sete municípios, dezenove dos quais criados na década 1954-64. Cabe citar que todos os sete municípios mais importantes foram criados até 1938, estando, portanto, entre os mais antigos da região.

As razões para que esta vasta área do território paulista seja tão pouco recortada do ponto de vista político-administrativo estão ligadas a fatores de várias naturezas. Os principais referem-se ao predomínio de grandes propriedades, aliado ao uso das terras majoritariamente para a atividade pecuária.

Ou seja, relativamente poucas e grandes propriedades concentrando grandes extensões absolutas de terras dedicadas, em grande parte, a atividades produtivas que mobilizam pequenos contingentes de trabalhadores, não formariam um grupo de pressão, ou a massa crítica necessária, ao desenvolvimento de núcleos urbanos e ao consequente desencadeamento do processo de repartição e pulverização do poder local, ao contrário do que assistiu-se em outras regiões do estado, como foi o caso, no oeste, da região de São José do Rio Preto, ou em outras áreas como, por exemplo, Campinas e Ribeirão Preto.

Tabela 20  
Região Administrativa de Araçatuba.  
Evolução do número de municípios.

| Períodos         | Ano   | No. municípios<br>emancipados | Municípios entre<br>os maiores <sup>(1)</sup>                                                                         |
|------------------|-------|-------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Até 1940         |       | 10                            | Araçatuba <sup>(2)</sup> , Birigui, Andradina <sup>(2)</sup> , Pereira Barreto, Penápolis, Guararapes e Mirandópolis. |
| 1940-50          | Total | 8                             |                                                                                                                       |
|                  | 1944  | 4                             |                                                                                                                       |
|                  | 1949  | 4                             |                                                                                                                       |
| 1950-60          | Total | 16                            |                                                                                                                       |
|                  | 1954  | 10                            |                                                                                                                       |
|                  | 1959  | 6                             |                                                                                                                       |
| 1960-70          | Total | 3                             |                                                                                                                       |
|                  | 1964  | 3                             |                                                                                                                       |
| S.Total(1940-70) |       | 27                            |                                                                                                                       |
| Total da região  |       | 37                            |                                                                                                                       |

Fonte: Elaborado a partir de Seade (1982) e Seade(1989).

(1): Municípios com mais do que 20 mil habitantes em 1980.

(2): Sede regional.

(3): Sede sub-regional.

Dessa forma, as características da rede urbana da região ficam por conta do pequeno número de municípios e das grandes dimensões físicas de parte deles.

O único espaço onde ocorreu um aglomerado pouco mais denso de cidades, está localizado na faixa Sudeste-Sudoeste, com centro na sede do município de Araçatuba, área de ligação com as regiões de Presidente Prudente (no caminho de Osvaldo Cruz e Adamantina) e de Marília (no sentido de Tupã).

Esse trecho concentrou quase 2/3 dos municípios da região, todos localizados em torno da estrutura originária da rede urbana regional, formada ao longo da E.F.Noroeste do Brasil.

Ressalte-se que aqui a ferrovia (a E.F.Noroeste) parece ter desempenhado, até a consolidação da rede urbana regional, um papel mais decisivo (quando comparada à região de S.J. do Rio Preto, por exemplo), no sentido da quase exclusividade da sua influência sobre o processo de formação e do desenho dessa rede de cidades, especialmente da sede do município de Araçatuba para frente. Ali, dos quinze municípios com sedes na margem esquerda do Rio Tietê, onze dessas sedes tem estações da ferrovia.

Tabela 21

Região Administrativa de Araçatuba

Evolução da população da região e das sub-regiões

(Taxas médias geométricas anuais)

|               | 1940-50 |      |      | 1950-60 |      |      | 1960-70 |      |      | 1970-80 |      |      | 1980-90 <sup>(1)</sup> |      |      |
|---------------|---------|------|------|---------|------|------|---------|------|------|---------|------|------|------------------------|------|------|
|               | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.    | Urb. | Rur. | Tot.                   | Urb. | Rur. |
| São Paulo     | 2,4     | 4,3  | 0,8  | 3,4     | 5,4  | 1,1  | 3,3     | 5,8  | -2,5 | 3,5     | 4,5  | -1,7 |                        |      |      |
| Oeste         | 3,2     | 5,5  | 2,5  | 2,2     | 5,6  | 0,6  | 1,1     | 3,7  | -2,3 | 0,2     | 3,0  | -3,1 | 1,0                    | 2,6  | -3,0 |
| R.A.Araçatuba | 4,9     | 7,0  | 4,3  | 1,8     | 5,4  | 0,1  | 0,7     | 5,0  | -2,4 | -0,1    | 2,8  | -3,8 | 0,9                    | 2,2  | -3,3 |
| Sub-Regiões   |         |      |      |         |      |      |         |      |      |         |      |      |                        |      |      |
| Araçatuba     | 2,6     | 5,2  | 1,7  | 1,7     | 4,9  | 0,1  | 0,1     | 4,2  | -3,0 | 0,5     | 3,1  | -3,3 | 1,3                    | 2,7  | -3,2 |
| Andradina     | 16,5    | 18,5 | 14,1 | 1,9     | 7,1  | 0,1  | 2,1     | 7,0  | -1,4 | -1,2    | 2,1  | -4,6 | -0,1                   | 1,0  | -3,6 |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos de São Paulo (1940-50-60-70-80),  
 in: Seade(1981), p. 131 e 132.

(1): Estimativas contidas em Seade/Sabesp (1988).

A consolidação da ocupação da região de Araçatuba deu-se ao longo da década de 1940. Nessa época a população regional apresentou taxas de crescimento quase duas vezes superiores às da população do estado e perto de 50% acima das taxas de crescimento demográfico do conjunto do oeste.

As principais razões para essas altas taxas nos anos quarenta estão relacionadas com o processo de formação da sub-região de Andradina. Tanto o próprio município de Andradina, como a população urbana e rural do conjunto dessa sub-região cresceram aceleradamente. Por outro lado a sub-região de Araçatuba, embora crescendo a taxas mais modestas, mesmo assim, superou ligeiramente o ritmo de crescimento do conjunto do estado.

A partir da década de 1950, o ritmo do crescimento populacional regional sofre uma desaceleração, reduzindo-se a uma fração do crescimento do conjunto do estado. Encerrara-se o processo de ocupação com a mudança na dinâmica econômica, que, como veremos mais adiante, no seu compartimento agropecuário mais e mais afastava-se da quase exclusividade do café e do algodão, na direção de outras culturas e, nessa região, predominantemente na direção da atividade pecuária.

Entre 1960 e 1970 a dinâmica demográfica e urbana da região de Araçatuba caracterizou-se por uma certa estabilização da população total regional em torno de 500 a 530 mil habitantes. A partir de 1970, dentre o principais municípios da região, apenas Birigui, Araçatuba e Fenápolis apresentaram acréscimos populacionais significativos: o primeiro a taxas superiores à média do estado e os demais num ritmo mais moderado mas ainda assim superior à média regional.

Tabela 22

Região Administrativa de Araçatuba

População total e taxa(%) de urbanização nos principais municípios entre 1940-90

|              | 1940         |          | 1950   |          | 1960   |          | 1970   |          | 1980   |          | 1990 <sup>(1)</sup> |          |
|--------------|--------------|----------|--------|----------|--------|----------|--------|----------|--------|----------|---------------------|----------|
|              | Pop.         | Tx. Urb. | Pop.   | Tx. Urb. | Pop.   | Tx. Urb. | Pop.   | Tx. Urb. | Pop.   | Tx. Urb. | Pop.                | Tx. Urb. |
| Araçatuba    | 45721        | 37,3     | 59452  | 45,5     | 79777  | 66,2     | 108522 | 80,1     | 129367 | 90,0     | 156037              | 95,3     |
| Birigui      | 34300        | 22,5     | 31018  | 40,5     | 30835  | 59,8     | 34976  | 77,5     | 50918  | 89,1     | 69397               | 95,1     |
| Andradina    | 9262         | 22,1     | 33471  | 26,7     | 33425  | 55,1     | 51688  | 84,2     | 47663  | 88,2     | 47923               | 91,3     |
| P.Barreto    | 7264         | 11,6     | 13988  | 12,7     | 22042  | 30,0     | 52413  | 37,7     | 46329  | 88,0     | 45685               | 98,9     |
| Penápolis    | 20879        | 22,2     | 23507  | 27,9     | 29417  | 49,8     | 34263  | 71,5     | 40381  | 79,7     | 48689               | 86,0     |
| Guararapes   | 20750        | 16,2     | 27162  | 31,1     | 27595  | 35,1     | 23329  | 61,0     | 22504  | 77,6     | 23339               | 88,4     |
| Mirandópolis | (Valparaíso) |          | 26866  | 20,7     | 25318  | 33,1     | 23549  | 52,2     | 21534  | 65,0     | 22141               | 75,8     |
| R.A.Total    | 288474       | 21,9     | 423827 | 26,6     | 481806 | 37,9     | 532549 | 57,6     | 530126 | 76,4     | 581200              | 86,8     |

Fonte: Elaborado a partir de FIDEE, Censos Demográficos de São Paulo (1940-50-60-70-80) in: Seade(1982a) e Seade(1981).

(1): Estimativas contidas em Seade/Sabesp (1988).

Em função do pequeno porte da rede urbana da região de Araçatuba a concentração da população urbana regional nos maiores municípios (que aqui são em número de sete - ver tabela 22) foi, relativamente, ainda mais acentuada do que na região de S.J. do Rio Preto. Nos últimos vinte anos, entre 74% (em 1970) e 76% (em 1980 e, estimativamente, em 1990) da população urbana regional habitava as áreas urbanas destes municípios, o que representava em torno de 226 mil pessoas em 1970, 308 mil em 1980 e, estimativamente, 383 mil habitantes em 1990.

Isso representou, de forma semelhante ao que foi comentado na seção anterior para o caso da região de S.J. do Rio Preto, uma indicação da expansão de centros urbanos que passaram a atrair população em ritmo crescente, circuito

esse que agravou alguns aspectos das condições de vida dessas cidades.

Se forem tomadas apenas as sedes regionais e sub-regionais (Araçatuba e Andradina) o indicador de concentração urbana regional em 1970 estava em torno de 48%, cairia para 39% em 1980 e para 38%, estimativamente, em 1990, mostrando que nesse período o dinamismo demográfico urbano dos municípios sedes da região e sub-regiões foi menos intenso do que nos demais municípios mais populosos. Isto deveu-se às transformações econômicas processadas e que alcançaram vastos espaços regionais, gerando efeitos sobre numerosos municípios, principalmente a partir de meados de 1970 (com a expansão da agroindústria canavieira propiciada pelo Próalcool), acentuando rebatimentos urbanos ocasionados pelo processo de modernização agrícola e uma certa diversificação industrial, em curso desde o início da década de setenta.

As duas cidades citadas, de pequeno porte, quando comparadas com as maiores do estado, já começavam (notadamente Araçatuba), a partir da década de 1970, a enfrentar problemas de "cidade grande", principalmente aqueles relacionados com a questão da insuficiência de moradias.

Ainda mais uma vez, as explicações para o movimento demográfico e da urbanização devem ser buscadas na dinâmica econômica regional cujos principais aspectos no período passarão a ser analisados.

Tabela 23

Divisão Regional Agrícola de Aracatuba

Distribuição (%) do Valor da Produção Agrícola(VPA) e da área cultivada (A.C.)  
entre os principais produtos

|                       | 1936-38 |      | 1949/51 |       | 1958-59 |       | 1969/71 |       | 1979/81 |       | 1987-89 |       |
|-----------------------|---------|------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|---------|-------|
|                       | VPA     | A.C. | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  | VPA     | A.C.  |
| Algodão               | 7,4     | -    | 30,4    | 44,2  | 17,1    | 12,8  | 37,1    | 28,7  | 7,5     | 5,4   | -       | 8,4   |
| Café                  | 57,0    | -    | 45,3    | 19,8  | 41,7    | 37,3  | 20,6    | 14,2  | 36,6    | 21,1  | -       | 6,1   |
| Milho                 | 7,8     | -    | 7,7     | 13,3  | 11,9    | 18,9  | 12,3    | 24,4  | 19,8    | 41,6  | -       | 29,6  |
| Arroz                 | 24,8    | -    | 11,1    | 15,0  | 15,3    | 14,5  | 7,4     | 12,5  | 4,2     | 9,8   | -       | 3,3   |
| Cana-de-açúcar        | 0,4     | -    | 0,3     | 0,5   | 1,0     | 0,8   | 4,7     | 2,7   | 9,6     | 9,6   | -       | 40,0  |
| Amendoim              | -       | -    | 1,8     | 2,3   | 5,5     | 5,6   | 11,4    | 11,7  | 4,2     | 5,3   | -       | 1,9   |
| Tomate                | -       | -    | -       | -     | -       | -     | 1,8     | 0,2   | 11,7    | 1,5   | -       | 0,7   |
| Outros <sup>(1)</sup> | 2,6     | -    | 3,4     | 4,9   | 7,5     | 10,1  | 4,7     | 5,6   | 6,6     | 5,7   | -       | 10,0  |
| Total                 | 100,0   | -    | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | 100,0   | 100,0 | -       | 100,0 |

Fonte:Elaborado a partir de Departamento Estadual de Estatísticas - Estatísticas Agrícolas e Zootécnica; IEA/CATI - Secretaria da Agricultura - São Paulo in: Tartaglia, J.C.e Oliveira, D.L. (1988), p. 198,201 e 220. e Igreja,A.C.M. e Camargo,A.M.M.P.(1990)

(1): Banana, Batata, Cebola, Feijão, Laranja, Mamona, Mandioca, Soja, Trigo, Uva, Limão e outros cítricos.

A atividade agrícola, embora apresente indicações de diversificação da sua pauta produtiva, com o aumento do cultivo, principalmente de amendoim (em 1969-71), do tomate (em 1979-81) e da cana de açúcar no final do período, tem nessa região um peso relativo menor para o conjunto da agricultura do estado face às demais regiões do oeste paulista. Apenas para dois dos principais produtos agrícolas estaduais a região de Aracatuba apresentou uma contribuição mais significativa nos últimos vinte anos: milho (em torno de 11% do volume produzido em 1979-81 e 10% em 1987-89) e algodão (atingindo cerca de 16% da área total cultivada em

São Paulo em 1969-71 e 12% no final do período, em 1987-89); as produções regionais de Amendoim, Mamona e Arroz correspondiam a cifras entre 4% e 8% dos volumes totais produzidos no estado.

A diversificação agrícola (mesmo que com participação moderada no produto agrícola paulista) e principalmente a modernização da atividade pecuária (especialmente a de corte) foram feitas, crescentemente vinculadas às modificações na base técnica produtiva, alterações essas que, como se sabe, foram, também crescentemente, estreitando o potencial da oferta de empregos rurais na região. Isso ocorreu mesmo que com defasagens temporais, em todo o estado e muito acentuadamente nas regiões do oeste.

A Divisão Regional Agrícola de Aracatuba vinha diminuindo sua participação relativa para os totais da área cultivada com lavouras e do valor da produção agrícola paulista desde o final da década de 1940. E foi também a partir desse momento, ao longo da década de 1950, que essa região intensificou a atividade pecuária, o que pode ser constatado quando observamos que a participação da região no total do rebanho bovino do estado atingia cerca de 19% em 1960 e a partir de então nunca foi inferior a 15%. No final do período estavam concentradas nessa região cerca 17% da área dedicada a pastagens cultivadas no estado.

Nos últimos vinte anos, a observação da distribuição do uso do solo rural regional, mostra que foram

destinadas para pastagens, frações que, em 1970 e 1980 representavam 78% e 79% do total da área cultivada na região, das quais 85% e 89%, respectivamente, eram plantadas, o que indica uma atividade pecuária mais tecnificada e modernizada.

O avanço e a modernização da economia rural significou para algumas regiões, como foi o caso de São José do Rio Preto sua integração às regiões de Ribeirão Preto e Campinas, conformando o que foi chamado de "corredor agrícola" do Estado<sup>(25)</sup>. Para outras, como foi o caso de Aracatuba tal evolução tem o significado do desenvolvimento e consolidação de uma especialização produtiva, a pecuária - particularmente a de corte - para formar ao lado das regiões vizinhas de São José do Rio Preto e Presidente Prudente, os maiores centros produtores de bovinos do estado e um dos maiores do país e transformar, em termos da comercialização, a cidade de Aracatuba, na "capital nacional do boi gordo".

Mais recentemente, a região de Aracatuba, além de consolidar sua posição na pecuária paulista e brasileira, aumentou os níveis de remanejamento (ou substituição) de parte da área dedicada à produção vegetal, especialmente com um grande acréscimo na área cultivada com cana-de-açúcar e com feijão de inverno (cultura de base produtiva mais tecnificada), além de algodão e soja. A cana e o algodão tem destinação agroindustrial sendo que muitas destas

<sup>(25)</sup> Ver Tartaglia, J.C. e Oliveira, O.L. (1988).

agroindústrias estão localizadas no próprio município de Araçatuba ou em cidades próximas.

Essas características da base produtiva regional de Araçatuba seriam decisivas, como se verá mais adiante, para conformar um padrão de urbanização relativamente menos problemático ou com ritmo mais moderado quando comparado com outras regiões do estado e, particularmente no oeste, com a região de São José do Rio Preto.

Tabela 24

Região Administrativa de Araçatuba

Distribuição(%) do Número de Estabelecimentos e do Valor da Produção entre os principais ramos da Indústria de Transformação.

|                | No. Estabelecimentos |      |      |      | Valor da Produção |      |      |      |
|----------------|----------------------|------|------|------|-------------------|------|------|------|
|                | 1956                 | 1960 | 1970 | 1980 | 1956              | 1960 | 1970 | 1980 |
| Alimentos      | 43,9                 | 45,1 | 44,8 | 34,0 | 49,7              | 60,7 | 60,3 | 63,0 |
| Vestuário      | 5,7                  | 5,5  | 6,1  | 9,6  | 0,7               | 0,7  | 3,9  | 8,3  |
| Textil         | 3,9                  | 2,4  | 2,5  | 1,2  | 30,2              | 18,5 | 18,4 | 2,2  |
| Química        | 1,8                  | 0,9  | 0,8  | 0,8  | 5,2               | 4,8  | 5,0  | 6,6  |
| Mín. N. Metal. | 17,6                 | 16,5 | 13,2 | 19,1 | 5,7               | 6,7  | 2,0  | 2,6  |
| Mobiliário     | 8,1                  | 8,2  | 8,1  | 7,1  | 2,2               | 2,1  | 2,2  | 4,5  |
| Mecânica       | 0,4                  | 0,4  | 3,9  | 4,9  | 0,2               | 0,1  | 1,1  | 2,0  |
| Metalúrgica    | 1,5                  | 1,7  | 2,7  | 5,2  | 0,2               | 0,4  | 2,3  | 2,8  |
| Madeira        | 8,7                  | 8,7  | 5,5  | 3,6  | 3,5               | 2,7  | 0,3  | 0,2  |
| Sub-Total      | 89,7                 | 87,3 | 81,0 | 75,4 | 97,2              | 96,2 | 92,1 | 92,2 |
| Outros         | 10,3                 | 12,7 | 19,0 | 24,6 | 2,8               | 3,8  | 7,9  | 7,8  |

Fonte: Elaborado a partir de FIRGE, Censos Industriais de São Paulo (1960-70-80) e Pesquisa Industrial(1956), in: Negri, B. (1988), p.140.

Também a indústria regional diversificou-se. As principais alterações setoriais foram no sentido de incrementar a integração agroindustrial regional. Os principais exemplos dessa tendência são citados a seguir.

Na indústria de bens intermediários e bens de capital o maior dinamismo ficou por conta do ramo da Química (especialmente o setor de álcool anidro e hidratado), e da Mecânica (particularmente o setor de equipamentos para a agropecuária)

No Grupo das Indústrias predominantemente produtoras de Bens de Consumo Não-Duráveis, o aumento da importância do ramo de Alimentos, esteve também relacionado ao peso crescente do segmento agroindustrial, principalmente os setores de carnes (os matadouros e frigoríficos), de laticínios (leite em pó) conservas e condimentos (polpa de tomate processada, por exemplo) e o setor de óleos vegetais (milho, amendoim, soja).

Quanto ao crescimento do ramo de Vestuário e Calçados, isso deveu-se, quase que exclusivamente, ao setor de Calçados de couro, que ao longo do período consolidou uma importante concentração espacial do segmento de calçados infantis, no município de Birigui.

Outros segmentos importantes da agroindústria paulista também marcaram presença na indústria regional: o setor do açúcar e o de óleos vegetais.

A agroindústria canavieira tem assumido importância crescente nessa região cabendo destacar que em 1987-88, estavam aí localizadas dezessete destilarias de álcool, com uma produção de cerca de 180 milhões de litros por safra; a indústria de carnes, por sua vez atraiu investimentos para instalação de novos matadouros e unidades

de fabricação de conservas de carne; além disso, cresceu ainda mais a indústria de Vestuário e Calçados e a de Couros e Peles com certeza em função da sua articulação com a pecuária de corte regional.

A título da ilustração pode-se citar que em meados da década de oitenta havia cerca de setecentas empresas industriais cadastradas na região (sendo quase trezentas no município-sede). As duas maiores, em termos de produção e faturamento eram a Nestlé e a Paoletti, ambas localizadas no município de Araçatuba. A primeira deu origem a uma grande bacia leiteira local, processando perto de 1,5 milhões de litros por dia. A segunda, que na época da sua implantação era a segunda maior planta do mundo no ramo, tem capacidade para processar 2.500 toneladas diárias de massa de tomate.

Ainda nessa época, a mais importante destilaria da região eram também a maior unidade autônoma do país com uma produção de 73 milhões de litros por ano. As destilarias localizadas no município de Araçatuba, Aralcool, Destivale, Alcoazul e Cruzalcool produziram em conjunto cerca de 90 milhões de litros de álcool anidro e hidratado, prevendo-se um aumento deste volume para cerca de 130 milhões de litros nos próximos anos.

Tabela 25  
Região Administrativa de Araçatuba  
Distribuição setorial da População Economicamente Ativa

|            | 1950 | 1960 | 1970 | 1980 |
|------------|------|------|------|------|
| Primário   | 76,7 | 66,9 | 45,4 | 32,0 |
| Secundário | 6,7  | 8,0  | 18,5 | 24,7 |
| Terciário  | 16,6 | 25,1 | 36,1 | 43,3 |

Fonte: Elaborado a partir de FIBGE, Censos Demográficos de São Paulo (1950-60-70-80), in: Seade(1982a), p.20 e Gonçalves, M.Floria (1989), p.54

O exame das modificações na composição das ocupações, especialmente as urbanas, ajudam a compreender e dimensionar os impactos da dinâmica econômica sobre os centros urbanos regionais.

A partir de 1950 ocorreram mudanças radicais no perfil do emprego regional. As ocupações agrárias, que representavam cerca de 3/4 do total dos postos de trabalho da região em 1950, caem para 45% em 1970 e 32% em 1980, cedendo lugar, amplamente, para o emprego urbano especialmente no Setor Terciário na década de 1950 e também na Indústria e Construção Civil ao longo do anos sessenta e setenta.

Em 1970 havia cerca de 94 mil postos de trabalho nas áreas urbanas da região de Araçatuba para uma população urbana da ordem de 307 mil pessoas. Em 1980, como ocorreu em todo o estado, houve um substancial acréscimo absoluto e relativo no número de postos de trabalhos urbanos: na região de Araçatuba, na década de setenta, enquanto a população urbana aumentava em 32% o número de ocupações urbanas era incrementado em cerca de 48%, o que melhorava o índice de

oferta de empregos urbanos regionais.

Em 1970 as atividades de prestação de serviços, comerciais e do setor secundário (Indústria e Construção Civil) respondiam por cerca de 60% do emprego urbano no conjunto das cidades da região. Em 1980, estas mesmas atividades supriam 71% das ocupações urbanas, com destaque para a Indústria de Transformação e para as atividades de Prestação de Serviços que em conjunto respondiam pela ocupação de quase 30% da População Economicamente Ativa regional.

O município-sede apresentou nos últimos vinte anos modificações importantes e de cunho modernizante na estrutura ocupacional da sua população. Em primeiro lugar a Indústria de Transformação aí localizada mais do que dobrou a oferta de empregos no período. Além disso, vários dos chamados "serviços modernos" tais como, serviços industriais, comércio de veículos, acessórios, máquinas, combustíveis, etc., comunicações, entre outros, apresentaram também incrementos significativos no número de ocupações oferecidas ao longo da década de setenta.

Por outro lado, as ocupações produtivas urbanas cresceram cerca de 51% contra um aumento de 34% da população urbana do município. É razoável supor que a cidade de Araçatuba tenha conseguido suportar a pressão da demanda de novas ocupações advinda da sua função "centralizadora" regional. Também parecem equacionados satisfatoriamente os problemas originados da demanda regional de serviços urbanos

crescentemente diferenciados e sofisticados e da pressão exercida pelo aumento populacional sobre a oferta de serviços, especialmente públicos, nas áreas de saúde, educação, etc.

A região encerrou a década de 1980, conforme as estimativas, dispondo de um município, Aracatuba, com cerca de 156 mil habitantes, dos quais quase 150 mil na área urbana; Biriguí, com centro urbano distando pouco mais do que 10 km do centro urbano de Aracatuba apresentou o maior dinamismo demográfico regional nos últimos vinte anos, contaria com cerca de 70 mil habitantes, dos quais cerca de 66 mil na cidade; com pouco menos do que 50 mil habitantes e população urbana em torno de 42 a 44 mil pessoas, estariam Penápolis (a cerca de 50 km a sudeste da sede regional), Andradina e Pereira Barreto, situadas num raio de 90 km, respectivamente a oeste e noroeste da cidade de Aracatuba.

\* \* \*

As notas que se seguem, à guisa de conclusões parciais deste capítulo, objetivam remarcar alguns pontos ou aspectos que melhor sintetizem o processo de desenvolvimento e a urbanização das regiões estudadas ao longo do período de 1940 a 1990.

Em primeiro lugar caberia enfatizar a importância econômica e demográfica da consolidação do processo de urbanização no oeste paulista entre 1940 e o final da década

de 1960. Aos eixos de penetração e ocupação populacional representados pelas ferrovias iriam somar-se, nos anos 1940, as rodovias, que da década de cinquenta em diante predominariam largamente. À cultura cafeeira iria somar-se, e em alguns casos substituir, a significativa expansão do cultivo algodoeiro; ao lado dessas duas principais culturas, importantes parcelas das terras regionais dedicadas à produção de alimentos e outras matérias primas agrícolas, tais como arroz, milho, feijão, batata, amendoim, etc., além de amplas áreas regionais dedicada ao cultivo de pastagens.

Esse movimento representou a mobilização de um grande volume de recursos e um grande número de pessoas. O movimento demográfico até a década de cinquenta foi predominantemente no sentido da entrada de novos habitantes para as regiões do oeste. Entre 1940 e 1960 houve um acréscimo líquido total (vegetativo mais saldo migratório) de cerca de 1,180 milhões de pessoas, das quais 220 mil na região de São José do Rio Preto e cerca de 520 mil na de Presidente Prudente, as duas mais populosas da área em 1960.

Além disso, vale ressaltar o significado do esgotamento do processo de ocupação demográfica do oeste, pois as suas várias áreas de influência foram as últimas fronteiras da ocupação do estado. Para as regiões do oeste esse momento representou a sua afirmação no desempenho de funções ao nível da economia paulista e brasileira, relacionadas ao suprimento de importantes produtos agropecuários e agroindustriais, tanto para o mercado

interno como para o externo, cuja produção estava assentada sobre uma base técnica-produtiva relativamente mais moderna e tecnificada.

Isso colocou algumas áreas do oeste paulista entre as principais regiões do estado e do país quanto ao grau de desenvolvimento da sua base técnica de produção o que resultaria, especialmente nos últimos quinze ou vinte anos, num dinamismo econômico muito intenso e numa extensão e aprofundamento das relações sociais e econômicas, não só no interior de suas próprias redes urbanas, como também, e crescentemente, com outras regiões do estado e do país.

Em alguns casos (os principais centros urbanos na região de São José do Rio Preto, em especial o município-sede, são os principais exemplos) certas "áreas de influências" apresentaram intenso crescimento demográfico e tornaram-se centros de atração populacional de grande abrangência espacial.

Por outro lado, embora a chamada política de "descentralização" espacial da indústria não chegasse a surtir quase nenhum efeito nas regiões do oeste paulista, outras políticas tiveram ali importantes espaços de implementação. Foram os casos da política energética de substituição do petróleo, o Proalcool, a partir de meados de 1970, responsável pela instalação de núcleos produtivos, agrícolas e agroindustriais, relacionados à produção de cana-de-açúcar e de álcool carburante, em todas as regiões do oeste e em quase todas as demais regiões do estado de São

Paulo; da política de incentivos à exportação que, ao lado das oportunidades abertas no mercado externo para alguns produtos brasileiros, respondeu pela implantação, nas regiões do oeste, de núcleos produtivos, também agrícolas e agroindustriais, para a produção de soja (ou do complexo soja-trigo) e derivados (principalmente na região de Marília), de laranja, limão e seus respectivos sucos concentrados (especialmente na região de São José do Rio Preto), de rebanhos bovinos, aves e respectivas carnes frigorificadas (em todas as regiões do oeste), etc.

No setor industrial, as principais medidas de política de incentivos foram de natureza local e concretizaram-se na verdadeira proliferação de Distritos Industriais que ocorreu nos principais centros urbanos regionais do oeste e do restante do estado nos últimos quinze anos. Nas regiões do oeste (ao contrário de outras, como Campinas, particularmente) esta política municipal, em termos gerais, respondeu mais pelo reordenamento da localização espacial das plantas industriais locais e apenas em poucos casos pela atração efetiva de novos empreendimentos industriais para os municípios.

Em suma, nos últimos vinte anos consolidaram-se importante centros urbanos regionais no oeste do estado. Trinta e seis municípios abrigavam, em 1980, mais do que 20 mil habitantes. Diversas dessas cidades, em especial as sedes regionais e algumas sub-regionais, já apresentavam em

1989-90, estruturas de oferta de serviços urbanos de maior grau de complexidade, diversificação ou sofisticação.

Em contrapartida tais cidades viram-se impelidas a enfrentar crescentes problemas relacionados às defasagens entre a intensidade do ritmo da urbanização e a capacidade efetiva do crescimento da oferta de serviços, em especial os de natureza pública ligados à Educação, Saúde e Saneamento Básico, além dos problemas criados, de imediato, pela carência de moradias, especialmente para a população de renda mais baixa.

### CAPÍTULO 3: IMPACTOS DA DINÂMICA ECONÔMICA E DA URBANIZAÇÃO REGIONAIS SOBRE AS CIDADES DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO E ARACATUBA ENTRE 1970 E 1990.

O objeto da análise desenvolvida nesse capítulo é a evolução urbana dos municípios de São José do Rio Preto e Aracatuba, sedes de suas respectivas Regiões Administrativas, no período de 1970 a 1990.

A limitação do estudo da urbanização regional aos municípios-sedes, ou a não extensão da análise aos demais municípios das respectivas redes urbanas regionais, deveu-se a tres ordens principais de razões.

Em primeiro lugar, porque as principais informações utilizadas no capítulo foram frutos de pesquisa de campo levadas a cabo pelo autor nas Regiões Administrativas, especialmente nos seus municípios-sedes onde foi constatado que as redes urbanas regionais (notadamente a de Aracatuba) mantem relações de encadeamento espacial internas ainda menos diversificadas e menos complexas do que outras regiões do estado (a de Campinas, por exemplo), o que tornaria desnecessária ou dispensável a extensão do estudo para o conjunto do sistema de cidades da região.

Além disso, e correlatamente, a opção pela realização de estudos específicos das cidades-sedes

possibilitaria um exame mais objetivo e o mais completo possível da urbanização daqueles municípios que centralizam, com peso proporcionalmente muito grande (especialmente São José do Rio Preto), a oferta dos principais serviços urbanos regionais.

Finalmente, porque um estudo completo sobre as redes urbanas dessas duas Regiões Administrativas demandaria muito mais tempo e recursos, necessários para a tarefa, o que extravasaria os limites de uma dissertação de mestrado.

Face aos objetivos expostos, o presente capítulo foi dividido em duas seções. Em cada uma delas será feita, de início, a caracterização geral da cidade e dos principais aspectos da sua inserção regional; em seguida serão abordadas, a partir de procedimentos metodológicos semelhantes, as principais características da urbanização recente nas cidades de São José do Rio Preto e de Aracatuba.

### 3.1. São José do Rio Preto: avanço do processo de urbanização na maior cidade do oeste paulista.

O intenso dinamismo das atividades agropecuárias e agroindústrias que caracterizou a Região Administrativa de S.J. do Rio Preto nas últimas décadas, vem impactando de forma crescente a cidade de São José do Rio Preto.

Tais impactos geraram, de um lado, a intensificação do crescimento e modernização da cidade, no

sentido de atender a uma demanda crescente e diferenciada de produtos e serviços que parte não só do próprio município de Rio Preto, como também de um grande número de outros municípios da sua própria Região, de Regiões Administrativas vizinhas e de estados vizinhos.

De outro lado, a modernização da cidade também pode ser vista no sentido dos "modernos" problemas que ela passa a enfrentar ao nível das carências crescentes nas áreas de habitação, saneamento, transportes, suprimento de água, de energia elétrica, etc. Tais problemas decorrem do enorme afluxo de pessoas que chegam em busca de usufruir do dinamismo econômico da cidade e da região e que acarretam um enorme crescimento da população urbana, especialmente da cidade de Rio Preto mas também, em menor grau, como já foi comentado, de algumas das outras principais cidades da região.

Isso pode ser constatado observando-se a dinâmica populacional no período de 1970 a 1980, quando o município de São José do Rio Preto aumentou sua população a uma taxa cerca de seis vezes maior do que a taxa de crescimento da população total da sua própria Região Administrativa, que, por seu turno, cresceu a uma taxa modesta mas superior (quase três vezes) à do crescimento da população do conjunto das regiões do oeste paulista.

Evidentemente, esse processo não transcorreu de forma harmônica e isento de problemas e contradições. Ao nível do planejamento municipal, em diagnóstico elaborado no

início dos anos oitenta pelo poder público municipal, dizia-se que: "Podemos configurar a atual crise urbana de São José do Rio Preto em quatro níveis fundamentais: 1. o progressivo empobrecimento da população de baixa renda habitante da cidade que, mesmo localizando-se nas áreas periféricas vê-se constrangido a empregar parte significativa de seus vencimentos no pagamento de uma habitação; 2. o movimento demográfico, que continua a encaminhar para a cidade mão-de-obra que não consegue fixar-se; 3. a expansão industrial que poderá enfrentar a escassez de mão-de-obra e 4. a especulação imobiliária que concorre para o agravamento dos três níveis anteriores". Em seguida, abordando a questão dos migrantes que então demandavam a cidade de Rio Preto, "(...) é de supor-se que esses trabalhadores, ao demandarem São José do Rio Preto, tivessem a intenção de fixar-se na cidade. Entretanto, como as entidades de Assistência Social não possuem a mínima infra-estrutura para acomodar os migrantes até que eles consigam moradia e trabalho, sua atuação limita-se à orientação e fornecimento de passagens para um outro destino que o indivíduo deseje alcançar".<sup>(24)</sup>

Tratando-se da citação de um documento oficial da Administração Pública Municipal da época, os trechos acima, são bastante elucidativos do impacto causado pela intensidade do processo de urbanização na cidade de Rio Preto nos anos setenta e oitenta.

<sup>(24)</sup> São José do Rio Preto, Prefeitura Municipal (1981).

Cabem alguns comentários adicionais neste tópico a respeito da gestão do intenso processo de urbanização ocorrido em S.J. do Rio Preto, cujo impulso principal deu-se a partir dos anos setenta.

Em primeiro lugar, recorde-se que as suas raízes estão relacionadas com o fato da cidade de São José do Rio Preto constituir-se, pelo menos desde a década de vinte, e, principalmente, a partir dos anos cinquenta, no centro urbano que "polarizou" o movimento econômico global de uma extensa região, com um grande dinamismo agropecuário e mais recentemente também agroindustrial.

Os rebatimentos urbanos deste processo sobre a cidade foram crescentes e isto acabou por desenvolver um padrão de urbanização semelhante ao dos maiores centros urbanos do estado e do país, e assentado em dois fundamentos básicos. De um lado, o processo de periferização, cuja marca principal é a proliferação de loteamentos populares na periferia da cidade para a localização da população de baixa renda e que, em Rio Preto, teve sua condução a partir dos anos oitenta vinculada a uma política oficial do município e comandada diretamente pela Prefeitura Municipal. De outro lado, gerido pelo Capital Imobiliário, principalmente local, está o processo de adensamento e verticalização da ocupação da área central e regiões contíguas. <27>

A intervenção do Poder Público na ordenação da ocupação da periferia da cidade de S.J. do Rio Preto parece

<27> Ver Vasconcelos, Luiz A.T. (1990a).

estar contribuindo para conter ou pelo menos controlar uma situação potencial de "caos urbano". Os principais aspectos da urbanização nos últimos vinte serão vistos a seguir.

### **3.1.1. Processo recente de urbanização**

Este tópico pretende abordar as principais características e consequências do acelerado processo de urbanização que ocorreu na cidade de Rio Preto, a partir do final da década de sessenta e início dos anos setenta, mostrando, de um lado, a evolução física da ocupação urbana através da utilização das informações do sensoriamento remoto e, de outro, a situação atual da oferta dos principais serviços modernos na cidade, usando para isso informações colhidas por pesquisa direta na cidade de Rio Preto. <sup>(22)</sup>

#### **a) Evolução econômica e rebatimentos urbanos**

Uma rápida revisão das questões levantadas nos tópicos anteriores aponta que, o que interessa reter para a análise que se pretende desenvolver nesta seção, é o conceito de "centro" urbano regional. O fato da cidade de São José do Rio Preto constituir-se atualmente no principal centro urbano do Oeste paulista, transformou-a num "centro"

<sup>(22)</sup> Levantamento efetuado pelo autor no mês de julho de 1990, cujo relatório consta em Vasconcelos, Luiz A.T. (1990h).

regional diferenciado cuja área de influência econômica e de atração migratória abrange municípios de regiões próximas e de estados vizinhos de São Paulo, como já foi visto.

Isso significa que criou-se um processo recorrente onde a cidade, face à crescente demanda (fruto do dinamismo agropecuário e agroindustrial) da sua também crescente área de influência, diferencia a oferta de produtos e serviços, e esta oferta diferenciada acaba por acentuar o papel de "centro" regional, o que pode ampliar e intensificar a influência econômica por ela exercida.

Este processo tem sido viabilizado e facilitado no caso de Rio Preto e de vários outros "centros" regionais do estado, pela ação de sucessivos governos principalmente através da implantação do sistema viário estadual. Rio Preto liga-se à Campinas e a Capital paulista pelo complexo Washington Luiz, Anhanguera-Bandeirantes, a Barretos, São Joaquim da Barra e sudoeste de Minas Gerais pela SP-425; ao sul de Goiás e à capital desse estado pela BR-153; ao norte do Paraná, também pela BR-153; ao nordeste do Mato Grosso do Sul pela Washington Luiz (SP-310); ao oeste do estado de São Paulo, na margem esquerda do Tietê, pela rodovia SP-425; até Rubinéia, pela Rodovia Euclides da Cunha (SP-320). Ademais, por uma verdadeira teia de estradas vicinais e secundárias, como já foi comentado, a cidade de Rio Preto está ligada às cidades de sua própria Região Administrativa, de regiões próximas e de estados vizinhos.

Por outro lado, o desenvolvimento da rede de cidades da região de São José do Rio Preto foi fazendo surgir outros centros urbanos que constituíram-se em "centros" sub-regionais que embora absorvam uma parte das funções do centro urbano principal, acabam intensificando suas relações econômicas com ele, através do aumento da demanda por alguns produtos ou serviços cuja escala ou nível de sofisticação ainda não se compatibilizaram com o porte do centro urbano secundário. Há vários exemplos destes centros secundários na região de Rio Preto, destacando-se entre eles as cidades de Catanduva, Votuporanga e Fernandópolis, municípios de grande dinamismo econômico e populacional e com altas taxas de urbanização: entre 86% e 91% em 1980, e, estimativamente, entre 93% e 94% em 1990. Outro exemplo é a cidade de Mirassol próxima (17 quilômetros) à sede regional, e que é um sub-centro importante principalmente em função da sua especialização industrial no ramo do Mobiliário.

Em suma, é este papel de principal centro urbano regional que diferencia a cidade de Rio Preto e que explica, em princípio, o ritmo intenso do seu processo de urbanização, ritmo este que foi reciclado, recorrentemente a partir dos anos sessenta, pela intensificação da dinâmica econômica da regional.

Vejamos alguns dos principais efeitos desse processo sobre a cidade de Rio Preto, entre 1970 e 1990.

## b) Evolução físico-territorial e do uso e ocupação do solo

As informações obtidas via sensoriamento remoto permitem verificar que nos quinze anos que vão de 1974 a 1989, a mancha urbana cresceu quase três vezes, evoluindo de 2,6 mil ha para cerca de 6,8 mil ha. O principal impulso ocorreu entre 1974 e 1980, período no qual a área urbana dobrou de tamanho<sup>(29)</sup>.

A forma de expansão aproximadamente radial-concêntrica caracterizou o crescimento físico da cidade até meados da década de oitenta. A partir daí e, principalmente, de 1980 em diante, surge uma tendência de concentrar relativamente o crescimento urbano no setor Norte e Noroeste da cidade, em função da localização sucessiva nestas áreas dos chamados loteamentos populares, como por exemplo os loteamentos já formados do Solo Sagrado, Solo Sagrado I e II, e pelo menos mais dois em fase de implantação ainda mais ao Norte. Outro exemplo está na localização de Conjuntos Habitacionais também nesta ampla área da cidade, como são os casos dos conjuntos São Deocleciano I, II e III, com mais de 1500 casas no total, do conjunto Castelinho e do Bosque da Felicidade, entre outros.

Outra direção importante da expansão da área urbana é a da faixa Sudeste-Sudoeste, que pode ser subdividida em dois trechos. Um deles, mais populoso e com ritmo de crescimento mais intenso corresponde ao Sudoeste e

<sup>(29)</sup> O que, proporcionalmente, em relação à área total do município (586 km<sup>2</sup>) representou um crescimento da mancha urbana de 4,4% para 11,6% do território municipal.

o outro corresponde à faixa Sul-Sudeste, com ocupação mais recente, menos intensa e predominantemente formada por condomínios horizontais e por loteamentos com terrenos de áreas unitárias mais elevadas.

O processo de periferização da cidade de São José do Rio Preto ao longo dos anos setenta e até meados da década de oitenta, deu-se de maneira semelhante ao da maioria dos centros urbanos em rápida expansão no país: em primeiro lugar, como um processo de alocação da população de baixa renda; em segundo lugar como um mecanismo de alargamento do perímetro urbano pela incorporação de novas e amplas faixas de terra urbana (e aí, não necessariamente dirigida à formação de bairros pobres) e, finalmente, como um artifício para a criação de novas áreas de valorização especulativa da terra urbana, os chamados "vazios urbanos" que são áreas intersticiais beneficiadas pela extensão da implantação dos principais serviços públicos às novas zonas periféricas da cidade.

Além dos vazios urbanos o processo de periferização e extensão do perímetro urbano gerou na cidade uma enorme disponibilidade de terras, já loteadas, no interior da área urbana. Assim, em 1988, conforme os dados do Cadastro de Imóveis para o lançamento do IPTU da Prefeitura Municipal, 38% dos lotes estavam disponíveis para edificações. <44>

<44> Ver Vasconcelos, Luiz A.T. (1990a) p.24 e 25.

Este processo manifestou-se de formas distintas no período analisado. No início dos anos setenta, a periferia da cidade de S.J. do Rio Preto, correspondia, principalmente, a uma franja formada por conjuntos habitacionais destinados à população de renda média-baixa, franja esta que se estendia na faixa Noroeste-Nordeste da cidade; estes conjuntos habitacionais foram executados tanto por loteadores-construtores particulares como pelas Cooperativas de Habitações Populares não obedecendo a nenhuma política específica de ocupação da cidade.

Atualmente, a periferização ainda ocorre predominantemente na faixa Noroeste-Nordeste mas agora dentro de uma política de ocupação explícita e comandada pelo Poder Público Municipal. A forma de periferização atual desta área consiste na grande concentração de loteamentos populares, destinados exclusivamente à população de baixa renda, e executados através do processo de auto-construção.

A implantação e o desenvolvimento destes loteamentos populares compõem entre outros programas a chamada Política Municipal de Desenvolvimento Habitacional. A emissão desta política na forma de lei em dezembro de 1988, pode ser vista como uma etapa avançada de um processo que se iniciou em 1979 com a criação da EMCOP-Empresa Municipal de Construções Populares, que coordena desde então, as ações que se sucederam na área de Habitação Popular no município.

Esta política abrange o desenvolvimento dos seguintes programas: Programa Nossa Terra, que oferece moradia para a população com renda até cinco salários mínimos e que envolve a criação dos chamados loteamentos populares, visando, além do acesso à terra e à habitação para o segmento da população não abrangido pelo SFH, evitar a maior favelização da cidade; Programa de Desfavelamento; Programa Caixa Econômica, COHAB's e CDH, que são dirigidos à população com renda até sete salários-mínimos e que objetiva a ocupação racional dos vazios urbanos e a aproximação dos trabalhadores ao seu local de trabalho; finalmente, programas alternativos que visam estimular a população e a sociedade a desenvolverem novas formas de construção, associação e participação comunitária, bem como ao aproveitamento e racionalização da ocupação dos espaços urbanos<sup>44</sup>.

Outro fenômeno a destacar é o adensamento da ocupação do Centro da cidade, que intensificou-se a partir de meados da década de setenta com predominância das funções comerciais e de serviços. Quanto ao processo de verticalização, o impulso mais importante deu-se entre 1980 e 1987, principalmente entre os anos de 1981 e 1985. A área de maior intensidade deste processo está situada no quadrilátero que contém o Centro e o bairro de Vila Redentora, entre outros bairros menores. Há outras concentrações de edifícios menores (com três pavimentos)

<sup>44</sup> Vasconcelos, Luiz A.T. (1990a) p.31 a 37.

situadas, principalmente na região Sul-Sudoeste, nas marginais de ambos os lados da rodovia Washington Luiz.

Quanto à distribuição espacial da população por faixa de renda, cabe destacar que a população pobre da cidade está sendo alocada (através dos programas públicos de loteamentos populares e de auxílio à auto-construção) quase exclusivamente, a partir de 1986-1987, na região Norte da área urbana, numa ampla franja periférica limitada pelos eixos Noroeste e Nordeste a partir do Centro.

Assim, a região Norte da cidade consolidou-se nos últimos vinte e cinco anos, como área privilegiada de ocupação por parte da população mais pobre da cidade.

Por outro lado, a população de renda alta e média-alta tem se localizado numa área que abrange alguns setores da região central da cidade e do bairro da Redentora. Mais recentemente, esta parcela da população também vem ocupando uma extensão deste setor, para além da rodovia Washington Luiz, na faixa Sudoeste-Sul, dentro de um trecho limitado pelos prolongamentos das avenidas A. Andaló e B. Bassitty. Resta ainda a área do bairro de Santa Cruz e vizinhanças, bairro considerado o mais antigo da cidade e que apresenta o melhor padrão de habitação, ainda hoje ocupada de forma predominante pela população de renda média e média-alta.

Quanto à localização das atividades econômicas urbanas, ressalte-se que o principal pólo de comércio e serviços está contido num quadrilátero limitado ao Norte pela Av. B. Bassitty, ao Sul pela Av. A. Andaló, a Oeste

pela Av. V. Filizola (marginal à rodovia Washington Luiz) e a Leste pela R. Pedro Amaral. Este quadrilátero abrange os bairros do Centro, V. Redentora, V. Imperial, V. Bancária e V.N.Sa. de Fátima. No bairro do Centro, principalmente no entorno (três ou quatro quarteirões quadrados) da Catedral, onde está o chamado "calçadão", estão localizadas as atividades de comércio e serviços em geral, desde grandes lojas até boutiques e joalherias mais sofisticadas e pequenos serviços.

As atividades de comércio e serviços mais pesados, como por exemplo, auto-peças, implementos agropecuários, consertos e reparações de veículos, que se instalaram neste pólo principal, situam-se principalmente na Av. B. Bassitty e na Av. V. Filizola, enquanto as atividades de comércio e serviços mais leves ou mais sofisticadas, incluindo boutiques, restaurantes, chopperias, etc., tem-se localizado mais recentemente na Av. A. Andaló.

Há ainda três pólos secundários de comércio e serviços que não se caracterizam estritamente como "comércio ou serviço de bairro", embora situados fora da área central da cidade. O primeiro deles que abrange predominantemente serviços pesados, na área de reparações e consertos, está situado na região dos bairros no Maceno e Anchieta, ao longo, principalmente, das duas grandes avenidas, paralelas e contíguas, no sentido Centro-Nordeste, a Av. N.Sa. da Paz (que é uma continuação da R. Bernardino de Campos) e da Av. Coutinho Cavalcanti (que é um prolongamento da R. Gen.

Glicério). O segundo pólo está situado na região dos bairros da Boa Vista e Pq. Industrial, concentrado nas ruas Prudente de Moraes e Siqueira Campos e representa uma espécie de "transbordamento" para o Norte, numa área vizinha ao Centro, de atividades de comércio e serviços com localização necessariamente mais central. Finalmente, o terceiro pólo secundário de comércio e serviços está situado na região Sul-Sudoeste, principalmente ao longo da Av. Brigadeiro Faria Lima (continuação da R. Bernardino de Campos), onde estão localizadas atividades comércio de móveis, confecções, etc. e onde também está situado o único ponto comercial "nobre" fora da área central, que é o "Rio Preto Shopping Center".

Quanto aos pólos industriais, a partir do início da década de setenta com a criação do Distrito Industrial I, localizado a Noroeste da área urbana (então na periferia desta área), foi aí incentivada a alocação tanto das empresas industriais já instaladas na cidade como das novas empresas implantadas no município. Atualmente, a cidade conta, além deste primeiro Distrito Industrial, com mais um Distrito em fase de projeto de implantação e localizado numa área na mesma região do primeiro mas do outro lado da rodovia Washington Luiz, além de mais cinco Mini-Distritos Industriais localizados no entorno de grandes áreas residenciais da população de baixa renda. <sup>(42)</sup>

<sup>(42)</sup> O chamado Mini-1 está localizado ao lado do bairro Cristo Rei (a Leste), o Mini-2 e o Mini-3, situados ao lado do bairro João Paulo II (ao Norte) e os Mini-4 e Mini-5 localizados próximos aos conjuntos Solo Sagrado, Solo Sagrado I e II, na faixa Norte-Noroeste.

Ressalte-se que, embora a localização industrial na cidade ainda não esteja, exclusivamente, nos Distritos e Mini-Distritos industriais já é bastante significativo o número de empresas que aí se alocaram. Essa diversificação de áreas para localização industrial existente em S.J. Rio Preto, principalmente os Mini-Distritos fazem parte de uma política municipal, já definida, cujo objetivo explícito é "aproximar" os trabalhadores de seus postos de trabalho, através de áreas industriais, comerciais (atacados, depósitos) e serviços (reparos, consertos, etc.) ao lado de bairros que concentram a população trabalhadora, ou ainda, como no caso do Distrito Industrial os trabalhadores são alocados, via política municipal, na proximidade destas áreas em que se concentram as empresas através da criação de novos bairros populares.

- Principais indutores da ocupação e do crescimento da área urbana

Os comentários que se seguem, a respeito do desenvolvimento da infra-estrutura da expansão urbana ocorrida a partir dos anos setenta, foram baseados em entrevistas com técnicos da Prefeitura Municipal de S.J. do Rio Preto<sup>42</sup>.

<sup>42</sup> Foram entrevistados o engenheiro José A. Colombo Jr., coordenador de projetos da Secretaria do Planejamento e o arquiteto Milton Faria de Assis Jr., diretor do Departamento de Trânsito da Secretaria dos Transportes.

Quanto ao desenvolvimento do sistema viário da cidade de S.J. do Rio Preto, ele foi se moldando a partir dos obstáculos que a cidade encontrou para o seu crescimento. Os obstáculos remotos foram os dois córregos afluentes do rio Preto, o córrego Canela e o córrego Borá, que limitaram até meados dos anos sessenta e início dos anos setenta a expansão da área urbana para o Sudeste (o córrego Canela) e para o Noroeste (o córrego Borá).

Com o aprimoramento das funções de "pólo" regional que a cidade de S.J. do Rio Preto desempenhou desde seu surgimento e que, como foi visto, acentuou-se intensamente dos anos setenta em diante, foi necessário criar condições de expansão nestas direções e assim, os dois córregos foram canalizados e cobertos por duas grandes avenidas, a av. A. Andaló (sobre o Canela) e a Av. B. Bassitty (sobre o Borá).

No sentido Nordeste, os obstáculos eram o Rio Preto e a ferrovia e no sentido Sudoeste a rodovia Washington Luiz, que só foi rebaixada no início dos anos setenta.

O crescimento da cidade ao longo da década de setenta acabou por criar problemas de estrangulamento da circulação na sua área central. Assim, em 1979, mesmo sem fazer nenhuma grande obra viária, mas fazendo modificações conceituais importantes no sistema de circulação do centro e dos bairros mais próximos, conseguiu-se superar um problema grave na época, que era atravessar o Centro da cidade. Foi criada a chamada avenida "Sudeste-Noroeste" através da

criação de corredores preferenciais de circulação nesta direção de maior movimento. Nestes corredores, formados por seis vias paralelas, foram introduzidos semáforos com onda verde e duas faixas de circulação com permissão para estacionamento de um só lado <sup>44</sup>.

Esta solução conceitual acabou por viabilizar a modernização do método de circulação de pessoas e veículos na área central, com a implantação do chamado "calçadão", que abrange cerca de quatro ou cinco quarteirões quadrados no entorno da Catedral, e foi criado em várias etapas entre os anos de 1979 e 1982. É evidente que a facilidade de circulação nesta área que concentra as atividades de comércio e serviço da cidade traz efeitos positivos sobre a dinâmica destas atividades nesta área.

A complementação do anel viário citado depende agora de uma obra de grande dimensão que implicaria em desapropriações. <sup>45</sup>

Mais recentemente, a avenida marginal de fundo de vale no córrego Piedade (a Noroeste) funciona como uma espécie de anel viário intraurbano. <sup>46</sup> Este sistema tem

<sup>44</sup> As ruas Pedro Amaral, Prudente de Moraes, Silva Jardim, Mal. Deodoro, Independência e Saldanha Marinho. Foi criado também um anel que contornasse o Centro e evitasse seu congestionamento. Para completar este anel foi feito um acerto na saída do viaduto da Av. A. Andaló, na R. Philadelpho Correa Neto, perto do Palácio das Águas, com a construção de uma ponte que desembocasse o tráfego do lado direito da Av. A. Andaló.

<sup>45</sup> Esta obra se refere a uma "alça", que a partir do viaduto Jordão Reis (que liga a área central ao setor dos bairros Maceno e Anchieta, sobre o rio Preto e a ferrovia) passe a ligar a Av. B. Bassitty com a Rua P. Correa Neto, fechando então o circuito que desvia a circulação do centro da cidade.

<sup>46</sup> Esta marginal com duas pontes, uma sobre o Rio Preto e outra sobre o córrego Piedade, dá sequência à ligação da Rua P. Correa Neto com a antiga estrada Boiadeira que sobe em direção ao loteamento João Paulo II, ao Jd. Jaguaré e a V. Clementina e sai na Av. Danilo Galleazzi, que também recentemente teve executada sua duplicação e pavimentação até a rodovia BR-153, saída para Nova Granada, no setor Norte da cidade.

viabilizado a intensa ocupação, já citada, das áreas Norte e Noroeste, através inclusive da política de Habitação de Poder Público Municipal.

Além da expansão e melhoria de qualidade do sistema viário descrita até aqui, é importante destacar também o papel indutor exercido pelo sistema de abastecimento de água da cidade. A captação da água consumida na cidade é feita na represa nova (no rio Preto, na zona Sul da cidade) e responde por cerca de 60% do total do abastecimento. O restante da água consumida na cidade é obtida de poços profundos e semi-profundos, sucessivamente implantados nos últimos quinze anos.

Finalmente, cabe destacar o papel importante que tem desempenhado em S.J. do Rio Preto, o Poder Público Municipal, no ritmo e na forma de expansão urbana do município. Mais recentemente, a partir de meados dos anos oitenta, este papel indutor acentuou-se ainda mais em função da Política Habitacional do Município regulamentada e baseada no conceito de "loteamentos populares" já referido.

#### **- Tendências de crescimento da área urbana**

O forte dinamismo econômico da Região de São José do Rio Preto, tem sustentado a dinâmica urbana mesmo ao longo dos períodos de estagnação econômica que tem marcado o país e o estado de São Paulo. É de se esperar que as funções de principal centro urbano regional desempenhadas pela cidade

de S. José do Rio Preto sejam ainda mais acentuadas, quer a crise econômica se agudize, hipótese em que os grandes centros urbanos regionais devem sentir o principal impacto do afluxo populacional, quer na hipótese da recuperação econômica, quando o dinamismo da região voltará a atuar de forma intensa.

A partir destas hipóteses, que acabam por gerar consequências semelhantes para a cidade de Rio Preto - pois o que se pode esperar é continuidade do afluxo de imigrantes de baixa renda -, foram avaliadas as principais tendências do crescimento da área urbana de S.J. do Rio Preto.

Assim, o principal vetor de expansão da área urbana de S.J. do Rio Preto está situado nas áreas Norte e Noroeste da cidade, precisamente onde estão localizados os bairros que abrigam a população de renda mais baixa e onde o processo de ocupação recente tem sido feito, predominantemente, através dos chamados loteamentos populares.

A região Sudoeste também deve continuar crescendo, mas seu peso na expansão total deverá ser muito pequeno, em função das características da população que a ocupa. Também a faixa Sul-Sudeste apresenta potencial de expansão reduzido pois estão aí localizados os mananciais (o Rio Preto e vários córregos afluentes) que tendem a ser preservados, pois o próprio Poder Público Municipal tem uma política para isso, através da criação de parques ecológicos, de lazer e

turismo, como é o caso do parque, já projetado, na represa velha.

### c) A evolução do Setor Terciário

Todo o dinamismo econômico regional que foi caracterizado e enfatizado ao longo deste texto e que rebate diretamente sobre os principais centros urbanos, e, com mais intensidade, sobre o centro urbano regional mais importante que é a cidade de S.J. do Rio Preto, pode ser melhor constatado quando se examinam as características dinâmicas e a estrutura do Setor Terciário riopretense.

Em primeiro lugar, com os dados disponíveis sobre a distribuição da População Economicamente Ativa (P.E.A.) do município pelos setores de atividade econômica, para os anos de 1970 e 1980, observa-se que no seu conjunto a P.E.A. urbana do município saltou de 38 mil para 74 mil passou entre 1970 e 1980. O número de pessoas ocupadas no Terciário em S.J. do Rio Preto cresceu de cerca de 30 mil em 1970 para 53 mil em 1980, apresentando uma taxa de expansão notável de 73,7%, ou cerca de 5,7% ao ano no período. Essas cifras superou o crescimento correspondente da população total, da população urbana, da PEA do Setor Primário e, são inferiores apenas ao crescimento da PEA do Setor Secundário da cidade que apresenta uma taxa de crescimento extremamente elevada (cerca 10,8% ao ano) graças ao desempenho formidável do emprego tanto da Indústria de Transformação (que cresce

11,7% ao ano) quando da Construção Civil (que cresce 9,5% ao ano). De qualquer forma este desempenho do Setor Secundário em termos de emprego, gera, como se sabe, efeitos sobre o Setor Terciário criando espaço para sua nova expansão como de fato ocorreu em S.J. do Rio Preto neste período.

Em termos da sua estrutura, como já foi observado, há indicações entre 1970 e 1980, de que as atividades consideradas mais modernas, principalmente no Subsetor Serviços, tenham aumentado sua importância relativa no conjunto do emprego do Setor Terciário. Assim, ganharam dinamismo no período, os serviços de Crédito, Capitalização e Comércio de Valores (que cresceu 159% e empregava 2,5 mil pessoas em 1980), de Saúde Particular (254% e 2,7 mil pessoas), de Higiene Pessoal e Alimentação (167% e 2,6 mil pessoas), Serviços Técnicos (93% e 1,8 mil pessoas) e de Ensino Particular (223% e 0,9 mil pessoa), entre outros.

Por outro lado, em termos da sua organização e distribuição espacial há dois fenômenos que marcaram o desenvolvimento das atividades de comércio e de serviços na cidade ao longo dos anos oitenta. O primeiro se refere às transformações do núcleo principal de comércio da área central, com a construção do chamado "calçadão", cuja implementação consolidou-se em 1982, ocupando ampla área do centro da cidade e dinamizando, agilizando e modernizando a forma de circulação comercial nesta área.

O segundo ocorre mais recentemente, em 1987 e 1988 com a construção e instalação, na Zona Sul da cidade,

distante cerca de cinco quilômetros do núcleo comercial central, do primeiro "Shopping Center" da cidade.<sup>47</sup> As lojas aí alocadas, são em geral, pequenas, (exceto a "âncora" e o Supermercado) predominando os ramos de roupas, calçados e presentes; o "mix" de lojas é, portanto, incompleto; a clientela é regional, abrangendo inclusive cidades fronteiriças de estados vizinhos, tais como Minas Gerais e Mato Grosso do Sul.

Em termos das principais atividades comerciais e de serviços cabe destacar o que se segue:

- Há trinta e dois estabelecimentos denominados de "Supermercados". Os mais importantes são os seguintes: Comercial Gentil Moreira (três estabelecimentos, no Centro, Boa Vista e Shopping Center); Se, Com. Imp. S.A. (Redentora) Dias Pastorinho (Centro), C.B.D. - grupo Pão de Açúcar (Redentora), A. Pires e Irmãos (Centro), Catricala e Cia. Ltda. (dois estabelecimentos no Parque Industrial e Estoril); Lojas Americanas (dois estabelecimentos no Centro e no Shopping); Lusitana (Redentora).

- Há cerca de vinte e cinco hotéis em S.J. do Rio Preto, sendo dois classificados como "confortáveis" (Nacional, no Pq. Com. Daud e Grand Rio Park, no centro); três como "médio conforto" (Augustus, Vila Real e Anajá,

<sup>47</sup> Construído e administrado pela empresa Jalemi - Jales Empreendimentos Imobiliários Rio Preto, pertencente a uma família local, que é proprietária das terras nas vizinhanças, inclusive uma fazenda que faz limite com um trecho do setor Sudoeste da cidade. Dispõe de sessenta lojas, várias das quais são franquias (como por exemplo a Samelo, a Fotóptica, etc.), dispõe de uma loja "âncora", a "Lojas Americanas" (que já existia na cidade na área central e abriu mais uma no Shopping) e um Supermercado, "Casa Moreira", pertencente a uma rede regional administrada pela empresa Comercial Gentil Moreira que dispõe de dois outros estabelecimentos na cidade, nos bairros do Centro e da Boa Vista.

todos no centro); quatro como "simples" (Chamonix, Itamarati, e Metrópole no centro e Globo Rio na V. Redentora) e mais dezesseis classificados como "muito simples" ou sem especificação.

- Há cerca de oitenta estabelecimentos enquadrados como Restaurantes, sendo três chamados de "confortáveis" (Mix, Due Fratelli e Bambina, no centro); oito como "simples" (Ying Choi, Mezzo a Mezzo, Gaucha, San Remo e Kiberama, no centro, e o Costelão na Boavista, Chopim no bairro São João e Paiol no Jd. Alto Alegre) e mais cerca de setenta estabelecimentos sem especificação de classe.

- Trinta e cinco instituições financeiras atuam na cidade de S.J. do Rio Preto incluindo duas agências de Bancos estrangeiros, o Banco de Boston e o Citibank. As instituições com o maior número de agências são as seguintes: Caixa Econômica Estadual com quatro agências, a Caixa Econômica Federal, o Banco do Brasil e o Bradesco com três, o Bamerindus, Itaú, Real e Banespa com duas.

- Há cerca de 2.003 leitos hospitalares em Rio Preto, sendo 350 pertencentes ao Hospital Universitário (Hospital de Base) e 197 do Hospital Psiquiátrico "Bezerra de Menezes", sendo os demais distribuídos entre outras sete instituições hospitalares. Na área de saúde há ainda três unidades de pronto-socorro com atendimento odontológico, três unidades de medicina social com atendimento odontológico, treze laboratórios para exames clínicos gerais, doze laboratórios de prótese, um centro de

estimulação, um ambulatório de saúde mental, dois gabinetes odontológicos em creches e três unidades volantes odontológicas. Destaque-se ainda neste tópico que S.J. do Rio Preto possui o terceiro centro cardiológico do Brasil, o IMC - Instituto de Moléstias Cardiovasculares que desde 1968 funciona atendendo pacientes do Brasil e do exterior. Ao todo, há cerca de 5.900 profissionais nas áreas de saúde em S.J. do Rio Preto, sendo cerca de 900 médicos, 1.300 dentistas e 2.700 entre enfermeiros, auxiliares de enfermagem e atendentes de saúde.

- Tem sede em S.J. do Rio Preto, uma importante rede regional de comércio de eletro-domésticos, a A. Mahfuz, de capital local, com oito lojas na própria cidade (sete nos calçadões do centro e uma no Shopping Center) mais cerca de vinte e duas nas cidades da Região Administrativa de S.J. do Rio Preto e mais setenta e oito espalhadas em municípios de mais de 100 mil habitantes nos estados de São Paulo, Paraná, Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. O grupo faturou cerca de 50 milhões de dólares em 1988.

- O projeto do Shopping Center Rio Preto, foi concebido em três etapas sendo que até agora, foram cumpridas duas. A terceira, prevista para implantação até 1991 corresponde à ocupação da área disponível de 17,5 mil metros quadrados, dentro dos 75 mil metros quadrados de área total; dobrar a capacidade de estacionamento que atualmente comporta cerca de 1,5 mil veículos e abrigar ao todo 150 lojas e a "âncora". O total de investimentos previstos é de

cerca de 26 milhões de dólares, com retorno estimado em dez anos a partir de 1989.

- Dezoito companhias operam o transporte rodoviário de passageiros em S.J. do Rio Preto. A mais importante, a Itamarati, é de capital local. O movimento de junho de 1990, mostra um intenso fluxo de passageiros atingindo o número de 177 mil embarcados, 164 mil desembarcados e 6 mil em trânsito, sendo que para as linhas internacionais ou intermunicipais estes números são respectivamente, 23 mil pessoas, 19 mil e 4 mil pessoas.

- A rede escolar, (pré-escola, 1º. e 2º. graus e supletivo) já mencionada, atendia em 1989 cerca de 106.586 alunos assim distribuídos: 5.543 em 279 classes da rede municipal, 88.992 em 2.752 classes da rede estadual e 12.051 em 418 classes da rede particular de Ensino.

- S.J. do Rio Preto dispõe ainda de oito Faculdades ou Institutos de Ensino Superior que forneceram em 1989, vinte e cinco cursos (23 de graduação e dois de pós-graduação) para cerca de 6,0 mil alunos.

Além disso, a cidade de S.J. do Rio Preto conta com um número significativo de estabelecimentos em áreas de serviços mais modernos tais como a de projetos de arquitetura e urbanismo, assessoria e consultoria técnica e econômica para as empresas, projetos e consultorias nas áreas de informática, engenharia industrial inclusive desenvolvimento agropecuário, etc., mantendo ainda intenso fluxo de relações comerciais e de serviços com outras

cidades da região, bem como as cidades de maior porte do estado de São Paulo.

Em suma, impulsionado e reciclado pelo intenso dinamismo econômico regional e pela crescente facilidade de acesso da região à cidade e das cidades para a metrópole e grandes cidades (como são os casos de Ribeirão Preto e Campinas) o processo de crescimento e modernização do Setor Terciário de S.J. do Rio Preto deu-se também de uma forma intensa, reforçando assim, cada vez mais, o seu papel de principal centro urbano de uma ampla área que ultrapassa os limites do estado de São Paulo.

### 3.2. Aracatuba : polo regional dinâmico com ritmo moderado de urbanização.

A dinâmica econômica, descrita em seus principais aspectos nos capítulos anteriores, acarretou consequências sobre os principais centros urbanos regionais dentre os quais destaca-se o município-sede, Aracatuba. O movimento populacional do município apresentou uma tendência, com sentido semelhante mas com intensidade mais reduzida, à dos grandes e mais dinâmicos, centros urbanos paulistas nos últimos vinte anos (entre 1970 e 1990): sua população total aumentou em cerca de 47 mil habitantes (1,8% ao ano), estimativamente, enquanto que cerca de 62 mil novos

habitantes (2,7% ao ano) alocaram-se na área urbana do município.

Dessa forma ao longo das décadas de setenta e oitenta, em termos gerais, o principal efeito observado no ritmo da urbanização da cidade de Araçatuba, foi o impacto do dinamismo agroindustrial na região de Araçatuba, segmento este que desempenhou importante papel na expansão da prestação de serviços urbanos complementares, especialmente de armazenagem, transportes, comercialização e financiamento, entre outros.

Embora com intensidade moderada, quando comparada com outras cidades da região oeste (como é o caso de São José do Rio Preto) ou de outras regiões (como Campinas, Ribeirão Preto, por exemplo), a cidade de Araçatuba atingiu o final da década de oitenta com uma grande diferenciação dos serviços urbanos, com uma ampla gama de setores de comercialização, destacando-se o comércio de bois e de insumos e equipamentos para a pecuária e com um setor de Construção Civil bem estruturado e articulado com variados setores da Indústria de Transformação.

Em seguida examinaremos os principais aspectos da evolução das funções urbanas no período recente.

### 3.2.1. Processo recente de urbanização

O objetivo deste tópico é examinar as principais características e efeitos do processo de urbanização da cidade de Araçatuba, processo este cujo ritmo é refreado a partir dos anos setenta, quanto tanto a população total quanto a urbana passam a crescer com menor intensidade do que as correspondentes para o conjunto do estado de São Paulo. Serão examinados a evolução física da ocupação através da utilização das informações do sensoriamento remoto e a estrutura atual do setor Terciário da cidade, especialmente a evolução recente da oferta dos principais serviços modernos, usando para isso as informações colhidas em pesquisa direta na cidade de Araçatuba<sup>(4a)</sup>.

#### a) Evolução Econômica e rebatimentos urbanos

Entre as principais questões levantadas neste texto até aqui, ressaltam aquelas que apontam o que é mais específico para a cidade de Araçatuba em relação ao conjunto do estado e especialmente face aos outros centros regionais do Oeste paulista.

Em primeiro lugar está a questão do ritmo de expansão urbana em função do papel de centro regional desempenhado pela cidade de Araçatuba e que resulta do grau

<sup>(4a)</sup> Levantamento efetuado pelo autor em julho de 1990.

de abrangência da área de influência e de atração migratória que a cidade exerce.

Face aos principais centros regionais mais próximos (São José do Rio Preto e Bauru, por exemplo) o peso de Araçatuba como polo urbano é menos intenso, principalmente a partir dos anos sessenta em diante. Isso significa que as demandas por serviços urbanos mais modernos, tanto aquela proveniente do dinamismo econômico da sua área de influência como a originada do seu dinamismo populacional urbano foram relativamente moderadas o que permitiu à cidade um ritmo de crescimento não explosivo no período recente.

Embora cortada por duas grandes rodovias pavimentadas, a SP 310 (rodovia Washington Luiz que termina em Ilha Solteira) e a SP 300 (rodovia Mal. Rondon que segue em direção ao estado do Mato Grosso do Sul) e algumas outras menores, como a SP 425 (que liga o Oeste paulista ao estado de Goiás ao Norte e ao estado do Paraná ao Sul), a SP 461 (que liga a cidade de Birigui ao rio Grande, no município de Cardoso) entre outras, a rede viária da região de Araçatuba é muito menos densa do que a das demais regiões do oeste paulista. Ressalte-se que, ainda ao nível do seu sistema viário, o município de Araçatuba poderá ser o principal centro urbano do oeste beneficiário da implementação do percurso final da hidrovia do Tietê.

Também no sentido de exercer poucas pressões sobre o ritmo do processo de urbanização da cidade de Araçatuba,

cita-se a dinâmica urbana das principais cidades da região. Como já foi visto, há uma relativa estagnação populacional no conjunto da região de Araçatuba. Exceto a própria cidade-sede e as cidades de Birigui, e Penápolis todas as demais cidades da Região, que em 1980 possuíam mais do que 20 mil habitantes (Andradina, Pereira Barreto, Guararapes e Mirandópolis) perdem população entre 1970 e 1980.

Isso tudo tende a atenuar relativamente (ou face ao centro urbano mais importante da região oeste - a cidade de São José do Rio Preto) o dinamismo urbano da cidade de Araçatuba, em que pese o ritmo intenso de seu processo de urbanização.

Vejamos em seguida alguns dos efeitos desse processo sobre a cidade de Araçatuba, entre 1970 e 1989.

#### **b) Evolução Físico-Territorial e de Uso e Ocupação do Solo**

As informações obtidas via sensoriamento remoto permitem verificar que a mancha urbana de Araçatuba cresceu cerca de 2,6 vezes entre 1974 e 1989, evoluindo de 2,3 mil ha para 5,9 mil ha. Para os períodos em que há medidas disponíveis (1974-1980-1985-1989) o principal impulso de expansão ocorre entre 1980 e 1985, quando a área urbana cresceu cerca de 72%.<sup>(49)</sup>

O município de Araçatuba era em 1989, em termos da dimensão física de sua área urbana, o segundo mais

<sup>(49)</sup> A área total do município alcança 2.668 km<sup>2</sup> o que significa que a mancha urbana, proporcionalmente aumentou de 0,9% para 2,2% do território municipal.

importante da porção Oeste do estado, sendo superado apenas por São José do Rio Preto. Isso ocorre em todos os momentos observados, exceto para 1980 quando o município de Marília (com 3,0 mil ha) apresentava uma área urbana ligeiramente superior à de Araçatuba (com 2,9 mil ha). Em 1989 a área urbana de Araçatuba estava cerca de 70% acima da área urbana de Presidente Prudente e 47% acima da correspondente área de Marília, representando ainda cerca de 86% da área urbana de Rio Preto.

O confronto dos dados de expansão da área urbana destes municípios com seus respectivos dados de evolução populacional no período, mostra que houve um crescimento desproporcional da mancha urbana de Araçatuba face ao crescimento demográfico ocorrido. Isso indica que houve, principalmente entre 1980 e 1985, um forte impulso da atividade especulativa com o solo urbano no município.

Por outro lado, a ocupação efetiva da área urbana de Araçatuba, em termos de densidades médias ou altas, correspondia em 1989 a apenas 34,3% do total, sendo que o restante era composto por 62,2% de áreas de baixa densidade ou de ocupação rarefeita e 3,5% de áreas industriais. A cidade, dentre os municípios-sedes das demais Regiões Administrativas do Oeste paulista, era então a que apresentava a menor proporção de densidades médias ou altas de ocupação de sua área urbana. Essa baixa ocupação efetiva da área urbana de Araçatuba é um dos indicadores da existência de "vazios" urbanos na cidade, fenômeno que como

se sabe, é um dos principais determinantes do processo de especulação com a terra urbana que ocorre nas principais cidades do estado e do país.

Até 1974, as direções de crescimento da cidade estavam contidas, predominantemente, numa ampla faixa limitada pelos eixos Centro-Noroeste e Centro-Sudoeste. Entre 1974 e 1980 a expansão urbana é relativamente pequena e se restringe a três áreas a Noroeste, uma pequena área a Sudoeste e uma outra bastante reduzida a Leste próxima região central da cidade.

No período de 1980 a 1985 o crescimento é bem mais intenso, como já foi visto, e se distribui, desta vez, de forma mais equitativa; ainda que predominem os eixos Noroeste, principalmente, e Sudoeste, já ocorre importante expansão das demais regiões da cidade, com destaque para a área contida na faixa Norte-Sudeste, além da ferrovia onde estão atualmente localizados os bairros de Jd. Alvorada, Jd. Umuarama, Jd. Pinheiros, Núcleos Pres. Castelo Branco e Taane Andraus e a Vila Aeroporto.

Mais recentemente, no período de 1985 a 1989 o ritmo da expansão da mancha urbana volta a arrefecer, sendo preenchido um "vazio" que formava uma franja cortando a cidade na direção Sudoeste-Nordeste, em toda a faixa Leste-Sudeste da área urbana.

Neste último período ainda, observa-se que o padrão de crescimento voltou a ser aproximadamente radial-concêntrico depois de ter ocorrido uma ocupação mais

concentrada espacialmente ao longo do período de 1974 a 1985. Entre 1974 e 1980 o crescimento urbano de Araçatuba concentrou-se mais nas áreas Norte-Noroeste-Oeste e entre 1980 e 1985 nas áreas Leste Norte-Noroeste.

Em termos de grau de ocupação da área urbana o núcleo central apresenta densidade média-alta enquanto a periferia é formada por inúmeras áreas de densidade de ocupação mais baixa intercaladas a outras com densidades mais elevadas e que correspondem, estas últimas, aos diversos Conjuntos Habitacionais instalados em Araçatuba; não há grandes áreas industriais na área urbana do município estando as principais empresas localizadas ao longo da rodovia Mal. Rondon, principalmente no sentido de Bauru, e, também em diversos bairros da cidade.

O padrão de uso do solo no entorno da área urbana é principalmente de pastagens, havendo também um pequeno número de áreas de cultivo de cana-de-açúcar.

Por outro lado, a forma assumida pelo processo de periferização na cidade de Araçatuba está relacionada com a construção, nas regiões periféricas, principalmente a partir de 1980, de Conjuntos Habitacionais dirigidos para a população de baixa renda. A observação da distribuição espacial destes Conjuntos mostra que, com a única exceção da faixa Sudeste-Sul da cidade, em todas as outras direções, a periferia vem sendo ocupada predominantemente por esta parcela da população. Não há, portanto, concentração espacial da população de baixa renda (como ocorre, por

exemplo, na cidade de Rio Preto), nem uma direção privilegiada de periferização via construção de Conjuntos Habitacionais populares.

Quanto à localização periférica de bairros dirigidos à população de renda mais elevada há uma única ocorrência em Aracatuba, na zona Sul com o bairro Jd. Nova York cujo limite ao Sul é a rodovia Mal.Rondon e ao Sudoeste é o córrego Baguaçu. Embora localizado no extremo Sul do perímetro urbano, está relativamente próximo ao núcleo central da cidade, e o seu desenvolvimento está totalmente limitado pela rodovia, pelo córrego Baguaçu e afluentes e, futuramente, pelo novo traçado da ferrovia Noroeste da Rede Ferroviária Federal que não mais atravessará a área central da cidade.

A distribuição da população por faixa de renda, classificada de acordo com os critérios utilizados pela CRHIS - Companhia Regional de Habitação de Interesse Social - pode ser vista no quadro no.1. O que observa-se, resumidamente, é que, em primeiro lugar, os bairros com predominância de moradores com renda mais elevada (média-alta ou alta) estão localizados na área central e proximidades. Deste conjunto o bairro mais distante é o Jd. Nova York, já comentado.

## Quadro no.3.2.1

Localização da população por faixa de renda em Araçatuba Número de Domicílios e de Habitantes - Dez- 1989.

| Faixa de renda da população | Localização      |                                   |
|-----------------------------|------------------|-----------------------------------|
|                             | Área             | Bairros(Dom.,pop.) <sup>(1)</sup> |
| Alta                        | Centro-Leste     | V.Mendonça (1273,5411)            |
|                             | Sul              | Jd.Nova York (617,2723)           |
|                             | Centro           | Centro (1147,4875)                |
|                             | Total(Dom.,Pop.) | (3037,12909)                      |
| Média-Alta                  | Centro-Oeste     | Higienópolis (489,2090)           |
|                             | Centro-SE        | Jd.Sumaré (802,3408)              |
|                             | Centro-Sul       | Jd.Bandeirantes (681,2894)        |
|                             | Total(Dom.,Pop.) | (1972,8392)                       |
| Média                       | Norte            | Ch.Versalhes (6,20)               |
|                             |                  | Ch.IV. (151,800)                  |
|                             | Nordeste         | B.Boa Vista (241,1024),           |
|                             |                  | S.Joaquim (910,3865)              |
|                             |                  | S.Vicente (485,2060)              |
|                             |                  | V.Carvalho (598,2540)             |
|                             | Oeste            | B.S.João (488,2074)               |
|                             |                  | Jd. Morumbi (184,782)             |
|                             | Sudoeste         | V.Estádio (392,1670)              |
|                             |                  | V.Sta. Maria (237,1010)           |
|                             | Sul              | V.S.Paulo (269,1148)              |
|                             | Total(Dom.,Pop.) | (3961,16793)                      |
| Média Baixa                 | Norte            |                                   |
|                             | Noroeste         |                                   |
|                             | Nordeste         |                                   |
|                             | Leste            | 32 bairros                        |
|                             | Sudoeste         |                                   |
|                             | Sudeste          |                                   |
|                             | Oeste            |                                   |
| Baixa                       | Norte            |                                   |
|                             | Noroeste         |                                   |
|                             | Nordeste         |                                   |
|                             | Leste            | 33 bairros                        |
|                             | Sudoeste         | sendo 10 Conjuntos                |
|                             | Sudeste          | Habitacionais                     |
|                             | Oeste            |                                   |
| Total(Dom.,Pop.)            |                  | (27526,115273)                    |

Fonte: Estatística Censitária de domicílio demográfico por bairro da cidade de Araçatuba - Assessoria de Planejamento e Controle - Prefeitura Municipal de Araçatuba - dezembro de 1989.

(1) Dom. = Número de domicílios e Pop. = Número de habitantes

Além disso, e como principal característica do município de Araçatuba em termos de localização da população conforme as faixas de renda, deve-se destacar o fato, já citado, de que a população de renda média-baixa e baixa não está concentrada de maneira significativa em nenhuma área periférica específica. Ao contrário, esta parcela da população de Araçatuba acha-se dispersa pelos quatro cantos da cidade e os bairros formados por Conjuntos Habitacionais populares desenharam um verdadeiro cordão que envolve a cidade, com a única exceção da faixa Sul-Sudeste.

O quadro no.3.2.2 ilustra o que foi dito. Cabe destacar que em 1990 pode-se estimar em cerca de 12% a participação dos Conjuntos Habitacionais no total da oferta de domicílios na cidade, estando em fase de acabamento cerca de duas mil habitações o que vai tornar ainda mais significativa a participação dos Conjuntos Habitacionais Populares na oferta de domicílios da cidade.

Isso pode ser explicado por várias razões. Uma delas é a ausência de um plano ou de políticas mais gerais de urbanização da cidade que impusessem a concentração espacial da alocação da população de baixa renda, como ocorre em outras cidades do estado. Outra razão é o fato de que as áreas industriais também não são espacialmente concentradas, o que viabiliza a localização dispersa de Conjuntos Habitacionais populares na cidade.

Ainda sobre os Conjuntos Habitacionais populares, ressalte-se que a sua existência, da forma como ocorre em

Araçatuba, constituiu-se num importante fator indutor e realimentador da expansão urbana e de atração migratória da cidade.

Por outro lado a formação de "vazios urbanos" como consequência do processo de periferização em Araçatuba é significativa. O principal indicador da intensidade deste fenômeno está na baixa proporção de áreas densamente ocupadas verificada nos levantamentos por sensoriamento remoto já citados. As implicações dos vazios urbanos nas cidades são, como se sabe, de um lado a intensificação do processo de especulação com a terra urbana propiciada pela valorização das áreas não-periféricas por onde necessariamente devem passar as diversas redes de serviços públicos no sentido do atendimento da periferia. De outro lado, há um aumento generalizado dos custos dos serviços urbanos pois as distâncias a percorrer passam a ser desproporcionalmente maiores.

Quanto ao processo de verticalização ele é ainda pouco intenso em Araçatuba. Há cerca de cinquenta edifícios com mais do que três pavimentos, metade dos quais foram construídos a partir de 1980. O período de verticalização mais significativo nos últimos vinte anos foi entre 1981 e 1985, quando foram construídos treze edifícios, cinco dos quais na faixa de dez a dezenove pavimentos. Cerca de 55% da área dos edifícios construídos entre 1970 e 1987 está destinada ao uso residencial, comportando trezentos e dezenove apartamentos com área média aproximada de 127 m<sup>2</sup>.

Quadro no.3.2.2  
Conjuntos ou Núcleos Habitacionais construídos em Araçatuba

| Nome                                                          | No. de unidades | Data Entrega | Bairro                    | Área     |
|---------------------------------------------------------------|-----------------|--------------|---------------------------|----------|
| 1.Castelo Branco<br>(Cohab-Bauru)                             | 603             | 10/70        | Aviação                   | Nordeste |
| 2.Yaane Andraus<br>(CRHIS)                                    | 252             | 12/83        | Aviação                   | Nordeste |
| 3.Antonio Vilella<br>(CRHIS)                                  | 483             | 05/85        | A.Vilella                 | Norte    |
| 4.João B.Botelho<br>(CRHIS)                                   | 598             | 10/87        | Jd.Pinheiro               | Leste    |
| 5.Claud.Cinti<br>(CRHIS)                                      | 490             | 12/88        | Prox.Morada<br>dos Nobres | Sudoeste |
| 6.Vicente L.Grosso<br>(CRHIS)                                 | 365             | 04/89        | Pq.Industr.II             | Leste    |
| 7.Clovis Piccoloto                                            | 480             | /90          | Prox.Jd. do<br>Lago       | Sudoeste |
| 8.Etheucles Turrini<br>(CRHIS)                                | 401             | /90          | Prox.V.Alba               | Norte    |
| 9.N.S.Aparec.(1a.)<br>(CODESPAULO)                            | 743             | ---          | Aviação                   | Nordeste |
| 10.N.S.Aparec.(2a.)<br>(CODESPAULO)                           | 780             | ---          | Aviação                   | Nordeste |
| 11.Mão Divina I <sup>(1)</sup><br>(Prefeitura)<br>(Projetado) | 200             | ---          | Jd.S.José                 | Noroeste |
| 12.Ezeq.Barbosa<br>(CDH)<br>(Projetado)                       | 1000            | ---          | Jd.S.José                 | Noroeste |

Fonte: Secretaria do Planejamento - Assessoria - Prefeitura Municipal de Araçatuba - julho de 1990.

(1) O objetivo desse conjunto seria erradicar as principais favelas da cidade. Estimava-se que cerca de 800 famílias estivessem radicadas em favelas em Araçatuba, em julho de 1990

A distribuição espacial destas edificações é relativamente concentrada, estando localizados na área central da cidade o maior número deles, inclusive uma boa parte de prédios destinados a ocupação residencial. O bairro de Jd. Nova York na zona Sul é a única área, fora da região central, que apresenta um número significativo de edifícios

estando aí localizados seis deles, todos para uso residencial.

Em suma, em Araçatuba o processo de verticalização ainda está longe de provocar o adensamento excessivo da área central da cidade de um lado e, de outro, abranger a construção de Conjuntos Residenciais para a população de renda média como ocorre em outras cidades maiores. Até agora, este processo tem objetivado a construção, na área central, de edifícios para abrigar as atividades de comércio e, principalmente de serviços, e tanto no Centro como nos bairros vizinhos e na zona Sul, oferecer residências para a população de renda alta e média-alta.

A distribuição da atividade econômica no espaço urbano do município de Araçatuba caracterizou-se pela concentração significativa do comércio e dos serviços na zona central não havendo, por outro lado, grandes concentrações industriais.

Há três pequenos polos industriais na cidade; um deles corresponde ao bairro do Parque Industrial I na região Noroeste, às margens da rodovia Sp-463, no sentido de Jales; o segundo, no bairro do Parque Industrial II é um pouco menor e está localizado a Leste, às margens da antiga estrada para Birigui, na continuação da rua dos Fundadores e, finalmente, o terceiro, a Sudeste, na rua Baguaçu, onde está localizada uma das maiores plantas industriais da cidade, a indústria Paoletti, do ramo de Alimentos. Outras indústrias importantes na cidade estão localizadas fora

destes polos como é o caso, por exemplo, da Nestlé que tem Aracatuba a sua maior planta de Leite em pó do país localizada às margens da rodovia Mal.Rondon (SP-300) no sentido de Bauru, ao Sul da área urbana.

Recentemente o Poder Público Municipal para incentivar a localização industrial em duas áreas vizinhas, situadas na região Norte da cidade criou dois Distritos Industriais. Tais Distritos são relativamente pequenos e ainda em fase de implantação de infraestrutura.

Quanto às atividades de comércio e serviços, elas estão localizadas quase que exclusivamente na área central da cidade ou em bairros muito próximos ou vizinhos do Centro. Há poucos Hotéis e Restaurantes e dois Supermercados maiores localizados fora destas áreas.

#### - Principais indutores da ocupação e do crescimento da área urbana

Em relação a um eixo que cortasse a área urbana de Aracatuba na direção Oeste-Leste passando pelo centro, poder-se-ia dizer que a zona Norte é maior que a zona Sul, ou, em outras palavras, que a área urbana cresceu mais intensamente na fatia Norte do que na fatia Sul.

Uma primeira explicação para este fato estaria na existência de barreiras à expansão cujo peso maior está localizado exatamente na faixa Sul da cidade. A principal barreira é a rodovia Mal.Rondon que corta toda a faixa Sul-

Oeste da área urbana no sentido Noroeste defletindo depois para o Oeste e rumando para Três Lagoas, a partir do trevo situado no Centro-Oeste da área urbana. Contudo, na década de oitenta esta barreira foi superada com o rebaixamento e duplicação da rodovia e hoje há vários bairros implantados além da rodovia, como são exemplos os Jardins Guanabara, Esplanada, Jussara, Iporã, Lago Azul e mais dois Conjuntos Habitacionais populares.

Ainda ao Sul mas estendendo-se também para Leste uma outra barreira é constituída pelo ribeirão Baguacú que corta a área urbana em toda a extensão, na direção Sudoeste-Nordeste. Esta barreira também foi superada na década de oitenta com a implantação de vários bairros e Conjuntos Habitacionais.

Por outro lado, se um outro eixo cortasse a cidade na direção Norte-Sul passando pelo Centro, a observação do processo de crescimento da área urbana mostraria que a cidade cresceu mais na fatia Oeste do que na Leste. Isso apesar da rodovia Mal.Rondon também constituir-se numa barreira a Oeste.

Assim sendo, as direções predominantes da expansão urbana de Araçatuba nos últimos vinte anos foram o Norte e o Oeste.

Em termos dos principais determinantes ou indutores da expansão urbana, deve-se destacar o papel desempenhado em Araçatuba pelo sistema viário e pela localização dos Conjuntos Habitacionais populares.

Quanto ao sistema viário, as principais vias que desenharam a expansão da cidade nas direções apontadas (basicamente na faixa Norte-Oeste) a partir do início do período de análise (em torno de 1970) foram as seguintes:

- a. Como radial Norte, a avenida Ferreira Batista (continuação da rua do Fico), que nasce do outro lado da estação ferroviária, atravessando a ferrovia. Esta radial foi viabilizada pela construção da Av. João Arruda Brasil, que é uma secante margeando o prolongamento da área central para além da ferrovia na região Noroeste.
- b. Como radiais Noroeste as ruas Marcilio Dias (aberta em 1968), Porangaba (aberta em 1977) e a avenida Valdemar Alves (em construção) que partem também da avenida João Arruda Brasil, num trecho bem próximo ao Centro da cidade..
- c. Como radiais Oeste, a avenida Cussy de Almeida que atravessa a rodovia Mal.Rondon, a rua Mal. Deodoro que nasce na praça central da cidade e que tem continuação na rua Aguapeí margeando a ferrovia e também atravessando a rodovia Mal. Rondon.

Nas direções secundárias de crescimento pode-se citar as seguintes vias:

- a. A radial Sul, formada pela rua Luiz Pereira Barreto, que nasce na praça central e que se prolonga na zona Sul com a Av. Brasília cortando o Jd. Nova York e segue até a rodovia Mal.Rondon, terminando num dos trevos de acesso à cidade.
- b. Uma outra radial Sul, que não começa propriamente no Centro da cidade mas sim num bairro contíguo - Higienópolis - e que também atravessa a rodovia Mal.Rondon atingindo o extremo Sudoeste da cidade (no Jardim Iporã e cercanias).
- c. A radial Sudeste, a rua Baguaçu, que tem origem na rua Luiz Pereira Barreto próximo ao centro da cidade e segue para Sudeste atravessando o ribeirão Baguaçu e atingindo o extremo desta área tendo como prolongamento a rodovia Teptônio Vilela que liga Aracatuba a Birigui, "por dentro".

Além destas vias radiais cabe salientar que na década de setenta foi construída a Av. Pompeu de Toledo, na zona Sul da cidade, com recursos do PNDU, em 1976, implicando na canalização de um trecho do córrego Machadinho; uma radial Sul ainda não citada, a av. Saudade foi construída até o córrego Machadinho (no trecho que atualmente está canalizado sob a av. Pompeu de Toledo) antes de 1960 e daí até a rodovia o que liberou o crescimento da

área urbana para o Sudoeste, ainda na zona Sul a já citada av. Brasília (que é um prolongamento da r. L. Pereira Barreto) teve o trecho até o córrego Machadinho construído por volta de 1968 e daí até a rodovia foi realizada no início dos anos oitenta pelo próprio loteador do Jd. Nova York, que como já foi observado, é o principal bairro onde se localiza a população de renda mais elevada em Araçatuba.

A importância do traçado do sistema viário (que foi sumariamente descrito) para o formato do desenho urbano da cidade de Araçatuba, pode ser constatada quando observa-se que, em quase todos os pontos extremos das vias radiais estão instalados Conjuntos Habitacionais populares ou áreas de localização industrial privilegiada ou ambas as coisas.

No caso dos Conjuntos Habitacionais populares, a sua distribuição espacial dispersa, ou não concentrada, observada em Araçatuba deve ser considerada como um importantes indutor-realimentador do processo de expansão da cidade. A localização dos Conjuntos Habitacionais e o desenho do sistema viário constituem-se nos principais determinantes, indutores e realimentadores do processo e das direções de expansão da área urbana de Araçatuba.

Um papel importante mas secundário em relação aos fatores acima apontados é desempenhado pela localização de áreas industriais. Em Araçatuba, como já foi visto, não há grandes áreas industriais e os pequenos polos industriais existentes estão espalhados pela área urbana em várias direções. Algumas foram alocadas em função da existência

prévia de bairros populares na área e outras depois de instaladas induziram a alocação de Conjuntos Habitacionais populares nas proximidades.

Do ponto de vista de atuação do Poder Público Municipal como indutor ou incentivador da forma de desenvolvimento do processo de urbanização de Araçatuba, configura-se uma atuação do tipo "caso a caso". A cidade não conta com qualquer tipo de plano geral de diretrizes para seu crescimento e nem com qualquer sistematização para a intervenção do Poder Público na ordenação do desenvolvimento urbano do município.

A própria tentativa de estabelecer algumas regras mínimas mais duradouras e gerais, expressas numa Lei de Zoneamento, foi mal sucedida. A única Lei de Zoneamento aprovada para o município em fins de 1988 teve duração efêmera vigorando durante quatro meses até o início de 1989 quando foi revogada.

Atualmente, com a obrigatoriedade da elaboração de um Plano Diretor e com a proximidade do vencimento do prazo para sua aprovação, estaria ocorrendo, conforme técnicos da divisão de aprovação de projetos da Secretaria Municipal de Planejamento, um certo apressamento na aprovação de novos Conjuntos Habitacionais na cidade.

Apesar dessa ausência de planejamento formal para o seu desenvolvimento urbano a situação atual dos agentes desse processo não aparenta maiores conflitos de interesses. De um lado, pelo fato da cidade ainda possuir dimensões

administráveis em termos dos problemas sociais urbanos e de outro, porque, em função das características econômicas da região (predominantemente voltada para a pecuária de corte) o processo especulativo com a terra urbana ainda não tenha atingido um nível que exigisse a mediação do Poder Público através de Planos de ajustamento de interesses no município.

#### - Tendências de crescimento da área urbana

Pelo que foi visto até aqui, nessa parte do trabalho e nas partes anteriores, o ritmo de crescimento urbano de Aracatuba não apresenta características explosivas. A cidade cresceu bastante mas está longe de apresentar o ritmo e a intensidade dos problemas sociais-urbanos tal como já enfrentam outras cidades do Oeste paulista, como é o caso de São José do Rio Preto.

O papel de centro urbano regional desempenhado pela cidade de Aracatuba é de certa forma diluído em função de proximidade de outros centros regionais tais como Bauru e, principalmente, São José do Rio Preto (distantes respectivamente, cerca de 150 km e 110 km de Aracatuba). A função de centro regional no caso de Aracatuba privilegiou o comércio de gado que, como já foi comentado, abrange outros estados pois a cidade constituiu-se no maior centro nacional de comercialização de bovinos.

O dinamismo econômico da região, que gera rebatimentos no desenvolvimento das funções de centro urbano

desempenhadas pela cidade de Araçatuba, está fundamentado amplamente na pecuária de corte e no cultivo de cana-de-açúcar. Tais atividades, especialmente a primeira, embora tenham apresentado grande vigor, não só na região de Araçatuba como também em outras regiões do Oeste paulista, como são os casos de São José do Rio Preto e Presidente Prudente, não geram rebatimentos urbanos exclusivamente na cidade de Araçatuba, ao contrário, espalham sua influência econômica por outros centros urbanos da própria região (como exemplificam os frigoríficos de Andradina, a Indústria de calçados - de couro - em Birigui) e das citadas regiões vizinhas.

Dessa forma, ao se manter esta relativa especialização produtiva para a região de Araçatuba, pode-se esperar que seja acentuado o papel de centro urbano da cidade de Araçatuba com características de desenvolvimento das funções urbanas num ritmo moderado.

Em termos das tendências de expansão da área urbana da cidade, as direções mais evidentes estão localizadas entre os eixos Norte e Oeste.

Ao Norte, ao longo da rodovia SP-436 (no sentido de Jales) e a Oeste na direção da rodovia Mal. Rondon (no sentido de Andradina e Três Lagoas esta última no estado do Mato Grosso do Sul).

A direção Leste, ao longo do ribeirão Baguassu, também é um vetor de crescimento, embora com menor intensidade potencial. Cabe ressaltar que a região Leste-

Sudeste de Araçatuba corresponde à área fronteiriça com o município de Birigui, sendo que estas duas áreas urbanas localizam-se a uma distância muito pequena (cerca de 10 km, pela rodovia Teotônio Vilela). Mesmo assim, os vetores mais evidentes de expansão destas duas áreas urbanas não parecem indicar que as duas cidades estejam face a um processo de conurbação, pelo menos num futuro próximo: os vetores de Araçatuba apontam para o Noroeste e para o Norte, enquanto os de Birigui apontam para o Nordeste e o Sudeste, direções diametralmente opostas.

Por outro lado, a região Sul da cidade de Araçatuba deve continuar seu processo de ocupação num ritmo relativamente lento. Em primeiro lugar, porque é uma área de ocupação predominantemente da população de renda mais elevada e, além disso, porque esta região localiza-se nas proximidades da área dos mananciais, ou seja, perto do ribeirão Baguaçu e alguns de seus afluentes, a montante, precisamente na zona de captação de água para a cidade.

Em termos de perspectivas para o futuro imediato, cabe salientar que já se encontram em execução cerca de três quilômetros da Av. Valdemar Alves (uma das radiais Oeste citadas), que deve constituir-se na principal ligação da área central (além da ferrovia) com a área de expansão privilegiada da cidade onde estão situados os dois Distritos Industriais mais recentes e vários bairros e Conjuntos Habitacionais populares.

Além disso, há um projeto antigo mas atualmente com a obra já licitada, que consiste na modificação do traçado da ferrovia, desviando-a do centro da cidade e alocando-a na região Sul-Sudeste, além da rodovia Mal.Rondon e do lado de fora, ou às margens da atual área urbana; dentro da cidade, no lugar onde hoje está o leito da ferrovia, será construída uma avenida de duas pistas, incluindo um amplo e moderno projeto arquitetônico de reurbanização da área.

### c) Evolução do Setor Terciário

As funções de centro urbano regional desempenhadas pela cidade de Araçatuba impõem as principais características da natureza e da dinâmica das suas principais atividades de comércio e de serviços.

As primeiras indicações, ainda que muito gerais, a respeito da evolução destas atividades no município de Araçatuba, podem ser obtidos pelo exame do volume e da composição da População Economicamente Ativa (P.E.A.) da cidade nos anos de 1970 e 1980.

Em primeiro lugar, o crescimento de cerca de 40% observado para o total da P.E.A. do município nesse período, é ocasionado, exclusivamente, pelas chamadas atividades urbanas, pois o emprego nas atividades rurais apresenta uma queda absoluta, ocorrendo a eliminação de cerca de oitocentos postos de trabalho no setor primário do

município: a P.E.A. rural cai de 8,6 mil para 7,8 mil pessoas.

Isso ocorre em razão das características já apontadas, da evolução das atividades agropecuárias (a pecuária de corte moderna e cultura da cana-de-açúcar, principalmente) que predominam na região e cujas bases técnico-produtivas "modernas" acentuam a redução do uso do trabalho humano e, de outro lado, expulsam a mão-de-obra do campo generalizando as relações de trabalho assalariado e temporário.

Por outro lado, as atividades urbanas (Secundário: Indústria de Transformação e Construção Civil; Terciário: Comércio e Serviços em geral) apresentaram um desempenho bastante expressivo. Assim, o emprego nas atividades do Setor Terciário subiu de cerca de 21 mil em 1970, para 31 mil em 1980, o que representou uma taxa de expansão de aproximadamente 3,7% ao ano, superando ligeiramente o crescimento da P.E.A. total, que foi cerca de 3,5% ao ano no período. O Setor Secundário é o que apresentou o melhor desempenho relativo embora não oferecesse, em valores absolutos, nem a metade do emprego oferecido pelo Terciário: o número de pessoas empregadas na Indústria de Transformação e na Construção Civil, cresceu de 6,4 mil, em 1970, para 12,7 mil em 1980, o que representou uma taxa de expansão notável de cerca de 7,0% ao ano.

Em termos da estrutura das atividades de comércio e serviços pode-se dizer que elas são relativamente

diversificadas. Deve-se destacar que, como um dos principais centros agropecuários do país, certos ramos do comércio e serviços, como por exemplo o comércio de implementos agropecuários em geral e os serviços de apoio a Agricultura, tem necessariamente uma presença mais efetiva no conjunto das atividades econômicas da cidade.

Como exemplo pode ser citado, na área do comércio e serviços, a Cooperativa Agropecuária do Brasil Central (COBRAC) que mantém na cidade um supermercado e um verdadeiro centro de apoio às diversas atividades rurais da região e das regiões vizinhas do estado e de outros estados (principalmente do Mato Grosso do Sul).

Em termos da integração agroindustrial da região e que rebate sobre o setor Terciário local, destaca-se a presença de dois frigoríficos grandes (Mouran-Sadia e Arafrigo, este de capital local), três destilarias de álcool (Aralco, Alcoazul e Destivale) na cidade e mais dezessete na região, uma unidade de processamento de algodão (SANBRA), uma unidade de processamento de fios cirúrgicos para exportação (fabricados a partir das tripas de boi) e as já citadas Indústria Paoletti (com a maior planta processadora de polpa de tomate da América do Sul) e a Nestlé (com a maior planta processadora de leite em pó do país).

Ainda sobre as principais atividades comerciais e de serviços, cabe destacar o seguinte:

- Em termos do comércio mais moderno, há três projetos de construção de "Shopping Center" em Aracatuba. Um

deles atualmente interrompido (a cargo da empresa Cohabita de S.Paulo), um outro em fase de fundações (a cargo de um grupo local -Andorfato) e um terceiro, que conforme informações da Associação Comercial e Industrial de Araçatuba, estaria atualmente articulado com o segundo citado. Tais projetos já existem a algum tempo (cerca de quatro ou cinco anos) mas a cidade ainda não dispõe de "Shopping Center".

- Há cerca de vinte e quatro estabelecimentos classificados como Supermercados, sendo oito deles de maior porte dentre os quais estão incluídos dois de redes regionais (Dias Pastorinho S.A. Com. e Ind.), dois de Cooperativas (Cooperativa Agropecuária do Brasil Central e Cooperativa de Consumo do Sindicato dos Bancários de Araçatuba) e vários de capital local (Genaro Supermercados Ltda., João Marques Silva S.A etc.).

- Inúmeras lojas de redes regionais, estaduais ou nacionais, estão alocadas em Araçatuba, todas na região central da cidade (p.ex.: Buri, Pernambucanas, Riachuelo, Modelar, Brasimac, Arapuã, J.Mahfuz, Samello, GG Presentes, Oriental, Sakusuke No etc.). Além destas, mais cerca de sessenta lojas classificadas como varejo nos mesmos ramos das redes acima citadas (ou seja: tecidos, confecções, calçados, presentes, eletrodomésticos etc.) e trinta estabelecimentos classificados como Atacado ou Lojas de Fábrica.

- Há três hotéis classificados como "médio conforto" (Chamonix - Centro, Água Branca Park e Pekin Palace - V.N.York) um como "simples em local agradável" (aldeia das Águas Quentes - Jd. Finheiros) e um como "simples" (Vila Real - Centro). Há mais onze estabelecimentos sem especificação do tipo. Há ainda quatro restaurantes classificados como "simples" (Ugolin, Gaúcha, Boi na Brasa e Pekin) e mais dez restaurantes sem especificação do tipo.

- São catorze entidades bancárias que atuam na cidade, sendo que o Bradesco tem quatro agências, o Banespa tem três, Mercantil de São Paulo, Itaú, Francês e Brasileiro, Econômico e Unibanco, com duas agências e com apenas uma agência, Banco da Amazônia, América do Sul, Bamerindus, Bandeirantes, Brasil, Geral do Comércio e Mercantil do Brasil todos de capital nacional.

- Há três galerias, Siran, Atenas e Canto A, todas de pequeno porte, localizadas no centro da cidade e com predominância do comércio de confecções, calçados e pequenos serviços.

- Conforme a Associação Comercial e Industrial de Aracatuba, a partir de meados de oitenta ocorre uma "proliferação" de academias de fisioterapia na cidade, muito provavelmente, de forma semelhante mas defasada no tempo, ao que acontece nas principais cidades do estado e do país a partir do final da década de setenta.

- Há quatro jornais em circulação na cidade: "A Comarca", "A Folha da Região", "A Folha da Manhã" e o "Jornal da Cidade", sendo que os três últimos são impressos em "off-set". A "Folha da Região" é mais importante, atingindo uma tiragem média diária entre 13 e 15 mil exemplares.

- As rádios são em número de três em AM, Cultura de 1930, a Difusora de 1950 e a rádio Luz de 1958. Em FM são duas emissoras, a Cultura, com cerca de quinze anos é a primeira do Noroeste paulista e a Antena I, com cerca de dez anos e em fase de implantação de potência de 50 kw.

- Há uma sucursal da TV-Globo Noroeste com equipe de reportagem local mas com geração em Rio Preto, havendo planos para a instalação de uma geradora de programas de outra emissora de TV, a SBT, em Aracatuba.

- Há cerca de vinte e cinco escolas estaduais de primeiro grau na cidade que receberam em 1989 perto de vinte e cinco mil matrículas. As escolas do segundo grau estaduais são seis com cerca de cinco mil matrículas. Há ainda cerca de trinta e oito classes particulares de educação infantil com perto de mil alunos.

- Conforme as informações obtidas junto à Secretaria da Cultura, há um número razoável de eventos culturais que ocorrem em Aracatuba, principalmente com o apoio da Prefeitura Municipal. Assim por exemplo, há desde meados de 1989, o projeto "Domingo na Praça" que envolve uma série de atividades coordenadas para crianças e alguns

"shows" (musicais ou teatrais) para adultos também: desde 1984 há o Concurso Nacional de Contos e desde 1985 o Concurso Nacional de Piano; desde 1987 a Festa do Verde, que são três dias no Bosque Municipal, com distribuição de mudas de plantas contando com a participação destacada da colônia nipônica da cidade; utilização dos dois teatros municipais, um com 280 lugares e outro com 315, para a promoção, pelo menos uma vez por mês, de espetáculos teatrais de Companhias de fora (em especial de peças que estejam em cartaz na Capital), espetáculos que concentram-se principalmente no segundo semestre do ano; Projeto "Conhecendo a Cidade" dirigido para as crianças do curso primário e promovido em colaboração com as principais empresas da cidade (Nestlé, Paoletti, Coca-Cola, Frigoríficos Mouran-Sadia e Arafrigo); anualmente, ocorrem ainda três exposições mais importantes; Expo-Gado, organizada pela Dira-Araçatuba, a Ficar de Comércio e Indústria da cidade e a exposição de cães organizada pelo Kenel Club.

- O atendimento de Saúde pode ser considerado de bom padrão, em relação ao estado de São Paulo, havendo quatro hospitais e cerca de 4,8 leitos por mil habitantes, cifra equivalente à da cidade de Campinas. Há ainda cerca de vinte postos de saúde municipais, a maioria deles instalada em meados dos anos oitenta e localizados principalmente nos bairros periféricos. Neste mesmo período desenvolveram-se uma série de programas e atividades na área de Saúde no sentido de contribuir para a melhoria destes serviços.

- Há cinco empresas que operam o transporte rodoviário de passageiros em Araçatuba: Empresas Reunidas Paulista de Transporte Ltda, Guerino Transportes Ltda., Expresso Birigui Ltda., Constâncio João da Costa & Filhos Ltda e Empresa Princesa do Norte S.A. O movimento total de passageiros no mês de maio de 1990 envolveu 125,4 mil pessoas que saíram da cidade e 119,7 mil pessoas que chegaram em Araçatuba, ou seja, um total de 245,1 mil pessoas movimentaram a estação rodoviária da cidade neste mês. Há linhas para a Capital do Estado de São Paulo, para as principais cidade do interior, como Campinas, Ribeirão Preto, S.J.do Rio Preto, Bauru, para o Litoral (Santos) e para cidades de outros estados como por exemplo, Rio de Janeiro, Curitiba, Londrina, Maringá etc.

- No Aeroporto Internacional de Araçatuba, a TAM (Transportes Aéreos de Marília) é a única empresa que opera vôos regulares. Há seis vôos diários da TAM, representando seis partidas e seis chegadas, sendo que são cinco vôos de passageiros e um de carga e rede postal. Além destes vôos, há ainda outros eventuais operados por empresas de Taxi aéreo ou por aviões particulares. Os dados dos primeiros quinze dias de julho de 1990 informam que os vôos regulares da TAM envolveram o embarque de 527 passageiros, o desembarque de 624 e cerca de 851 passageiros em trânsito; os vôos de Taxis Aéreos e particulares envolveram o embarque de 209 passageiros, o desembarque de 212 e 116 passageiros em trânsito.

\* \* \*

Há alguns pontos que caberia ressaltar a título de conclusões deste capítulo.

Em primeiro lugar, quanto às proporções e o ritmo assumido pela expansão da área urbana, observou-se grande semelhança entre as duas cidades analisadas. Ao lado do crescimento imposto pela forte pressão demográfica assistida no período, que exigiu a incorporação de novas áreas de grandes dimensões físicas, ocorreu um incremento mais do que proporcional da mancha urbana.

Isso denotaria a existência de uma política de apropriação e ocupação do solo urbano compatível com os interesses do capital mercantil urbano e em tudo semelhante (respeitadas as diferenças absolutas embora, em alguns casos, superadas as proporções relativas) ao que ocorreu nas maiores cidades paulistas.

As consequências mais importantes desse fenômeno nas cidades estudadas estão relacionadas com a formação de enormes espaços urbanos destinados ao movimento especulativo imobiliário, movimento este que acaba por assumir papel decisivo nos rumos da ocupação futura dessas áreas urbanas.

A segunda questão que merece ser ressaltada diz respeito às condições gerais da organização da vida urbana dessas cidades. Para nenhuma das duas (especialmente para Araçatuba) chegou-se a visualizar uma situação urbana que pudesse ser interpretada como potencialmente caótica, a

curto ou médio prazo, ao nível da situação da oferta dos principais serviços urbanos, especialmente os de natureza pública e os relacionados à disponibilidade de moradias para a população de baixa renda.

Contudo, observou-se a existência de favelas que, embora em pequeno número, tem exigido a definição de políticas locais para a sua erradicação. Em São José do Rio Preto estavam, em 1990, praticamente erradicadas em função das dimensões assumidas pela chamada Política de Loteamentos Populares, política esta que, como foi visto, extrapolou o objetivo específico de erradicar favelas; em Araçatuba havia, em 1990, mais favelas do que em São José do Rio Preto, tendo sido, também, necessário o Poder Público Municipal responsabilizar-se pelas principais medidas na área da construção de Conjuntos Habitacionais populares que possibilitem o seu controle e erradicação.

Finalmente, quanto à diversificação, modernização e grau de sofisticação dos setores Terciários locais, cabe destacar que, especialmente em São José do Rio Preto, vem ocorrendo um processo de intenso crescimento, com implantação de modernos serviços nas áreas de Comunicações (particularmente emissão local de TV em S.J. do Rio Preto e equipes de telejornalismo sediadas em Araçatuba), Serviços Técnicos e Comércio altamente especializados com destaque para os setores da agropecuária, engenharia de projetos e de construção civil, medicina cardio-vascular e informática, entre outros.

Esta diversificação e sofisticação da atividade comercial e da oferta de serviços, em centros urbanos tão distantes da Metrópole e dos outros principais centros urbanos do estado, tende a acelerar de forma recorrente a importância das cidades de S.J.do Rio Preto (principalmente; face ao seu porte atual) e Araçatuba como "polos" de forte atração demográfica e de intensa concentração dos investimentos, sejam locais ou provenientes de outras partes do estado e do país.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS <sup>(=)</sup>

A guisa de conclusão geral, a primeira observação a ser feita diz respeito à especificidade histórica do oeste paulista, ou, em outras palavras, das defasagens temporais que marcaram o avanço da industrialização e da urbanização nas suas diversas áreas de influência e principais cidades, umas face às outras, ou frente as demais regiões e principais cidades do estado.

O atraso relativo (ou a defasagem temporal) da urbanização das regiões do oeste paulista está relacionado com algumas razões principais.

A primeira delas é evidente e refere-se ao fato das regiões do oeste abrigarem as derradeiras áreas ocupadas em território paulista. Ali, o processo econômico consolidou-se num momento em que outras regiões do estado já detinham estruturas econômicas mais complexas e intensa urbanização, como foram os casos, por exemplo, da Região Metropolitana e da Região Administrativa de Campinas.

Outra razão, em parte ligada a anterior, refere-se ao fato dos centros urbanos mais importantes do oeste do estado situarem-se a grandes distâncias das regiões de desenvolvimento econômico mais consolidado, especialmente a

<sup>(=)</sup> Este tópico foi dedicado a elaboração de algumas considerações de caráter mais geral pois as conclusões mais detalhadas e específicas já foram adiantadas nas diversas passagens do texto em que se fizeram necessárias, a saber, nos finais dos capítulos 1, 2 e 3.

Metrópole paulista, o que retardou sua incorporação mais intensa ao movimento do capital no estado.

Recentemente a extensão da infraestrutura viária "diminuiu" as distâncias ou, em outras palavras, facilitou o movimento da atividade econômica, particularmente da indústria, no sentido das regiões mais afastadas, mas, mesmo assim, nos marcos do estado de São Paulo, essas regiões foram menos suscetíveis a uma industrialização e urbanização mais intensa.

Dessa forma, o ritmo da urbanização dessas regiões está escorado na formação de uma "massa crítica" (especialmente de base demográfica) que, ao lado das grandes distâncias que as separam dos maiores centros urbanos do estado, imponha a implantação local de determinadas atividades, em particular do setor terciário, que, em função dessa "massa crítica", tornaram-se indispensáveis.

É fácil observar, a partir das análises desenvolvidas ao longo desse texto, as diferenciações que apresentaram, nesse aspecto, as cidades de São José do Rio Preto e de Araçatuba. A primeira tornou-se o principal centro urbano do oeste e uma das mais importantes cidades paulistas com base no aprofundamento e extensão da função de "polo" urbano regional e da consequente e recorrente expansão da sua base urbana. Araçatuba, por seu turno, embora tenha se constituído, de forma análoga, no principal centro urbano da sua região, sofre pressões menores quanto

ao grau de complexidade das funções urbanas exigidas e desenvolvidas.

Assim, enquanto São José do Rio Preto estendeu sua área de influência e incorporou uma "massa crítica" de demanda de serviços urbanos que extravasou os limites do estado, atingindo áreas do chamado Triângulo Mineiro e do sudeste do estado do Mato Grosso do Sul, a cidade de Aracatuba, embora respondendo pela função de supridora de serviços modernos, diversificados e complexos de uma ampla área de influência, constituiu-se, ela mesma, numa demandante dos serviços urbanos mais sofisticados oferecidos pela cidade de São José do Rio Preto.

Outro aspecto a destacar é que, embora com menor intensidade do que nas principais cidades da Região Metropolitana e de outras regiões do interior, como a de Campinas por exemplo, as mazelas dos processos de industrialização e urbanização já se fazem sentir nas cidades estudadas, principalmente em São José do Rio Preto. Tais efeitos manifestam-se especialmente na forma das crescentes carências habitacionais para a população de baixa renda e que resulta na formação de favelas, exigindo a atenção, também crescente do poder público local.

Do ponto de vista estritamente urbano, o grau de exigência de atitudes políticas locais (de forma isolada ou articulada às esferas do poder político estadual ou federal) também depende da extensão da base urbana; bases urbanas maiores implicam em "massas críticas" maiores e acabam por

impôr definição de políticas de enfrentamento das questões urbanas mais prementes.

Também nesse aspecto são claras as diferenças que se observam entre as cidades de São José do Rio Preto e de Araçatuba.

Em São José do Rio Preto, a maior e mais complexa base urbana do oeste paulista, a intervenção do poder político local foi decisiva na área da Habitação Popular e a forma de atuação escolhida (formação de loteamentos populares com auto-construção) tem sido de importância decisiva nas direções assumidas pela expansão física da área urbana e também no rumo dos últimos pleitos eleitorais municipais. Em Araçatuba, ao contrário, a atuação do poder público local tem sido feita sem obedecer a nenhuma diretriz ou plano global; mesmo assim, embora em proporções muito menores, foi também na solução de problemas na área da Habitação Popular, especificamente na erradicação de favelas, que situou-se uma das iniciativas recentes mais importantes do Executivo Municipal: um projeto para construção de um núcleo habitacional com 200 residências.

Finalmente, em termos das tendências que se apresentariam para a urbanização das cidades estudadas, cabe ressaltar que, conquanto escoradas em distintas bases econômicas e urbanas regionais, a evolução de ambas as cidades estaria fortemente problematizada nos próximos anos. De um lado, pela indefinição de políticas econômicas setoriais (na área energética o Proalcool, por exemplo),

pela ausência de propostas e projetos para a superação da crise brasileira para um futuro próximo e de outro pelas incertezas que cercam a presença brasileira nos mercados internacionais de diversos produtos fortemente implantados nessas regiões (sucos cítricos e soja, por exemplo). Por tudo isso, poder-se-ia esperar um certo grau de estagnação econômica nas regiões estudadas.

A afirmação dessa tendência à relativa estagnação econômica e os efeitos desse fenômeno sobre o dinamismo urbano dos municípios-sedes das regiões estudadas, estariam submetidos às características e à evolução de diversos fatores, especialmente aqueles relacionados com a extensão da base econômica regional que rebate sobre a dinâmica urbana dos municípios estudados.

A base econômica regional que rebate sobre a cidade de São José do Rio Preto é muito mais extensa e complexa do que a correspondente para a cidade de Araçatuba. Poder-se-ia afirmar que o peso da evolução da conjuntura do mercado internacional de alguns produtos citados geraria maiores efeitos potenciais sobre o dinamismo urbano de São José do Rio Preto do que de Araçatuba; por outro lado seria mais forte o peso da evolução do mercado interno (especialmente da pecuária) sobre a dinâmica urbana de Araçatuba. Contudo não há indicações de que a ocorrência isolada de qualquer dessas instâncias conjunturais seja suficiente para reverter a tendência à estagnação econômica dessas regiões.

Em suma, em termos de perspectivas, há a clara necessidade da intensificação de políticas sociais para o enfrentamento da crise urbana que também nessas cidades (mais em São José do Rio Preto do que em Araçatuba) manifesta-se de forma crescentemente problemática.

## ANEXO DE MAPAS E REGIONALIZAÇÃO DO OESTE

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - MUNICÍPIOS, DATA DE EMANCIPAÇÃO POLÍTICA, DIMENSÕES FÍSICAS E TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO 1970-80 E 1980-90 (ESTIMADA).

| Municípios                  | Emancipação<br>Política | Superfície<br>(km²) | Taxas anuais cresc. |         |       |
|-----------------------------|-------------------------|---------------------|---------------------|---------|-------|
|                             |                         |                     | 1970-80             | 1980-90 |       |
| Sub-região de Catanduva     |                         |                     | 4709                | 1,78    | 1,99  |
| Ariranha                    | 1918                    | 131                 | 0,85                | 1,05    |       |
| Cajobi                      | 1926                    | 280                 | 2,09                | 2,29    |       |
| Catanduva                   | 1917                    | 345                 | 2,26                | 2,45    |       |
| Catiguá                     | 1959                    | 166                 | 0,79                | 0,98    |       |
| Irapuã                      | 1944                    | 237                 | 1,71                | 1,91    |       |
| Itajobi                     | 1918                    | 615                 | 2,28                | 2,48    |       |
| Novo Horizonte              | 1916                    | 918                 | 1,50                | 1,70    |       |
| Palmares Paulista           | 1964                    | 91                  | 3,22                | 3,43    |       |
| Paraíso                     | 1954                    | 187                 | -0,51               | 0,71    |       |
| Pindorama                   | 1925                    | 207                 | 1,19                | 1,39    |       |
| Sales                       | 1959                    | 322                 | 1,68                | 1,86    |       |
| Santa Adélia                | 1916                    | 298                 | 1,50                | 1,70    |       |
| Severínea                   | 1954                    | 141                 | 1,50                | 1,70    |       |
| Tabapuã                     | 1919                    | 474                 | 0,92                | 1,12    |       |
| Urupês                      | 1928                    | 297                 | 1,43                | 1,62    |       |
| Sub-região de Fernandópolis |                         |                     | 3155                | -0,40   | 0,35  |
| Estrela d'Oeste             | 1948                    | 316                 | -1,87               | -1,69   |       |
| Fernandópolis               | 1944                    | 591                 | 1,87                | 2,06    |       |
| Guarani d'Oeste             | 1959                    | 383                 | 0,39                | 0,58    |       |
| Indiaporã                   | 1954                    | 275                 | 1,16                | 1,34    |       |
| Macedônia                   | 1964                    | 322                 | -3,10               | -2,91   |       |
| Meridiano                   | 1959                    | 254                 | -4,24               | -4,07   |       |
| Mira Estrela                | 1964                    | 212                 | -5,02               | -4,86   |       |
| Pedranópolis                | 1964                    | 202                 | -2,30               | -2,12   |       |
| Populina                    | 1959                    | 300                 | -5,23               | -5,09   |       |
| S. João das duas Pontes     | 1964                    | 142                 | -3,03               | -2,85   |       |
| Turmalina                   | 1964                    | 158                 | -2,08               | -1,90   |       |
| Sub-região de Jales         |                         |                     | 3461                | -1,54   | -1,12 |
| Aparecida d'Oeste           | 1964                    | 247                 | -4,20               | -4,04   |       |
| Dolcinópolis                | 1959                    | 46                  | -3,93               | -3,69   |       |
| Jales                       | 1948                    | 653                 | 0,04                | 0,23    |       |
| Marinópolis                 | 1964                    | 99                  | -2,68               | -2,49   |       |
| Palmeira d'Oeste            | 1959                    | 303                 | -1,90               | -1,72   |       |
| Paranapuã                   | 1964                    | 269                 | -4,51               | -4,34   |       |
| Rubinéia                    | 1964                    | 204                 | -6,72               | -6,58   |       |
| Santa Albertina             | 1959                    | 214                 | -4,44               | -4,27   |       |
| Santa Clara d'Oeste         | 1964                    | 159                 | -3,83               | -3,66   |       |
| Santa Fé do Sul             | 1954                    | 170                 | 1,86                | 2,06    |       |
| Santana da Ponte Pensa      | 1964                    | 118                 | -3,26               | -3,05   |       |
| Santa Rita d'Oeste          | 1964                    | 210                 | -4,29               | -4,12   |       |
| São Francisco               | 1964                    | 154                 | -3,50               | -3,33   |       |
| Três Fronteiras             | 1959                    | 261                 | -3,18               | -3,01   |       |
| Urânia                      | 1959                    | 334                 | -2,19               | -2,01   |       |

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - MUNICÍPIOS, DATA DE  
EMANCIPAÇÃO POLÍTICA, DIMENSÕES FÍSICAS E TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO  
DEMOGRÁFICO 1970-80 E 1980-1990 (ESTIMADA).

| Municípios                          | Emancipação<br>Política | Superfície<br>(km <sup>2</sup> ) | Taxas anuais cresc. |         |
|-------------------------------------|-------------------------|----------------------------------|---------------------|---------|
|                                     |                         |                                  | 1970-80             | 1980-90 |
| Sub-região de São José do Rio Preto |                         | 12521                            | 1,54                | 2,21    |
| Adolfo                              | 1959                    | 183                              | -0,94               | -0,77   |
| Altair                              | 1959                    | 378                              | -0,85               | -0,69   |
| Bady Bassitt                        | 1959                    | 110                              | 0,56                | 0,75    |
| Balsamo                             | 1954                    | 124                              | -0,06               | 0,12    |
| Cedral                              | 1929                    | 207                              | -0,52               | -0,34   |
| Guapiaçu                            | 1954                    | 333                              | 2,67                | 2,87    |
| Guaraci                             | 1944                    | 605                              | -1,31               | -1,12   |
| Ibirá                               | 1921                    | 274                              | 1,26                | 1,46    |
| Itém                                | 1954                    | 380                              | -1,41               | -1,18   |
| Jaci                                | 1959                    | 146                              | -0,51               | -0,31   |
| José Bonifácio                      | 1926                    | 1047                             | 1,03                | 1,22    |
| Macaubal                            | 1948                    | 214                              | -0,91               | -0,72   |
| Mendonça                            | 1959                    | 208                              | -0,49               | -0,30   |
| Mirassol                            | 1924                    | 238                              | 3,24                | 3,43    |
| Mirassolândia                       | 1959                    | 188                              | -0,93               | -0,74   |
| Monções                             | 1964                    | 114                              | -0,42               | -0,24   |
| Monte Aprazível                     | 1924                    | 459                              | -0,34               | -0,14   |
| Neves Paulista                      | 1944                    | 245                              | -0,48               | -0,30   |
| Nhandeara                           | 1944                    | 407                              | -0,74               | -0,55   |
| Nipoá                               | 1954                    | 147                              | -1,15               | -0,95   |
| Nova Aliança                        | 1944                    | 224                              | 0,67                | -0,48   |
| Nova Granada                        | 1925                    | 513                              | -0,50               | -0,31   |
| Nova Lusitânia                      | 1964                    | 78                               | -3,09               | -2,94   |
| Olimpia                             | 1917                    | 785                              | 0,90                | 1,10    |
| Onda Verde                          | 1964                    | 219                              | -0,75               | -0,55   |
| Orindiúva                           | 1964                    | 254                              | -1,44               | -1,27   |
| Palestina                           | 1936                    | 709                              | -2,91               | -2,75   |
| Paulo de Faria                      | 1938                    | 853                              | -3,48               | -3,30   |
| Planalto                            | 1948                    | 597                              | -1,80               | -1,61   |
| Poloni                              | 1954                    | 144                              | -0,66               | -0,49   |
| Potirendaba                         | 1925                    | 370                              | 0,81                | 1,01    |
| São José do Rio Preto               | 1894                    | 586                              | 4,44                | 4,36    |
| Sebastianópolis do Sul              | 1964                    | 110                              | -2,38               | -2,20   |
| Tanabi                              | 1924                    | 799                              | -0,87               | 0,13    |
| Uchôa                               | 1925                    | 213                              | 0,54                | 0,75    |
| União Paulista                      | 1964                    | 60                               | -3,27               | -3,07   |
| Sub-região de Votuporanga           |                         | 3024                             | 0,12                | 0,45    |
| Álvares Florence                    | 1948                    | 323                              | -2,32               | -2,14   |
| Ámerico de Campos                   | 1948                    | 277                              | 1,13                | 1,31    |
| Cardoso                             | 1948                    | 633                              | -3,58               | -3,42   |
| Cosmorama                           | 1948                    | 544                              | -1,69               | -1,51   |
| Fontes Gestal                       | 1964                    | 189                              | -1,86               | -1,63   |
| Riolândia                           | 1954                    | 549                              | -3,37               | -3,20   |
| Valentim Gentil                     | 1948                    | 133                              | -0,64               | -0,46   |
| Votuporanga                         | 1944                    | 556                              | 2,86                | 3,04    |
| Total da Região Administrativa      |                         | 26870                            | 0,73                | 1,30    |

Fonte: Elaborado a partir de SEADE(1981) e SEADE(1989).

REGIÃO ADMINISTRATIVA DE ARAÇATUBA - MUNICÍPIOS, DATA DE EMANCIPAÇÃO  
POLÍTICA, DIMENSÕES FÍSICAS E TAXAS ANUAIS DE CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO  
1970-80 E 1980-90 (ESTIMADA).

| Municípios                     | Emancipação<br>Política | Superfície<br>(km <sup>2</sup> ) | Taxas anuais cresc. |         |
|--------------------------------|-------------------------|----------------------------------|---------------------|---------|
|                                |                         |                                  | 1970-80             | 1980-90 |
| Sub-região de Araçatuba        |                         | 12346                            | 0,55                | 0,25    |
| Alto Alegre                    | 1954                    | 332                              | -2,03               | -2,04   |
| Araçatuba                      | 1921                    | 2668                             | 1,77                | 1,67    |
| Auriflama                      | 1954                    | 385                              | -0,97               | -0,98   |
| Avanhandava                    | 1925                    | 324                              | 0,70                | 0,69    |
| Barbosa                        | 1959                    | 243                              | 1,38                | 1,37    |
| Bento de Abreu                 | 1949                    | 289                              | -2,12               | -2,12   |
| Bilac                          | 1944                    | 168                              | -1,14               | -1,17   |
| Birigui                        | 1921                    | 537                              | 3,82                | 3,67    |
| Braúna                         | 1954                    | 199                              | -1,01               | -1,02   |
| Buritama                       | 1948                    | 324                              | 1,46                | 1,45    |
| Clementina                     | 1954                    | 162                              | -1,98               | -2,02   |
| Coroados                       | 1928                    | 380                              | -1,54               | -1,55   |
| Floreal                        | 1959                    | 227                              | -2,60               | -2,61   |
| Gabriel Monteiro               | 1954                    | 145                              | -1,07               | -1,09   |
| Gastão Vidigal                 | 1954                    | 158                              | -1,62               | -1,62   |
| General Salgado                | 1944                    | 966                              | -3,60               | -3,65   |
| Glicério                       | 1925                    | 283                              | -0,46               | -0,47   |
| Guararapes                     | 1937                    | 915                              | -0,35               | -0,36   |
| Guzolândia                     | 1964                    | 239                              | -5,52               | -5,56   |
| Lavinia                        | 1944                    | 586                              | -3,09               | -3,12   |
| Luisiânia                      | 1959                    | 172                              | -1,47               | -1,49   |
| Magda                          | 1954                    | 322                              | -1,66               | -1,68   |
| Penápolis                      | 1913                    | 654                              | 1,64                | 1,62    |
| Piacaçu                        | 1954                    | 216                              | -1,23               | -1,24   |
| Rubiácea                       | 1948                    | 260                              | -4,18               | -4,20   |
| Santópolis do Aguapeí          | 1959                    | 177                              | -0,36               | -0,38   |
| Turiúba                        | 1959                    | 260                              | -2,20               | -2,22   |
| Valaparaíso                    | 1937                    | 755                              | -0,94               | -0,94   |
| Sub-região de Andradina        |                         | 6124                             | -1,23               | -1,28   |
| Andradina                      | 1938                    | 1010                             | -0,81               | -0,82   |
| Castilho                       | 1954                    | 968                              | -2,22               | -2,24   |
| Guaraçai                       | 1948                    | 493                              | -1,96               | -1,99   |
| Itapura                        | 1964                    | 257                              | -2,90               | -2,92   |
| Mirandópolis                   | 1944                    | 566                              | -3,09               | -3,12   |
| Muritinga do Sul               | 1954                    | 221                              | -1,68               | -1,70   |
| Nova Independência             | 1964                    | 272                              | -0,94               | -0,97   |
| Pereira Barreto                | 1938                    | 1811                             | -1,22               | -1,23   |
| Sud Mennucci                   | 1959                    | 526                              | -4,81               | -4,83   |
| Total da Região Administrativa |                         | 18470                            | -0,83               | 0,33    |

Fonte: Elaborado a partir de SEADE(1981) e SEADE(1989).

**Mapa 1****Regiões Administrativas do Oeste Paulista**

São José do Rio Preto (1)

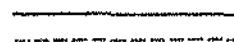
Araçatuba (2)

Marília (3)

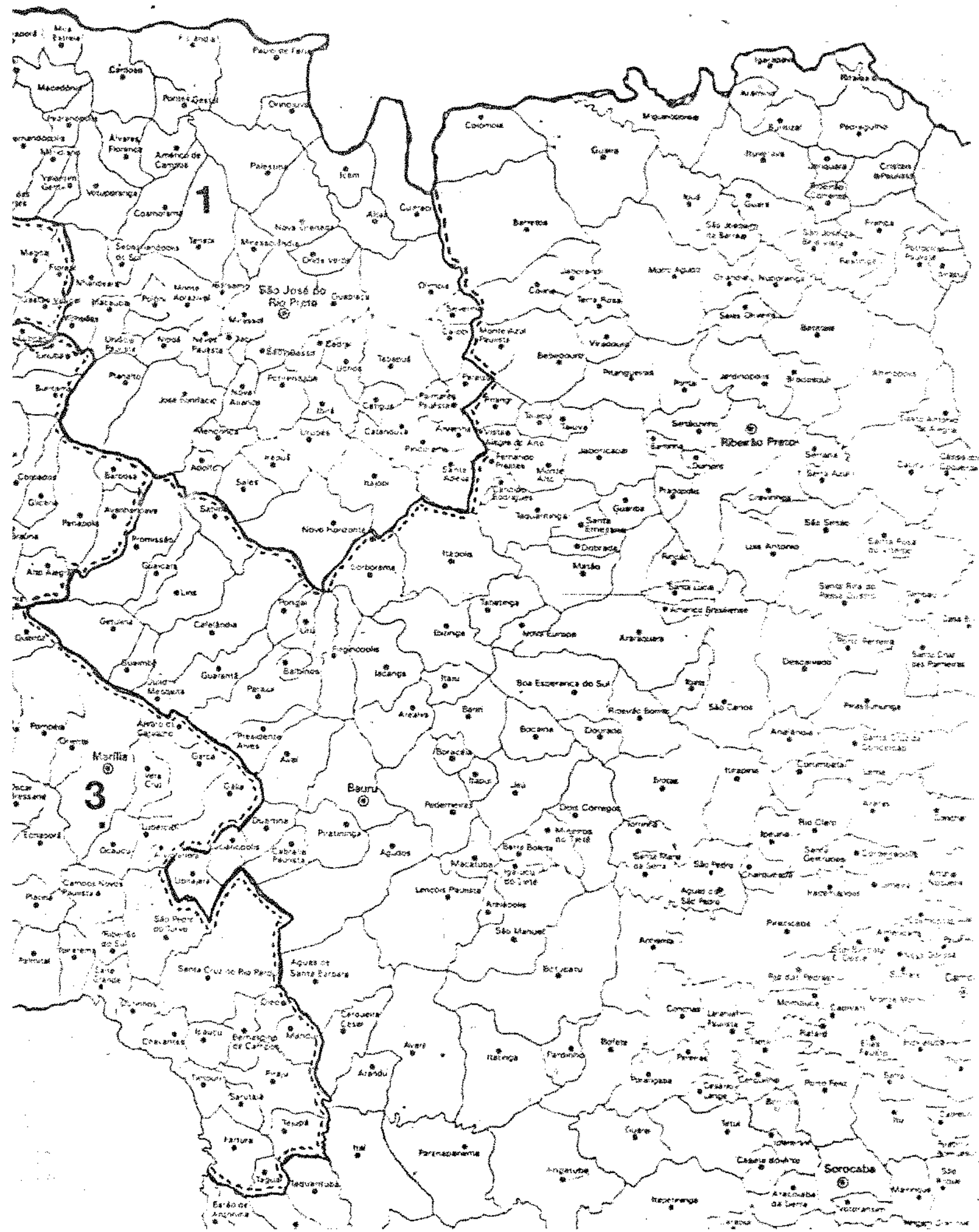
Presidente Prudente (4)

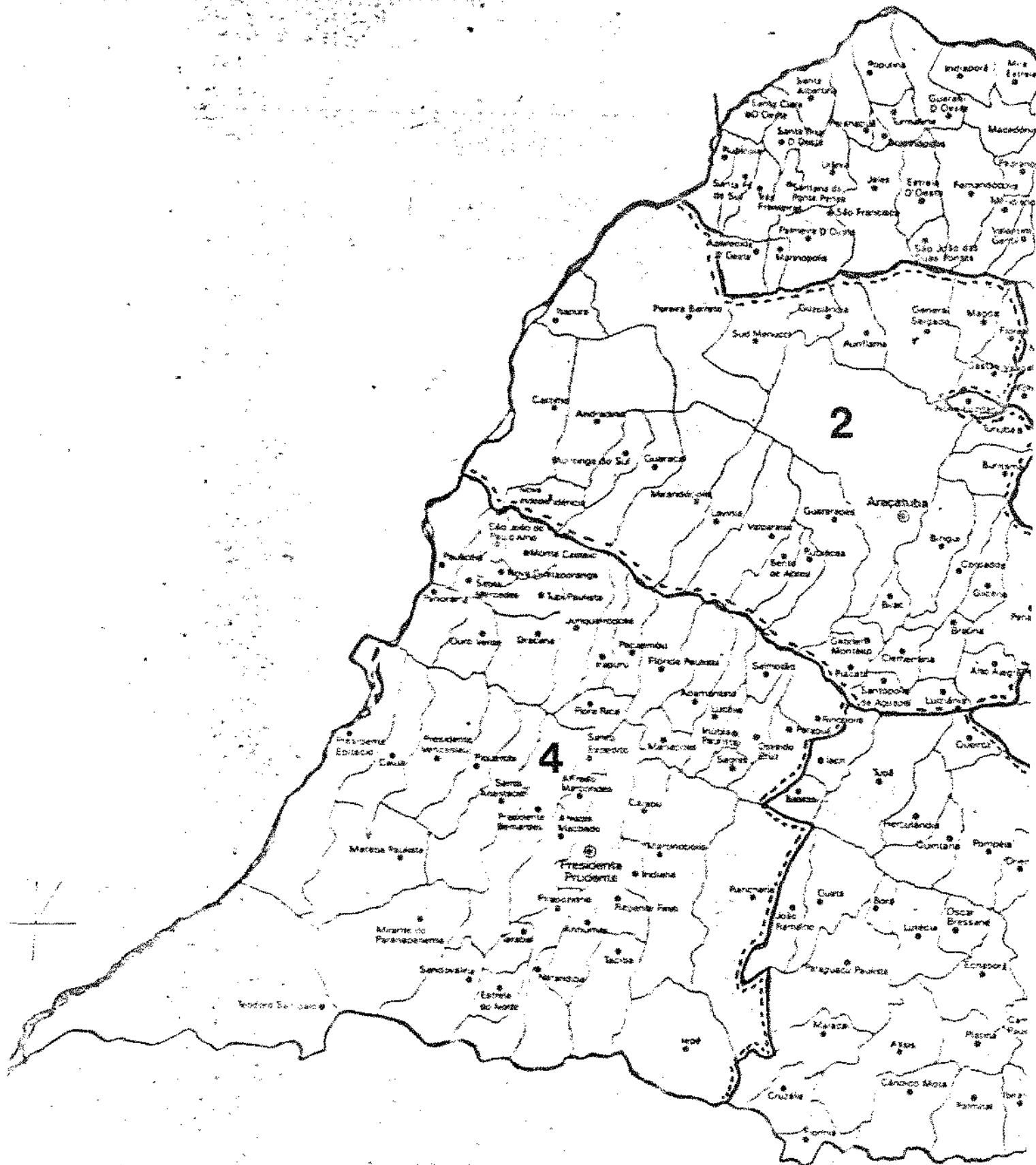
**Legenda:**

divisa de município



divisa de Região Administrativa





**Mapa 2**

Regiões Administrativas Objetos do Estudo

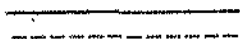
São José do Rio Preto (1)

Araçatuba (2)

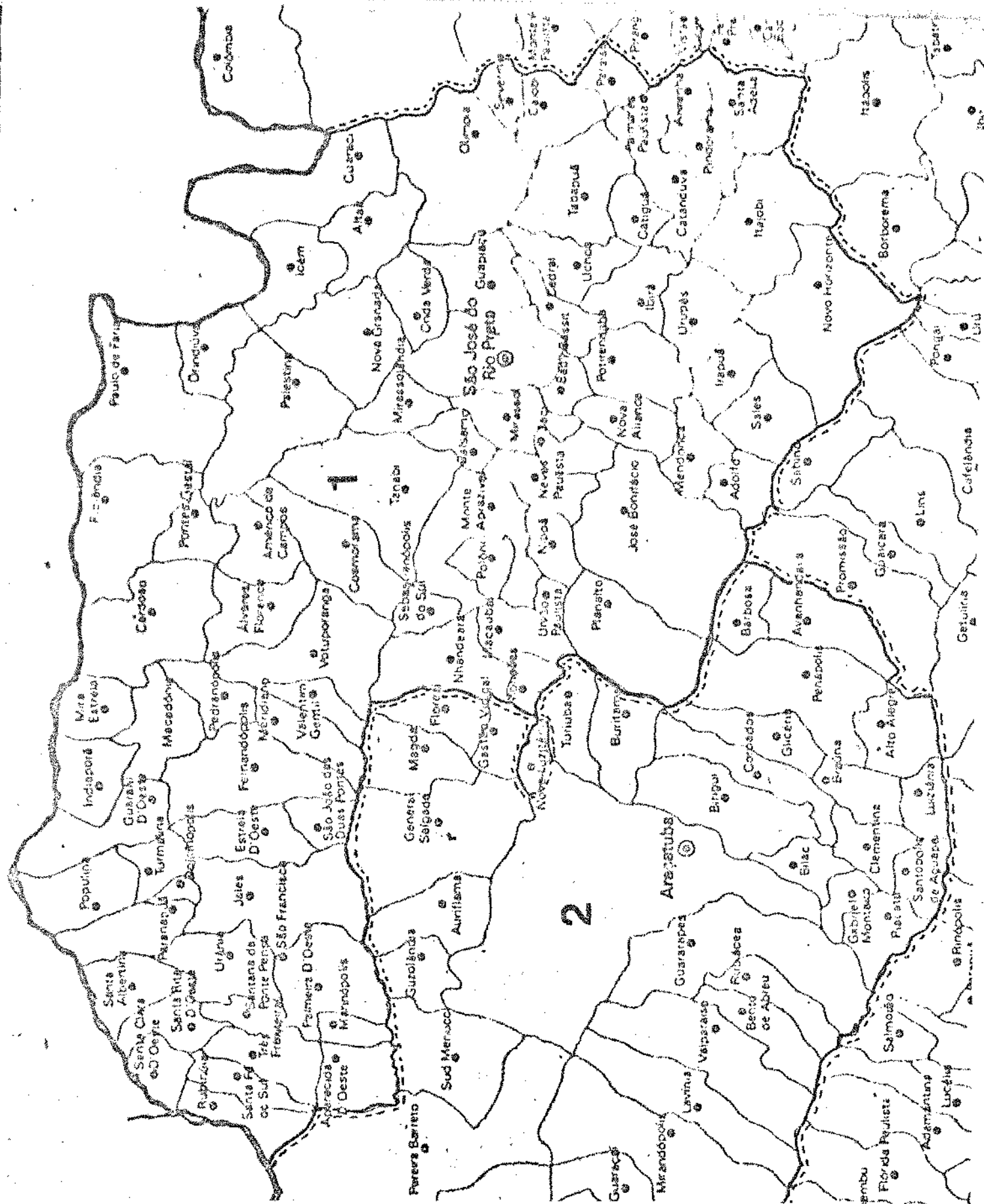
Legenda:



divisa de município



divisa de Região Administrativa



## BIBLIOGRAFIA

- Albuquerque, Rui H.P.L. Capital Comercial Indústria Textil e Produção Agrícola. Editora Hucitec-Cnpq, São Paulo-Brasília, 1982.
- Azevedo, Fernando. Um trem corre para o Oeste. Obras completas, vol. XII, Edições Melhoramentos, São Paulo, s.d.
- Bueno, J.C. de Lima. Estudos sobre evolução da Lei de Zoneamento de São José do Rio Preto. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de Arquitetura e Planejamento da Escola de Engenharia de São Carlos, USP, abr. 1979.
- Campos Filho, Cândido Malta. Bases para análise de política urbana: os interesses sociais em jogo. in: Análise e Conjuntura, Belo Horizonte, mai/ago-1986.
- Campos Filho, Cândido Malta. O processo de urbanização visto do interior das cidades brasileiras: a produção, apropriação e consumo do seu espaço. in: Cidades brasileiras, seu controle ou o caos, Ed. Nobel, São Paulo, 1989.
- Cano, Wilson. Desequilíbrios Regionais e Concentração Industrial no Brasil-1930-1970. Editora Global-FNPE-Editora da Unicamp, Campinas, 1985a.
- Cano, Wilson. Dinâmica da economia urbana de São Paulo: uma proposta de investigação. Revista de Administração de Empresas, Rio de Janeiro, jan/mar de 1985b.
- Cano, Wilson. Padrões diferenciados das principais regiões cafeeiras (1850-1930). in: Revista de Estudos Econômicos, Separata, mai/ago 1985c.
- Cano, Wilson. Questão Regional e urbanização no desenvolvimento econômico brasileiro pós 1930, in: Anais do VI Encontro Nacional da ABEF, 1988a.
- Cano, Wilson. Raízes da Concentração Industrial em São Paulo. DIFEL, 1977.
- Cano, Wilson. Subsídios para a reformulação das políticas de descentralização industrial e de urbanização no estado de São Paulo. in: SEADE Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo(1920-1980) - v.1., n.1., São Paulo, 1988b.

Dean, Warren. A industrialização de São Paulo. Editora da Usp; São Paulo, 1971.

Debes, Célio. A caminho do Oeste. São Paulo, 1968.

Expo Nacional dos Municípios - São José do Rio Preto, Aracatuba, Presidente Prudente e Marília, 1974.

Faria, Vilmar E. Cinquenta anos de urbanização no Brasil. Tendências e perspectivas. Revista Novos Estudos No. 29, março de 1991.

FIBGE. Anuário dos Municípios, s.d.

Fraga, Constantino C.. Resenha Histórica do Café no Brasil, in: Agricultura em São Paulo, ano X, no.1, janeiro de 1963.

Franco, M. S. de Carvalho. Homens Livres na ordem escravocrata. São Paulo, 1969.

Gazeta Mercantil. Polo dinâmico de São José do Rio Preto, S. Paulo, 31/08/1989.

Gomes, Leonardo. Gente que ajudou a fazer uma grande cidade - Rio Preto- Ed.Graf.São José, São Paulo, 1975.

Gonçalves, M. Flora. Processo de Urbanização no Brasil: delimitação de um campo de pesquisa. Revista da ANPOCS, 1986.

Gonçalves, M.Floria e Semeghini, Ulysses, C. Maturação do urbano paulista: generalização de um perfil cruel de urbanização capitalista, in: Anais do VI Encontro Nacional da ABEP, 1988.

Gonçalves, M.Floria. Mudanças na composição setorial do emprego. In: SEADE Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo(1920-1980) - v.1, n.3., São Paulo, 1988.

Governo do Estado de São Paulo- Secretaria de Economia e Planejamento - Plano Regional de São José do Rio Preto, 1978.

Holloway, Thomas H. Imigrantes para o café. Paz e Terra, 1984.

Ianni, Octavio. Uma cidade Antiga. Editora Unicamp; Campinas 1988.

Igreja, Abel C.M.e Camargo, Ana M.M.P., A Agropecuária Paulista, documento final no.3.1.2.- B, do projeto:"São

Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", convênio IPT/Fecamp/IE/UNICAMP, 1991.

Kageyama, Angela A. Crise e estrutura agrária: A agricultura paulista na década de 30. Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Economia Agrária junto à Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz". Piracicaba, 1979.

Leite, Mario. Paulistas e Mineiros Plantadores de Cidades. EDART; São Paulo, 1961.

Leme, Heládio J. de C. A Região Administrativa de Bauru, documento final no. 5.9. do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/ I.E./Unicamp, Campinas, novembro de 1990.

Lessa, Carlos. A crise urbana e o circuito imobiliário, reprodução de nota de aula, s.d.

Lodi, Nilce A. Nota para a história do município de São José do Rio Preto. Revista do Curso de Pedagogia da FFCL - S. J. Rio Preto nº 7, 1974.

Lodi, Nilce A. Rio Preto antigo. in: Aqui e Agora nº 14, IBILCE, UNESP, S.J. Rio Preto, 1980.

Matos, Odilon N. Café e Ferrovias. Editora Alfa-Omega; São Paulo, 1974.

Milliet, Sergio. Roteiro do Café e outros ensaios. Coleção Departamento de Cultura, vol. XXV; São Paulo, 1939.

Monbeig, Pierre. Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo. Hucitec-Polis, São Paulo, 1984.

Negri, Barjas, Gonçalves, M. Flora, Cano, Wilson. O processo de interiorização do desenvolvimento e da urbanização no estado de São Paulo (1920-1980). in: SEADE Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980) - v.1., n.1., São Paulo, 1988.

Negri, Barjas. A Interiorização da Indústria Paulista (1920-1980). in: SEADE Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980) - v.1., n.2., São Paulo, 1988.

Negri, Barjas. Diagnóstico Setorial: A indústria de transformação do estado de São Paulo (1970-1989), documento final no. 3.1.3.- B, do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", convênio IPT/Fecamp/IE/UNICAMP, 1991.

- Nogueira Neto, Thomaz de A.. A crise de 29 e a diversificação da agricultura no estado de São Paulo, in: História Econômica, Ensaios. IPE/USP, 1983.
- Nogueira, Carlos R. São José do Rio Preto 1852-1945 (Apontamentos para a história do grande município paulista), São Paulo, 1952.
- Nogueira, Oracy. O desenvolvimento de São Paulo: Imigração estrangeira e nacional e Índices Demográficos-demógrafo-sanitários e educacionais. São Paulo, 1964.
- Ohtake, M. Flora Gonçalves. O processo de urbanização em São Paulo: dois momentos, duas faces. Dissertação apresentada para obtenção do Título de Mestre em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; São Paulo, 1982.
- Oliveira, Osvaldo L., A Região Administrativa de Presidente Prudente, documento final no 5.12. do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/ I.E./Unicamp, Campinas, novembro de 1990.
- Pacheco, Carlos A. Café e Cidades em São Paulo: Um estudo de caso da urbanização na região de Araraquara e São Carlos 1880/1930, dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp sob a orientação do Prof. Wilson Cano, mimeo Campinas, 1988a.
- Pacheco, Carlos A. Urbanização e alterações na estrutura ocupacional: uma avaliação preliminar das transformações nas cidades médias paulistas entre 1970 e 1980, in: Anais do VI Encontro Nacional da ABEP, 1988b.
- Faes, Castro. A grande São José do Rio Preto, Tipografia S. Domingos, Catanduva, 1967.
- São José do Rio Preto, Prefeitura Municipal - Secretaria Municipal de Planejamento, Plano Diretor de Desenvolvimento, 4 volumes, São José do Rio Preto, 1991.
- São José do Rio Preto, Prefeitura Municipal - Secretaria Municipal de Planejamento, Perfil Municipal, 6 volumes, São José do Rio Preto, 1981.
- São José do Rio Preto, Prefeitura Municipal, Secretaria dos Negócios Jurídicos. Lei nº 4477 (criando a Política Municipal de Desenvolvimento Habitacional), dez/1988.
- São José do Rio Preto, Prefeitura Municipal e Associação Comercial e Industrial. Conjuntura Econômica, 1985-88-87-89.

São Paulo, Governo do Estado. A Batalha dos Transportes no Governo Montoro. São Paulo, 1987.

São Paulo, Governo do Estado. O programa nacional do álcool e a política de desenvolvimento urbano e regional, São Paulo, 1976.

São Paulo, Governo do Estado. O Exame de Políticas Econômicas Setoriais. São Paulo, 1979.

SEADE, Informe Demográfico nº 1, São Paulo, 1981.

SEADE, Análise Demográfica Regional, Araçatuba, São Paulo, 1982a.

SEADE, Análise Demográfica Regional, Bauru, São Paulo, 1983a.

SEADE, Análise Demográfica Regional, Marília, São Paulo, 1983b.

SEADE, Análise Demográfica Regional, Presidente Prudente, São Paulo, 1983c.

SEADE, Análise Demográfica Regional, São José do Rio Preto, São Paulo, 1982b.

SEADE, Anuário Estatístico do estado de São Paulo, 1988a, 1989a.

SEADE, Informe Demográfico, vários números, São Paulo.

SEADE, Perfil Municipal 2 volumes, São Paulo, 1989b.

SEADE, Características gerais do processo de industrialização paulista. São Paulo, 1988b.

SEADE, Informe Demográfico no. 23. São Paulo, 1990.

SEADE/SABESP, Projeção da população dos municípios e distritos pertencentes à região II de planejamento da SABESP segundo a situação de domicílio urbano e rural, até o ano 2010. Vol. 2 Regiões Administrativas; São Paulo, 1988.

Semeghini, Ulysses C. Campinas (1860 a 1980) Agricultura, industrialização e urbanização. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Economia da Unicamp sob a orientação do Prof. Wilson Cano, mimeo, Campinas, junho de 1988.

Semeghini, Ulysses C., A Região Administrativa de Ribeirão Preto, documento final no.5.6. do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da

- Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/ I.E./Unicamp, Campinas, agosto de 1990.
- Silva, Liana M.L.A. da, No Limiar da Industrialização - Estado e Acumulação de Capital, 1919-1937. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp, mimeo, Campinas, 1976.
- Singer, Paul. Desenvolvimento econômico e evolução urbana. Cia. Editora Nacional; São Paulo, 1977.
- Tartaglia, J.C. e Oliveira, O.L. A Agricultura Paulista e sua dinâmica regional (1920-1980). in: SEADE, Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980) - v.1, n.2., São Paulo, 1988.
- Tavares, Maria da Conceição. Acumulação de capital e industrialização no Brasil. Tese de Livre-Docência, UFRJ, Editora UNICAMP, Campinas, 1986.
- Vasconcelos, Luiz A.T. A Região Administrativa de São José do Rio Preto, documento final no.5.3 do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/ I.E./Unicamp, Campinas, outubro de 1990a.
- Vasconcelos, Luiz A.T., Estudo de Caso - Município de São José do Rio Preto, relatório final, parte III da pesquisa: O Estado e o Capital Mercantil Urbano na Urbanização Paulista 1970-1980; Convênio Secretaria de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo/Fecamp/Instituto de Economia-Unicamp, Campinas, fevereiro de 1990b.
- Vasconcelos, Luiz A.T., A Região Administrativa de Aracatuba, documento final no.5.10. do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/ I.E./Unicamp, Campinas, dezembro de 1990c.
- Votta, Guilherme. Almanach D'Oeste do estado de São Paulo para 1940.
- Zimmermann, Gustavo. O Município no Sistema Tributário: Os municípios paulistas e o caso de Campinas, in: SEADE, Coleção Economia Paulista - A interiorização do Desenvolvimento Econômico no Estado de São Paulo (1920-1980) - v.1, n.3., São Paulo, 1988.
- Zimmerman, Gustavo. A Região Administrativa de Marília, documento final no.5.11. do projeto: "São Paulo no limiar do século XXI 1980-2000", parte 5: "Cenários da

Urbanização Paulista", convênio Cia Metrô /SRL/ Fecamp/  
I.E./Unicamp, Campinas, novembro de 1990.